

**OS ESTILOS PARENTAIS E SUA RELAÇÃO COM A INDECISÃO PROFISSIONAL,  
ANSIEDADE E DEPRESSÃO DOS FILHOS ADOLESCENTES**

Marúcia Patta Bardagi

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia do Desenvolvimento,  
desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Claudio Simon Hutz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento  
Porto Alegre, Março de 2002

“Os pais de hoje já não escutam seus filhos. Perderam completamente o respeito pelos mais jovens.” (Oscar Wilde)

Aos responsáveis principais pelo meu desenvolvimento,  
meus pais João e Gilda, que me ensinaram o significado prático do termo autoritatividade,  
com amor.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Claudio, pela disponibilidade em aceitar meu interesse de pesquisa, em primeiro lugar, e pelo apoio e ajuda indispensáveis em todos os momentos em que eu precisei e solicitei;

Aos participantes da banca, professores Tânia M. Sperb, William B. Gomes e Jorge C. Sarriera, pelas contribuições que ajudaram a aperfeiçoar este trabalho;

Aos meus colegas de mestrado, Clarissa, Daniela, Elisa, Lenisa, Lisiane, Luciano, Verônica e Viviane, pelos momentos compartilhados de alegria, descontração, criação, e também pelo apoio mútuo que pudemos ter nos momentos mais difíceis destes dois anos;

Aos meus colegas do laboratório, Carlos, Cláudia, Débora D., Francisco e João, pelas contribuições, pelo ouvido treinado, pelo tempo que puderam me dedicar, e pelo sentimento de grupo que desenvolvemos;

Aos professores do programa, Denise, Jandira, Maria Alice, Tânia, Piccinini e William, pelo aperfeiçoamento que me auxiliaram a alcançar enquanto pesquisadora em Psicologia;

Aos funcionários Alziro, Fabíola e Margareth, pelo esforço em resolver os problemas, quebrar os galhos e deixar tudo organizado;

Aos colegas da Orientação Profissional, Andréia, Ioneide e Mônica, por compartilharem dos mesmos interesses e angústias, e por estarem sempre prontos a discutir, sugerir e incentivar;

À professora Maria Célia, pela inspiração, pelo modelo e pela amizade que me permitiram ir além do que pensava no campo da Orientação Profissional;

Às amigas do coração e também colegas de pós e outras pesquisas, Ângela, Caroline, Débora F., Janaína e Patrícia, por estarem sempre presentes, na hora do trabalho e nos momentos de lazer, sempre com sua amizade e apoio incondicionais;

Ao colega Marco Teixeira, pela ajuda inestimável na preparação, desenvolvimento e finalização do trabalho;

Aos amigos de outros tempos e outros cantos, Alícia, Aline, Clarisse, Chris B., Cris M., Fernanda, Milena, Patrícia V., por participarem direta ou indiretamente de todo esse processo, resolvendo dúvidas, suportando angústias e ausências e confiando sempre;

Aos familiares, meus pais, a quem dedico este trabalho, meu irmão Marcos, minha cunhada Mari, minhas sobrinhas queridas Alice e Júlia, meus padrinhos Jussara e Ênio e

minhas primas Lídia e Maria Clara, por todo o carinho, apoio e confiança que sempre me deram nesta empreitada e em muitos outros momentos;

Às escolas, por abrirem suas portas permitindo a realização deste estudo, e aos adolescentes, por colaborarem fornecendo informações a respeito de si, e por acreditarem na eficiência de processos de ajuda em momentos de dúvida;

Às alunas do curso de Psicologia, Carolina Hartmann e Vanessa Nachtigall, pela colaboração incansável, mesmo nas fases menos atraentes do trabalho;

Ao CNPq, pelo apoio financeiro que possibilitou a realização deste estudo.

Obrigada, pois este trabalho tem somente o meu nome, mas o apoio, a confiança e o carinho  
de todos vocês,  
Marúcia.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	7
LISTA DE FIGURAS .....	8
RESUMO .....	9
ABSTRACT .....	10
CAPÍTULO I- INTRODUÇÃO .....	11
1. O Adolescente e a Escolha Profissional .....	12
1.1 A Indecisão Profissional .....	15
1.2 A Influência Familiar no Processo de Escolha Profissional .....	20
2. Os Estilos Parentais .....	23
2.1 Fatores que Influenciam os Estilos Parentais .....	29
2.2 Estilos Parentais e Variáveis de Desempenho e Bem-Estar Psicológico .....	33
3. Especificação do Problema .....	35
CAPÍTULO II- MÉTODO	
Participantes .....	38
Instrumentos e Materiais .....	39
Procedimento e Considerações Éticas .....	43
CAPÍTULO III- RESULTADOS .....	45
CAPÍTULO IV- DISCUSSÃO .....	57
Considerações Finais .....	68
REFERÊNCIAS .....	72
ANEXOS	
A. Tabela 8. Profissões Citadas pelos Adolescentes da Amostra .....	85
B. Questionário Sócio-Demográfico .....	87
C. Escala de Estilos Parentais .....	88
D. Análise Fatorial da Escala de Estilos Parentais .....	90
E. Escala de Indecisão Profissional .....	92
F. Inventário Beck de Depressão .....	94
G. Inventário Beck de Ansiedade .....	96
H. Consentimento Informado .....	98
I. Parecer da Comissão de Pesquisa do IPSI/UFRGS .....	99

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Características Sócio- demográficas da Amostra .....	39
Tabela 2. Médias e Desvios-padrão de Ansiedade, Indecisão e Depressão por Sexo e Tipo de Escola.....	47
Tabela 3: Médias e Desvios-padrão das Variáveis Exigência, Responsividade e Intrusividade Parentais Obtidos por Meninas e Meninos .....	48
Tabela 4: Correlações entre Indecisão, Ansiedade, Depressão, Idade, Renda, Número de Irmãos, Profissão dos Pais, Responsividade, Exigência e Intrusividade Parentais.....	50
Tabela 5: Resultados das Análises de Regressão das Medidas de Indecisão, Ansiedade e Depressão .....	51
Tabela 6. Médias e Desvios-padrão de Indecisão, Ansiedade e Depressão de acordo com os Estilos Parentais Percebidos .....	55
Tabela 7. Resultados da Manova .....	56
Tabela 8. Profissões Citadas pelos Adolescentes da Amostra .....	84
Tabela 9. Análise Fatorial da Escala de Estilos Parentais .....	89

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Frequência dos Estilos Parentais Paterno, Materno e Combinado Descritos pela Amostra .....	52
Figura 2. Frequências do Estilo Parental Combinado de acordo com Sexo e Tipo de Escola .....	54



## RESUMO

Este estudo investigou a influência dos estilos parentais sobre a indecisão profissional, ansiedade e depressão de 467 estudantes de ambos os sexos, do último ano do Ensino Médio de escolas públicas e privadas, com idades entre 15 e 20 anos. Foram observadas correlações positivas entre indecisão, ansiedade e depressão. Meninas apresentaram índices maiores de ansiedade e alunos da rede pública apresentaram maiores índices de ansiedade e depressão. Os estilos autoritativo e negligente predominaram, mas meninos caracterizaram as mães como mais negligentes e menos autoritativas. Sexo e estilo parental tiveram efeitos independentes sobre ansiedade e depressão. Filhos de pais autoritários e negligentes apresentaram escores mais altos de depressão e ansiedade. Filhos de pais negligentes obtiveram os piores escores nas três medidas. Os achados confirmam a influência dos estilos parentais sobre o bem-estar psicológico dos adolescentes e apontam a importância da saúde emocional e da interação familiar nos processos de Orientação Profissional.

Palavras – chave: estilos parentais; indecisão profissional; bem-estar psicológico;

## ABSTRACT

This study investigated how perceived parenting styles influence adolescents' career indecision, anxiety, and depression levels. Participants were 467 students of both sexes from private and public high schools, aged 15 to 20 years ( $M= 16,9$ ). Positive correlations were found between indecision, anxiety, and depression. Girls scored significantly higher in anxiety and public schools students scored higher in anxiety and depression. Authoritative and neglectful styles were prevalent in the sample. Boys perceived higher maternal neglectfulness and lower maternal authoritativeness. Sex and parenting style independently affected anxiety and depression. Adolescents from authoritarian and neglectful families scored significantly higher in depression and in anxiety. Adolescents from neglectful families had the worst results. The results confirmed the importance of parenting styles for adolescents' well-being and suggest that professional guidance processes should include family interaction aspects and focus on adolescents' mental health.

Key- words: parenting styles; career indecision; psychological well-being;

## CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

A adolescência tem sido uma fase do desenvolvimento muito enfocada por teorias e estudos de diversas áreas, especialmente da Psicologia. Isto se deve, principalmente, em função das importantes mudanças no desenvolvimento biológico, psicológico e social que ocorrem nesse período (Sobreira-Lopes, 1994; Steinberg, 1999). Como o adolescente não é um ser em desenvolvimento *per se*, mas um ser em desenvolvimento contextualizado na relação com diversos âmbitos, como apontou Lassance (1999), estas mudanças devem ser observadas no estudo das relações entre o adolescente e os diversos contextos (familiar, escolar, cultural) nos quais ele se desenvolve.

Um destes importantes contextos é o familiar, onde a forma como as relações entre pais e filhos se estabelecem é responsável pelo desenvolvimento de grande parte dos comportamentos e habilidades dos filhos. Como salientaram Tubman e Lerner (1994), desde as últimas décadas houve um crescente interesse nos aspectos interpessoais das relações entre pais e filhos, tanto em termos de processos normativos do desenvolvimento quanto da etiologia de aspectos patológicos do comportamento dos filhos. Para Cooper (1994), as experiências dos adolescentes de individualidade e proximidade na família afetam tanto a competência individual quanto a interpessoal. A origem das competências-chave para os relacionamentos com pares e no mundo social pode, então, estar nas experiências familiares. Dessa forma, é importante entendermos a interface entre as relações dentro da família e as competências expressas fora dela.

Uma das formas de avaliar as interações familiares e seu impacto sobre os filhos é a investigação dos estilos parentais (Baumrind, 1967, 1971), abordagem muito utilizada em estudos internacionais, mas pouco conhecida no Brasil. Dentro dessa metodologia de análise, são estabelecidos quatro estilos parentais para descrever as formas como os pais se relacionam com seus filhos e suas conseqüências. Os estilos descritos são o autoritativo (índices altos de exigência e responsividade), o autoritário (índice alto em exigência e baixo em responsividade), o indulgente (índice baixo em exigência e alto em responsividade) e o negligente (índices baixos em exigência e responsividade). Os estilos parentais têm sido correlacionados a vários aspectos do desenvolvimento de crianças e adolescentes em diversas culturas (Chen, Dong & Zhou, 1997; Costa, Teixeira & Gomes, 2000; Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991; Shek, 1997).

O período da adolescência marca, entre outros aspectos, o momento em que o indivíduo é chamado a definir e afirmar uma escolha profissional e preparar-se para a entrada no mundo do trabalho (Kalakosky & Nurmi, 1998; Schulenberg, Goldstein & Vondracek, 1991; Teixeira, 1998). Richardson (1993) apontou o trabalho como uma das características críticas e centrais do funcionamento humano. A escolha deste trabalho é, então, um dos momentos-chave do desenvolvimento. A importância dos pais no momento da decisão já foi demonstrada em uma série de estudos internacionais e brasileiros. Foram realizadas pesquisas mostrando a importância dos pais como modelos (Steele & Barling, 1996), como fontes de apoio à escolha (Larose & Boivin, 1998) e à exploração de carreira (Destri, 1996; Frischenbruder, 1999) e como fontes de interesses e valores profissionais e educacionais (Magalhães, 1995). Lopez e Andrews (1987) apontaram que a escolha ou indecisão do adolescente pode ser entendida não como uma realização ou traço de personalidade individual, mas como o resultado de uma série de interações entre o indivíduo e a família.

A união destes dois contextos de análise para investigação da influência dos diferentes estilos parentais na facilitação da escolha ou na indecisão profissional do adolescente ainda é um aspecto inexplorado nas pesquisas em desenvolvimento vocacional. Além disso, também não há muitas pesquisas que comparem aspectos relativos à influência familiar ou desenvolvimento vocacional entre estudantes das redes pública e privada de ensino. Nesse sentido, este estudo buscou preencher essa lacuna, identificando as relações entre os estilos parentais e a indecisão profissional em uma amostra de adolescentes de escolas particulares e públicas de Porto Alegre.

## **1. O Adolescente e a Escolha Profissional**

O indivíduo defronta-se, no período da adolescência, com algumas tarefas consideradas cruciais para o seu desenvolvimento. Entre essas tarefas está o estabelecimento da escolha profissional<sup>1</sup>. Embora escolhas e preocupações profissionais estejam presentes durante todas as etapas do desenvolvimento de uma pessoa, a população adolescente é a que mais demanda atenção na área do desenvolvimento vocacional, pois há uma pressão crescente durante essa

---

<sup>1</sup> Neste estudo os termos profissional, vocacional e de carreira serão utilizados como sinônimos. Apesar das diferenças epistemológicas que seu uso implica, será respeitada a escolha dos autores por cada termo. Além disso, a não diferenciação entre eles não acarreta, neste estudo, prejuízos ao entendimento das proposições e resultados empíricos apresentados.

fase para que sejam trabalhadas questões relativas à carreira (Frischenbruder, 1999; Kalakosky & Nurmi, 1998; Teixeira, 1998) e para que sejam definidos as primeiras escolhas e interesses profissionais, descritos como preferências por certas atividades ou ambientes de trabalho (Schulenberg, Goldstein & Vondracek, 1991).

A escolha de carreira tem se tornado cada vez mais importante, pois em nossa sociedade é o trabalho, mais do que qualquer outra característica, que forma a base da identidade das pessoas, a maneira pela qual elas se vêem e se descrevem (Vondracek, 1998). Quanto mais confrontados com problemas e estressores vocacionais, pior é a saúde mental dos adolescentes, e os efeitos de conflitos vocacionais tendem a perdurar por muito tempo, até a idade adulta (Goede, Spruijt, Iedema & Meeus, 1999). A preocupação com a escolha adolescente torna-se, diante dessa constatação, legítima e crescente nos estudos com adolescentes.

Desde as formulações de Parsons (1909, citado por Brown, Brooks & Ass., 1996), no início do século, considerado como o primeiro teórico do desenvolvimento vocacional, vários modelos e teorias foram desenvolvidos para explicar o desenvolvimento vocacional do indivíduo e a tomada de decisão de carreira. Não há, na literatura, um consenso quanto a melhor forma de classificar essas teorias, e os pesquisadores têm feito classificações diferentes ao realizarem revisões históricas da área (Brown, Brooks & Ass., 1996; Dudley & Tiedman, 1977; González, 1995; Levenfus, 1997; Pimenta, 1981).

Segundo Pimenta (1981), buscando uma convergência entre as classificações, é possível dividir as teorias estabelecidas do desenvolvimento vocacional em quatro tipos: teorias do traço e fator (ou tipológicas, que se vinculam à Psicologia das diferenças individuais e à análise das ocupações), teorias psicodinâmicas (que explicam a escolha através dos impulsos e motivações inconscientes, centrando a preocupação na dinâmica interna do indivíduo), teorias desenvolvimentais (que afirmam que as decisões vocacionais começam na infância e vão até a idade adulta, enfatizando o aspecto seqüencial do comportamento vocacional) e teorias da decisão (que se vinculam a um enfoque cognitivo da solução de problemas e utilizam modelos de tomada de decisão). Outras teorias influentes na área do desenvolvimento vocacional, apontadas por Brown, Brooks e associados (1996), são as teorias de aprendizagem, as teorias sociológicas e as teorias contextualistas do desenvolvimento vocacional.

Cada uma dessas teorias implica uma concepção filosófica da realidade, do conhecimento, da pessoa e dos valores, assim como dos componentes teóricos da intervenção.

A diferença entre os enfoques, segundo González (1995), se dá pelas diferentes respostas aos aspectos filosóficos e a maior ou menor congruência entre os aspectos teóricos e a proposta de intervenção. Críticas recentes às teorias tradicionais dizem que elas são baseadas em valores da classe média branca e que falham em incluir variáveis culturais. Além disso, fazem suposições errôneas, como o acesso de todos às mesmas informações e oportunidades ocupacionais, o trabalho como um valor central para todos os indivíduos, entre outras (Kerka, 1998). A solução, segundo González (1995), seria a adoção de um modelo eclético, baseado em estratégias e técnicas variadas, desde que congruente com os pressupostos teóricos assumidos.

Este estudo, embora não tenha sido desenvolvido dentro de uma perspectiva teórica específica, utilizou principalmente os achados empíricos desenvolvidos dentro das perspectivas desenvolvimentais e de aprendizagem, que enfatizam os aspectos da indecisão e as influências familiares no desenvolvimento vocacional. O enfoque desenvolvimental mostra a tomada de decisão como um processo que ocorre ao longo da vida do indivíduo e que vai ser influenciado por aspectos econômicos, psicológicos e sociais. Já o enfoque da aprendizagem mostra que os comportamentos, atitudes, interesses e valores vocacionais vão sendo adquiridos e modificados a partir das experiências de aprendizagem e que a maturidade vocacional configura-se como resultante dos determinantes pessoais e ambientais em interação (González, 1995). Nos dois enfoques, as interações familiares que se estabelecem desde a infância desempenham papel fundamental na formação da identidade profissional do adolescente.

Uma boa escolha ou decisão tem sido avaliada pela forma como é tomada e pelas conseqüências cognitivas e afetivas que produz. Destri (1996), em uma revisão da literatura, apontou que aspectos individuais como valores, desempenho escolar, expectativas de auto-eficácia e maturidade de carreira têm sido descritos como determinantes da escolha profissional. Ela salientou, ainda, que a atenção dos pesquisadores tem se deslocado progressivamente das dimensões e características individuais para aspectos mais contextuais da tomada de decisão, como a influência familiar. Outros fatores determinantes para a escolha, apontados na literatura, são a importância e a dificuldade percebidas da profissão (Stockard & Mgee, 1990), a etnia (Lankard, 1995), a presença de ansiedade e/ou depressão (Hawkins, Bradley & White, 1977; Saunders, Peterson, Sampson & Reardon, 2000), a auto-eficácia percebida (Frischenbruder, 1999; Osipow, 1999), a independência e/ou proximidade dos pais (Blustein, Walbridge, Friedlander & Palladino, 1991; Lankard, 1995; Larose & Boivin, 1998),

a identidade vocacional (Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Vondracek, Schulenberg, Skorikov, Gillespie & Wahlheim, 1995), a capacidade de exploração de carreira (Blustein, Pauling, DeMania & Faye, 1994; Frischenbruder, 1999; Kracke, 1997), o autoconceito (Frischenbruder, 1999) e os eventos de vida, entre os quais estão as práticas e personalidades parentais, os indicadores socioeconômicos e as atividades escolares (Graef, Wells, Hyland & Muchinsky, 1985; Lankard, 1995).

Dois aspectos importantes do desenvolvimento de carreira são as diferenças de gênero e o nível socioeconômico (NSE). Diferenças de gênero quanto aos interesses de carreira foram demonstradas por estudos como os de Schulenberg, Goldstein e Vondracek (1991) e Stockard e Mgee (1990), que mostraram como tais diferenças normalmente se referem às diferenças tradicionais de papel sexual. O nível de certeza de carreira, por exemplo, aparece relacionado aos interesses consistentes com papéis sexuais tradicionais. No entanto, Schulenberg e colaboradores (1991) apontaram que é preciso olhar para além dos efeitos principais de gênero. Características como as aspirações educacionais, entre outras, podem atuar como moderadores dessas diferenças. Práticas socializadoras empregadas pelos pais com seus filhos e filhas podem também determinar algumas das diferenças de gênero no desenvolvimento vocacional (Schulenberg, Vondracek & Crouter, 1984). Quanto ao nível socioeconômico, Rojewski (1994) observou que adolescentes de NSE baixo têm menores índices de maturidade de carreira. Isso pode ser devido ao menor acesso às informações ocupacionais, modelos inconsistentes e menores oportunidades de trabalho percebidas (Kerka, 1998). Ao mesmo tempo, estes adolescentes costumam ter expectativas tão altas quanto os adolescentes de NSE alto.

### **1.1 A Indecisão Profissional**

Levenfus (1997) salientou que o adolescente encontra-se cognitivamente instrumentalizado para lidar com a tarefa da escolha se estiver apropriadamente informado acerca das profissões e suas possibilidades, bem como das próprias habilidades e interesses. Afetivamente, porém, inúmeras ocorrências poderão dificultar essa escolha. É normalmente difícil para as pessoas se comprometerem com uma escolha profissional (Hall, 1992). Para os adolescentes, esse processo pode se tornar ainda mais sofrido. A dificuldade em estabelecer um comprometimento com uma escolha profissional é chamada de indecisão.

A indecisão tem sido caracterizada como um construto complexo que reflete importantes obstáculos sociais e pessoais à escolha profissional (Hartman, Jenkins, Fuqua & Sutherland, 1987). Osipow (1999) conceituou a indecisão como um estado que vem e vai ao longo do tempo à medida que as decisões são tomadas, implementadas, se tornam obsoletas e, eventualmente, se chega à necessidade de uma nova decisão (produzindo um novo estado temporário de indecisão). Dentro dessa perspectiva, muitos autores apontaram a indecisão como um estado normal e esperado na adolescência, frente a questões como a escolha de carreira (Gómez, 1995; Hall, 1992; Heppner & Hendricks, 1995; Holland & Holland, 1977; Krumboltz, 1992; Osipow, 1999). Krumboltz (1992) salientou que aqueles que se declaram decididos recebem uma acolhida maior no meio social, especialmente se suas metas foram pinçadas dentro das ocupações de maior prestígio. Por outro lado, aqueles que respondem 'não sei' à pergunta sobre sua opção profissional recebem pouco ou nenhum reforçamento social. Aqueles que não declaram uma opção estão sujeitos a um número grande de estímulos provocadores de ansiedade ou depressão.

Savickas (1995) observou que a indecisão já foi estudada como uma dicotomia (entre decididos e não-decididos) e como um *continuum* unidimensional (que variava dos mais indecisos até os mais decididos). Hoje, os estudos parecem ser congruentes em apontar o fenômeno da indecisão como um fenômeno multidimensional e em salientar a heterogeneidade dos contextos de indecisão e dos indivíduos indecisos (Callahan & Greenhaus, 1992; Eigen, Hartman & Hartman, 1987; Fuqua, Blum & Hartman, 1988; Hartman, Fuqua & Jenkins, 1988; Hartman & cols., 1987; Holland & Holland, 1977; Peterson, Sampson & Reardon, 1991; Schulenberg, Shimizu, Vondracek & Hostetler, 1988; Taylor, 1982; Vondracek, Hostetler, Schulenberg & Shimizu, 1990).

Tentativas de fornecer explicações potenciais para a indecisão iniciaram com estudos que investigavam correlatos e moderadores de indecisão e as características que diferenciavam os indivíduos decididos daqueles indecididos (Graef & cols., 1985). Holland e Holland (1977), em um estudo clássico com 1697 adolescentes, concluíram que indivíduos decididos e indecisos são, na verdade, muito parecidos em várias características e que as diferenças encontradas são sempre confusas ou conflitantes. Todavia, características como baixa competência social, baixa autoconfiança, ansiedade, baixo envolvimento em atividades escolares, poucas habilidades para avaliar e organizar a informação relevante, baixa auto-eficácia, maior estresse psicológico, crenças irracionais, baixa capacidade de tomar decisões em geral e baixo senso de identidade foram relacionadas à indecisão por esses e outros autores



(Gómez, 1995; Magalhães, 1995; Taylor, 1982). Hartman e colaboradores (1987) acrescentaram a falta de informação sobre as carreiras e sobre as próprias habilidades e interesses como contribuindo para a indecisão. Em seu estudo, eles observaram, ainda, não haver diferenças significativas entre os escores de indecisão entre meninos e meninas.

Em um estudo fenomenológico sobre a experiência de indecisão profissional em adolescentes de Porto Alegre, Magalhães (1995) salientou, entre outros achados, que os indivíduos mais indecisos apresentaram uma dependência maior em seus relacionamentos interpessoais dentro e fora do grupo familiar. Em uma revisão da literatura, Taylor (1982) citou estudos que confirmam a presença de ansiedade, dependência e baixa auto-estima em indivíduos indecisos. Entre as variáveis correlacionadas com indecisão, a ansiedade parece ter papel fundamental tanto pelo volume de estudos produzidos quanto pela sua importância dentro das teorias de personalidade e desenvolvimento (Gómez, 1995). Magalhães, Lassance e Gomes (1998) mostraram que os adolescentes mais decididos apresentam mais descrições espontâneas analisando opções profissionais. Embora levassem em conta as opiniões dos pais, não se mostravam tão confusos ou influenciáveis, mantendo uma postura de autonomia. As atitudes e comportamentos de sujeitos decididos compreenderiam um conjunto de fatores interligados, entre os quais o envolvimento ativo em atividades exploratórias, a autonomia para a tomada de decisões e um planejamento de carreira à longo prazo. Os indivíduos indecisos, por sua vez, tinham um discurso mais retraído e dificuldades de exploração das possibilidades profissionais. Mostravam-se, ainda, mais perturbados pelas intervenções familiares.

As pessoas podem estar com dificuldades para realizar uma escolha profissional por diversas razões e os estudos propõem um número variado de classificações de indecisão. Tomando como base a ampla classificação feita por Peterson e colaboradores (1991), teríamos três tipos de situação de carreira: a) Situação de Decisão, onde os indivíduos são capazes de assumir um compromisso público ou privado com uma escolha profissional específica; b) Situação de Indecisão, onde os indivíduos não assumiram um compromisso com uma escolha específica pois ainda lhes falta experiência ou conhecimento necessários para isso e c) Situação de Indecisividade, que compreende os indivíduos que não assumiram uma escolha profissional por terem falta de habilidades de tomada de decisão e uma dificuldade geral de solução de problemas, além de altos níveis de ansiedade. É importante salientar que o primeiro grupo pode incluir aqueles que fazem uma escolha pública como uma estratégia para evitar conflitos com outros significativos, mas que na verdade estão indecisos ou indecididos. Além

disso, o segundo grupo pode incluir aqueles que ainda não fizeram uma escolha e não têm necessidade de fazê-la no momento e aqueles que não fizeram uma escolha mas têm uma superabundância de talentos, interesses e possibilidades ocupacionais. Essa classificação expõe, além da heterogeneidade dos contextos de decisão e indecisão, outro aspecto crucial do desenvolvimento vocacional na atualidade, qual seja, a diferença entre indecisão e indecisividade.

A diferenciação entre indecisão e indecisividade especificada por Peterson e colaboradores (1991) está presente em muitos estudos na área do desenvolvimento vocacional (Gómez, 1995; Heppner & Hendricks, 1995; Osipow, 1999; Salomone, 1982; Vondracek & cols., 1990). A indecisão aparece como uma condição situacional, envolvendo componentes mais cognitivos e racionais, que faz parte do processo normal de escolha de carreira. A indecisividade, por sua vez, mostra-se como uma característica mais estável, crônica, envolvendo componentes emocionais, correlacionada com ansiedade, *locus* de controle externo, baixa auto-estima e baixa autonomia (Salomone, 1982). A indecisividade, ao contrário de indecisão, não é uma parte comum do crescimento e desenvolvimento humano, mas sim uma dificuldade pessoal que se generaliza por várias situações que demandam escolhas, estando presente em outras situações da vida e não somente no momento da escolha profissional (Gómez, 1995; Goodstein, 1972).

Considerando a classificação feita por Peterson e colaboradores (1991) e a diferenciação entre indecisão e indecisividade, a literatura mostra-se inconsistente e pouco objetiva no estabelecimento das características dos indivíduos dos diversos grupos. Fuqua e Hartman (1983) consideraram que somente através de sinais como ansiedade ou depressão é possível identificar a presença de indecisividade ou de tipos específicos de indecisão. É preciso, segundo Fuqua e colaboradores (1988), explorar mais as relações entre ansiedade e indecisão de carreira, bem como investigar outros correlatos emocionais da indecisão.

A relação entre indicadores de ansiedade e depressão e indecisão de carreira é confirmada por outros estudos (Frischenbruder, 1999; Hawkins, Bradley & White, 1977; Jones & Winer, 1991). Como observaram Callahan e Greenhaus (1992), as conseqüências da decisão não são necessariamente boas, assim como as conseqüências da indecisão não são necessariamente ruins. Os estados emocionais que acompanham esses contextos servem, então, como indícios das condições do indivíduo. Jones e Winer (1991) apontaram que a pressão social para que o adolescente tome uma decisão faz com que ela seja vivida insatisfatoriamente e correlacionada com ansiedade. Em seu estudo experimental, o

fornecimento de informações relativas à carreira não serviu para diminuir a ansiedade dos adolescentes, o que sugere que a presença de indicadores emocionais pode estar relacionada a outros aspectos que não a profissão em si. Um desses aspectos pode ser o padrão de interação familiar. A ansiedade pode representar, também, como observaram Guerra e Braungart-Rieker (1999), uma expectativa de desaprovação da escolha do adolescente por parte dos pais. É importante que o adolescente perceba a possibilidade de autonomia e também apoio emocional para suas decisões. Krumboltz (1992) apontou a ansiedade como decorrente da ausência de uma aprendizagem de habilidades para tomada de decisões. Quanto às diferenças de sexo, as mulheres parecem apresentar níveis substancialmente mais elevados de ansiedade do que os homens, independentemente da situação (Hewitt & Norton, 1993).

Em relação à presença de sintomas depressivos, a literatura mostra que a prevalência desses sintomas varia de 0,4 e 8,3% das amostras investigadas (Baptista, Baptista, & Dias, 2001; Chartier & Lassen, 1994; Muris, Schmidt, Lambrichs & Meesters, 2001), tornando a depressão um aspecto relativamente comum na adolescência. Steinberg (1999) e Muris, Schmidt, Lambrichs e Meesters (2001) apontaram que, ao contrário da infância, onde os problemas de externalização são mais frequentes, na adolescência são mais frequentes os problemas de internalização (depressão, ansiedade e queixas somáticas). Situações de estresse, como a decisão de carreira, são potencialmente eliciadoras de depressão e ansiedade. Outros correlatos de depressão são stress, *coping* desadaptativo, abuso físico e sexual (Schraedley, Gottlib, & Hayward, 1999), estilo atribucional, práticas parentais inadequadas, baixa auto-eficácia percebida (Muris, Schmidt, Lambrichs & Meesters, 2001), idade e nível socioeconômico (Schraedley, Gottlib & Hayward, 1999). Em sua dissertação de mestrado, Frischenbruder (1999) constatou que adolescentes deprimidos buscavam menos informação profissional, tendiam a avaliar negativamente a informação recebida e apresentavam menor certeza sobre suas preferências profissionais.

Entre os fatores protetivos para a depressão estariam a competência social, auto-estima positiva, rendimento escolar satisfatório e apoio social percebido (Merikangas & Angst, 1995). Estudos sobre diferenças de sexo e presença de sintomas depressivos mostram que, assim como em relação à ansiedade, meninos também são menos propensos a apresentá-los do que meninas, especialmente em situações interpessoais (Rudolph & Hammen, 1999; Schraedley, Gottlib & Hayward, 1999). Estudos mostram que a ligação emocional percebida na família (especialmente a coesão) está relacionada à presença ou ausência de sintomatologia depressiva ou de ansiedade na adolescência e adultez jovem (Mckeown, Garrison, Jackson & cols., 1997).

Nesse sentido, a presença de indicadores emocionais de ansiedade ou depressão pode ajudar a entender se as situações de maior ou menor indecisão profissional estão sendo vivenciadas de uma maneira tranqüila ou não.

## **1.2 A Influência Familiar no Processo de Escolha Profissional**

De forma geral, a escolha profissional refere-se ao processo de tomada de decisão que ocorre em um momento determinado do desenvolvimento vocacional e uma série de estudos mostrou a importância que os pais ocupam neste processo (Alchieri, Silva, César & cols., 1998; Blustein, Walbridge, Friedlander & Palladino, 1991; Cavalcante, Cavalcante & Bock, 2001; Destri, 1996; Eigen, Hartman & Hartman, 1987; Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Kracke, 1997; Lopez, 1989; Lopez & Andrews, 1987; Magalhães, 1995; Penick & Jepsen, 1992; Schulenberg, Vondracek & Crouter, 1984; Steele & Barling, 1996). Lankard (1995), em uma revisão de literatura, apontou que variáveis como nível socioeconômico, nível educacional e metas educacionais dos pais, além de oportunidades educacionais fornecidas e atitudes parentais em relação ao trabalho são aspectos importantes do desenvolvimento vocacional dos filhos. Descrever, estruturar e orientar o envolvimento dos pais no desenvolvimento vocacional dos filhos tem sido considerado um ponto fundamental na literatura na área.

Foram observadas relações fortes entre as escolhas profissionais de pais e filhos homens (Steele & Barling, 1996); relações que não se repetiam da mesma forma entre as escolhas de pais ou mães e filhas mulheres. Muitos estudos apontaram, ainda, que são os meninos que se mostram mais influenciados por modelos parentais de carreira ou pelas relações familiares em geral, demonstrando maior necessidade de apoio às suas decisões e sucumbindo mais rapidamente à contrariedade de outros significativos a suas escolhas (Alchieri & cols., 1998; Blustein & cols., 1991; Graef & cols., 1985; Hartman & cols., 1987; Lopez, 1989; Mckenna & Ferrero, 1991; Vondracek & cols., 1990). Neiva (2001) e Steinberg e Silverberg (1986) observaram que, de uma forma geral, as meninas apresentam maiores índices de autonomia, são mais resistentes à pressão de pares e descrevem a si mesmas como mais autoconfiantes do que os meninos.

O tipo de ligação que os adolescentes estabelecem com os pais e os amigos muda de acordo com a cultura (Claes, 1998; Cooper, 1994). Alguns estudos mostraram que os

adolescentes, na relação com os pais, tendem a apresentar uma proximidade maior com as mães do que com os pais (Claes, 1998; Honess, Charman, Cicognani & cols., 1997). Frequentemente, à medida que o adolescente cresce ele vai mudando seu foco de investimento emocional em direção aos pares e amigos íntimos (Baumrind, 1991; Claes, 1998; Felsman & Blustein, 1999; Giacomoni & Teixeira, 2001; Rudolph & Hammen, 1999; Steinberg & Silverberg, 1986). As relações igualitárias e recíprocas entre os pares contrastam com as relações hierárquicas entre pais e filhos (Young, Antal, Bassett, Post & Valach, 1999). O efeito da família sobre o adolescente, no entanto, embora diminuído, não é eliminado. Enquanto os amigos compartilham com o adolescente idéias sobre assuntos como lazer, esporte, música, amor e sexo, entre outros, os pais são os outros privilegiados quando o assunto é o mundo do trabalho e, mais especificamente, a escolha profissional (Destri, 1996; Magalhães, 1995; Noller, 1994; Peterson, Stivers & Peters, 1986; Steinberg, Dornbusch & Brown, 1992).

Blustein e colaboradores (1991) investigaram as dimensões de proximidade e separação da família e sua relação com o desenvolvimento de carreira de jovens adultos. Seus achados mostram que jovens que descreviam suas famílias como apresentando graus semelhantes de proximidade e separação (autonomia) estavam mais comprometidos e tranquilos com o processo de escolha de carreira. Dificuldades com a autonomia, por sua vez, estavam relacionadas tanto a índices maiores de indecisão quanto ao comprometimento precipitado com escolhas profissionais. O'Brien (1996) encontrou os mesmos resultados ao pesquisar o desenvolvimento vocacional de adolescentes mulheres, ou seja, que tanto a individuação quanto a proximidade dos pais facilitavam o desenvolvimento de auto-eficácia para a tomada de decisão de carreira e a congruência da escolha. Estruturas familiares muito rígidas ou muito frouxas parecem contribuir para dificuldades no processo de escolha dos adolescentes (Eigen, Hartman & Hartman, 1987).

Um envolvimento familiar negativo aumenta o nível de ansiedade dos filhos. Geralmente estas famílias apresentam pais controladores e dominadores, cujos filhos são obrigados a seguir as orientações e expectativas parentais e sentem-se culpados quando não conseguem (Lankard, 1995). Por outro lado, famílias não engajadas também produzem um efeito negativo pois os filhos sentem falta de apoio e interação familiar. Em seu estudo, Young, Paselvikho e Valach (1997) observaram que as conversas entre pais e filhos são mais amenas e afetivas quando se evidenciam metas compartilhadas e há sensação de satisfação mútua, boa auto-estima, e autoconfiança na construção de carreira dos filhos. Metas e

interesses conflitantes promovem uma tensão e maior agressividade nas conversas entre pais e filhos. Esses adolescentes têm maior dificuldade em discutir metas e planos para o futuro com pais, que tendem a ser mais ansiosos ou intrusivos (Young, Paselvikho & Valach, 1997).

Em estudo recente, Guerra e Braungart-Rieker (1999) perceberam que os jovens apresentam percepções diferentes sobre as expectativas de pai e mãe quanto ao seu desenvolvimento vocacional. Apesar de descreverem os pais como mais encorajadores de independência, o apoio recebido das mães mostrou-se mais importante no momento da tomada de decisão. Os adolescentes que disseram receber mais apoio materno apresentavam menor grau de indecisão.

Estudos nacionais também apontam essa valorização parental na tomada de decisão de carreira. Magalhães (1995), em sua dissertação de Mestrado, afirmou que todos os adolescentes entrevistados fizeram referência à família como fonte de informações, valores, modelos, opiniões formadoras de autoconceito, influência na construção do projeto de vida e, às vezes, como intromissão improdutiva para a solução de questões vocacionais. A discussão de questões profissionais mostrou-se mais forte dentro da família, assim como ela era a fonte de maior impacto no sujeito. Ao investigar o desenvolvimento vocacional do adulto, enfocando as experiências de mudança profissional, Teixeira (1998) mostrou que os indivíduos salientaram (quando de suas primeiras escolhas na adolescência) a influência de outros significativos e a força das expectativas familiares. Em um levantamento realizado com adolescentes durante o concurso vestibular de 1998, Alchieri e colaboradores (1998) observaram que os meninos relataram a influência familiar como o fator mais determinante de suas escolhas. Os autores observaram, ainda, que havia uma correlação negativa forte entre a influência familiar e a idade dos sujeitos, pela qual os mais jovens mostravam-se mais suscetíveis às influências familiares. Alguns estudos nacionais apontam um papel mais diretivo dos pais em relação à escolha profissional dos filhos (Cavalcante & cols., 2001; Oliveira & Dias, 2001). Esses estudos mostraram que os pais, especialmente as mães, costumam sugerir determinadas profissões e ter um papel determinante na escolha dos filhos. Oliveira e Dias (2001), em um estudo de casos múltiplos com mães de adolescentes frente ao primeiro vestibular, demonstraram que essas consideram os filhos muito inseguros e imaturos para a escolha e assumem um papel mais controlador. Destri (1996) investigou as expectativas de 209 adolescentes de ambos os sexos, alunos de terceiro ano do Ensino Médio, sobre as participações ideais e reais de seus pais durante o processo de escolha profissional. Seus achados mostraram que 55,8% dos jovens declararam que os pais deveriam apoiar a escolha e

27,4% declararam que eles não deveriam ter nenhuma participação. Quanto à participação real dos pais, os adolescentes perceberam as mães como apoiando mais as escolhas dos filhos (56%) do que os pais (40,8%); inversamente, os pais foram mais percebidos como não tendo participação alguma na escolha (41%) do que as mães (28%). A autora concluiu, entre outros aspectos, que um dos pontos essenciais do processo de escolha profissional do adolescente está no nível percebido de apoio dos pais; apoio que aparece nos relatos dos adolescentes com um sentido de acolhida, de aceitação das decisões. Esse estudo permite observar, também, que os adolescentes identificam diferentemente as participações de pai e mãe no momento da escolha.

Esses estudos mostram a importância de se investigar as influências familiares no desenvolvimento vocacional, especialmente os modos pelos quais os pais podem estar facilitando ou dificultando o processo de escolha dos filhos. Embora as principais teorias e abordagens do desenvolvimento de carreira apontem, em graus variados, o papel da família para o desenvolvimento vocacional dos adolescentes, a natureza exata das influências familiares ainda não é clara e permanece como um grande campo de investigação (Blustein & cols., 1991).

## **2. Os Estilos Parentais**

A socialização é o processo através do qual os filhos adquirem comportamentos, habilidades, motivações, valores, convicções e padrões que são característicos, apropriados e desejáveis em sua cultura (Newcombe, 1999). Os pais são os agentes primordiais da socialização e muitas das características emocionais, cognitivas e comportamentais dos filhos estão relacionadas às formas específicas de criação adotadas pelos pais.

Existem várias formas de se analisar os tipos de práticas parentais. A análise das atitudes parentais permite identificar as crenças e os valores dos pais que servem de base para suas práticas (Baumrind, 1971; Darling & Steinberg, 1993). As atitudes parentais seriam um constructo que reflete as expectativas e sentimentos dos pais sobre como agir no desempenho de seus papéis com os filhos (Oliveira, Frizzo & Marin, 2000). Outra forma de avaliar as interações familiares é a investigação das práticas educativas parentais, comportamentos específicos a diversos domínios de socialização (Stevenson-Hinde, 1998). As práticas

parentais são descritas como ações específicas que os pais utilizam e que podem ter significados diferentes dependendo do clima emocional em que ocorrem. Uma terceira alternativa de análise das práticas parentais, utilizada neste estudo, é a descrição dos estilos parentais, definidos como o conjunto de atitudes, práticas e expressões que caracterizam a natureza das interações pais-filhos nas diversas situações (Baumrind, 1967, 1971; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983; Steinberg, Mounts, Lamborn & Dornbusch, 1991).

Ao contrário das outras duas formas de análise, a descrição dos estilos parentais permite olhar para padrões globais de comportamento dos pais, não apenas para dimensões específicas (Grusec & Lytton, 1988; Stevenson-Hinde, 1998). O estilo parental é o contexto dentro do qual operam os esforços dos pais para socializar seus filhos de acordo com suas crenças e valores (Darling & Steinberg, 1993). É o clima emocional que permeia as atitudes dos pais e cujo efeito é alterar a eficácia de práticas disciplinares específicas, além de influenciar a abertura ou predisposição dos filhos à socialização (Costa, Teixeira & Gomes, 2000; Steinberg, 2000). Hennigen (1994) apontou que os estilos parentais se referem basicamente às posições que os pais adotam frente aos problemas disciplinares, ao controle do comportamento, às necessidades e demandas emocionais dos filhos e à tomada de decisões. Esta definição de estilos de socialização pressupõe, é claro, uma certa constância dos pais em suas formas de intervenção com os filhos (Mangabeira, Pedrosa, Camino & Costa, 2001).

A descrição dos estilos parentais em termos de padrões globais e razoavelmente estáveis de comportamento em relação aos filhos foi feita pela primeira vez por Diana Baumrind (1967, 1971) em sua abordagem tipológica das práticas parentais de socialização. Ela estava interessada em estudar como os diferentes padrões de controle parental poderiam afetar o desenvolvimento dos filhos, utilizando para isso uma amostra de crianças pré-escolares e seus pais. O estudo longitudinal que deu origem a seu trabalho começou em 1959, e se estendeu por três etapas do desenvolvimento – período pré-escolar, com pais de filhos de 4 a 5 anos; período escolar infantil, com pais de filhos com 9 anos; e adolescência inicial, com pais de filhos entre 13 e 15 anos de idade (Baumrind, 1991). O objetivo geral do estudo era identificar os antecedentes familiares do desenvolvimento ótimo de crianças e adolescentes. Como resultado do estudo ela descreveu três padrões de controle parental, chamados de autoritário, autoritativo e permissivo.

Em um estudo posterior, Maccoby e Martin (1983) analisaram os estilos parentais em termos das dimensões de exigência e responsividade em relação aos filhos. A exigência diz respeito ao controle do comportamento e ao estabelecimento de metas e padrões de conduta;



refere-se aos comportamentos de supervisão, monitoramento, cobrança e disciplina consistente e contingente por parte dos pais (Baumrind, 1997). O termo responsividade origina-se na perspectiva etológica e diz respeito à sincronicidade entre o comportamento dos filhos e cuidadores. Está relacionada à capacidade dos pais em serem contingentes ao atender às necessidades e particularidades dos filhos (Darling & Steinberg, 1993). Comunicação, reciprocidade, afetividade e aquiescência são características de uma parentalidade responsiva (Baumrind, 1997). Nessa análise, foram criados quatro estilos parentais, em que os autores mantiveram os padrões autoritário e autoritativo descritos por Baumrind (1967, 1971), mas transformaram o antigo padrão permissivo em dois novos padrões: indulgente e negligente, referentes a distintos graus de responsividade. Enquanto os pais indulgentes estão comprometidos com a criação dos filhos, pais negligentes não estão comprometidos com as responsabilidades parentais. Esta classificação é a mais utilizada nos estudos sobre estilos parentais atualmente.

O padrão autoritário é bastante restritivo, em que os pais esperam obediência e usam mais a força (em forma de estratégias punitivas) para mantê-la. Os pais tendem a agir de forma rígida, buscando o respeito pela autoridade, pela ordem, pela tradição. A criança deve aceitar a palavra dos pais sobre o que é certo. Eles não encorajam o diálogo e a autonomia, procurando modelar, controlar e avaliar o comportamento dos filhos de acordo com regras bem estabelecidas (Baumrind, 1971; Dornbusch, Ritter, Leiderman & cols., 1987; Grusec & Lytton, 1988; Shaffer, 1988). Há uma relação unilateral, e os pais inibem a auto-regulação dos filhos. Os pais autoritários geralmente utilizam ameaça de punição e privação de afeto e privilégios, gerando medo, ansiedade, raiva e retraimento social nos filhos (Glasgow, Dornbusch, Troyer & cols., 1997; Steinberg, Lamborn, Darling & cols., 1994). Pais autoritários mantêm um alto nível de controle psicológico sobre os filhos que, por sua vez, podem sentir-se vigiados, diminuídos e criticados (Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000).

Vários estudos mostraram que filhos criados sob um padrão autoritário apresentam menor auto-estima, maior hostilidade (Grusec & Lytton, 1988; Noller, 1994), medo e frustração (Chen & cols., 1997), maiores índices de ansiedade e depressão (Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000; Steinberg & cols., 1994), maior insegurança em relação a situações de interação social (Pacheco, 1999), baixos índices de problemas de comportamento e altos índices de desempenho acadêmico (Lamborn & cols., 1991). Noller (1994) afirmou que o estilo parental autoritário pode aumentar a conformidade e a obediência à curto prazo, mas é um risco para o desenvolvimento dos filhos à longo prazo.

O padrão autoritativo<sup>2</sup> (*authoritative*, no original) é caracterizado por um alto controle, no qual os pais fornecem as razões para as restrições impostas e favorecem o diálogo. Há um encorajamento da liberdade e da autonomia e os pais apresentam-se responsivos às necessidades e opiniões dos filhos. Os pais reconhecem os interesses individuais da criança, suas qualidades e competências. Eles dirigem as atividades dos filhos de uma maneira racional, estabelecendo padrões de conduta e valorizando o respeito às regras que consideram razoáveis (Baumrind, 1971; Grusec & Lytton, 1988; Shaffer, 1988). O padrão autoritativo parece ajudar crianças e adolescentes a desenvolver uma competência instrumental caracterizada pelo balanço de necessidades e responsabilidades sociais e individuais; entre os indicadores dessa competência estão a independência, cooperação com pares e adultos, maturidade psicossocial e sucesso acadêmico (Darling & Steinberg, 1993; Glasgow & cols., 1997). Pais autoritativos mostram grande interesse e participação ativa na vida dos filhos e gostam de saber onde eles estão, com quem e o que estão fazendo (Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000). Baumrind (1991) caracterizou os pais autoritativos como cognitivamente responsivos, no sentido de proverem um ambiente estimulante e desafiador para os filhos.

Baumrind (1971) apontou que pais autoritativos têm maior probabilidade de ter filhos independentes e orientados para realização. Ela encontrou evidências continuadas de que crianças criadas sob um padrão autoritativo apresentam um melhor desempenho geral do que crianças criadas sob qualquer outro padrão. Filhos de pais autoritativos mostram mais responsabilidade social, cooperação, amizade (Mackinney, Fitzgerald & Strommen, 1977), maior auto-estima (Grusec & Lytton, 1988; Lamborn & cols., 1991; Pawlak & Klein, 1997), maiores índices de motivação para realização (Hein & Lewko, 1994), sentimentos de controle sobre os eventos de vida (McIntyre & Dusek, 1995), competência social e cognitiva (Dornbusch & cols., 1987; Lamborn & cols., 1991), menor hostilidade e agressividade (Mackinney & cols., 1977) e baixos índices de problemas de internalização e comportamento (Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000; Lamborn & cols., 1991).

---

<sup>2</sup> Embora não conste nos dicionários brasileiros, o termo autoritativo é amplamente utilizado na literatura para traduzir o termo original '*authoritative*'. Alguns autores traduzem o termo original como 'autorizado' (Newcombe, 1999), como 'com autoridade' (Gottman & Declaire, 1996), ou como 'assertivo' (Mangabeira & cols., 2001). Na definição do *Websters* (1997), '*authoritarian*' aparece como 'autoridade absoluta, exigente de obediência', enquanto '*authoritative*' aparece como 'autoridade com valores intrínsecos, que se faz por merecer'. Na ausência de um termo nacional de consenso para descrever o padrão que combina alto nível de controle e alto nível de proximidade, neste estudo foi mantida a utilização do termo traduzido 'autoritativo' para descrevê-lo.

O padrão indulgente é semelhante ao padrão permissivo de Baumrind (1967, 1971), caracterizando-se pelo alto grau de responsividade, tolerância e afeto e pelo baixo uso do controle do comportamento dos filhos. Pais indulgentes propiciam a auto-regulação dos filhos e agem de acordo com uma orientação ideológica complacente. Raramente fazem exigências ou aplicam punições e oferecem apoio afetivo incondicional. Pais indulgentes não exigem comportamentos maduros dos filhos, permitindo que eles se comportem independentemente e autonomamente (Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000).

Filhos criados sob um padrão indulgente tendem a apresentar maior imaturidade (Dornbusch & cols., 1987), bons índices de auto-estima e bem-estar psicológico, afetividade, pouco envolvimento em atividades escolares, maior agressividade e impulsividade e altos índices de problemas de comportamento (Glasgow & cols., 1997; Lamborn & cols., 1991; Maccoby & Martin, 1983). A criação indulgente gera resultados muitas vezes ambíguos e sentimentos conflitantes (Dornbusch & cols., 1987).

O padrão negligente é aquele cujos pais são fracos tanto em controlar o comportamento dos filhos quanto em atender as suas necessidades e demonstrar afeto. São pais pouco envolvidos com a criação dos filhos e não se mostram interessados em suas atividades ou sentimentos, não oferecendo assistência emocional aos mesmos. Há uma diferença, no entanto, entre ser negligente por violar deliberadamente o direito dos filhos ao afeto e à educação e não poder atender a suas necessidades por falta de condições socioeconômicas para isso (Paget, 1997, citada por Oliveira, Frizzo & Marin, 2000). O estilo negligente descrito por Maccoby e Martin (1983) refere-se à primeira situação.

Filhos criados sob um padrão negligente apresentariam menores índices de competência social e cognitiva e maiores índices de problemas de internalização e comportamento (Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000; Glasgow & cols., 1997; Lamborn & cols., 1991; Maccoby & Martin, 1983; Shucksmith, Hendry & Glendinning, 1995). Adolescentes criados por pais negligentes apresentaram os piores índices de ajustamento entre os quatro estilos parentais. Os estudos mostraram, ainda, que os efeitos deletérios da criação negligente acumulam-se com o tempo (Glasgow & cols., 1997; Steinberg & cols., 1994).

Na comparação entre os estilos parentais, Baumrind (1971) afirmou que tanto pais autoritativos quanto autoritários estabelecem padrões para os filhos e são bastante controladores; no entanto, pais autoritários dominam a criança enquanto pais autoritativos permitem a ela autonomia para o desenvolvimento de autoconfiança. Quando os pais autoritativos impõem exigências é menos provável que elas gerem respostas antagônicas do

que as exigências impostas por pais autoritários (Maccoby & Martin, 1983). Pais autoritativos são diferentes de pais autoritários que disciplinam, mas não explicam porquê e que são vistos como pouco carinhosos. São também diferentes de pais indulgentes que são carinhosos, mas não explicam que é preciso controlar e não disciplinam. E são diferentes de pais negligentes que não são carinhosos nem disciplinam os filhos.

A dimensão exigência (controle), isoladamente, pode estar relacionada a indivíduos competentes, com altos escores em variáveis de desempenho e obediência e baixos escores em problemas de comportamento (Baumrind, 1991). No entanto, pode estar relacionada, também, a indivíduos preocupados e inseguros quanto ao próprio desempenho (Pacheco, 1999; Parish & McCluskey, 1992), com menores índices de auto-estima, e maior presença de sintomatologia psicológica. A dimensão responsividade, por outro lado, estaria relacionada a melhores índices de bem-estar psicológico, auto-estima, autoconfiança (Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000; Parish & McCluskey, 1992) e ao desenvolvimento das atribuições de causalidade interna (Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000). Quanto às medidas de desempenho, poderia apresentar piores resultados do que aqueles obtidos quando se controla a variável exigência. A intrusividade, muitas vezes descrita como um aspecto da exigência, refere-se ao excessivo monitoramento dos filhos: os pais julgam que todas as ações e até os pensamentos dos filhos podem e devem ser acompanhados de perto, gerando um sentimento de invasão e falta de privacidade (Oliveira, Frizzo & Marin, 2000). Para Baumrind (1991), a não-intrusividade está associada à competência, baixos problemas de internalização, percepção positiva dos pais, maior auto-estima, instinto gregário e autonomia.

Baumrind (1967, 1971) desenvolveu sua tipologia de estilos parentais para analisar as práticas socializadoras na família durante a infância. No entanto, a análise dos estilos parentais tem sido amplamente utilizada para o estudo das ligações entre os padrões de interação familiar e o funcionamento do adolescente e do adulto jovem (Brown, Mounts, Lamborn & Steinberg, 1993; Glasgow & cols., 1997; Lamborn & cols., 1991; Pacheco, 1999; Parish & McCluskey, 1992; Smetana, 1995; Steinberg & cols., 1994; Strage & Brandt, 1999). Em sua maioria, os estudos confirmam na população adolescente os achados de Baumrind (1967, 1971) e outros pesquisadores quanto ao desempenho de filhos criados sob os diferentes estilos parentais. Enquanto os adolescentes criados sob o padrão negligente apresentam os resultados mais fracos em medidas de desempenho e bem-estar psicológico, os benefícios de um padrão autoritativo são confirmados também quando se analisam características de filhos adolescentes

(Hennigen, 1994; Lamborn & cols., 1991; Newcombe, 1999; Pacheco, 1999; Shucksmith, Hendry & Glendinning, 1995).

Hennigen (1994), em uma revisão de literatura, apontou que o estilo autoritativo relaciona-se a comportamentos positivos e maduros por parte do adolescente, além de propiciar maior concordância e identificação dos filhos com seus pais, facilitando a relação familiar de uma forma geral. Para Steinberg (2000), o fato de o adolescente perceber ao menos um dos pais como autoritativo já promove melhores índices em medidas de desenvolvimento em comparação com outros jovens. A criação autoritativa tem, na adolescência, efeitos bastante positivos no âmbito acadêmico, estando relacionada a um bom aproveitamento acadêmico dos filhos, uma alta motivação para realização e um bom envolvimento em atividades escolares.

Estudos internacionais (Lamborn & cols., 1991; Slicker, 1998; Steinberg & cols., 1994) mostraram que os estilos mais predominantes, na avaliação dos filhos adolescentes, são o autoritativo e o negligente, seguidos pelos estilos autoritário e indulgente. As amostras ora mostram um predomínio do padrão autoritativo, ora um predomínio do padrão negligente. Slicker (1998) obteve freqüências de autoritatividade, autoritarismo, indulgência e negligência de 38,7%, 13,1%, 15,0% e 33,2%, respectivamente. O padrão negligente foi predominante em estudos como o de Lamborn e colaboradores (1991), com freqüências de 32,3%, 15,4%, 15,0% e 37,3%, respectivamente, e Steinberg e colaboradores (1994), com freqüências de 34,7% 19,2%, 10,7% e 35,4%, respectivamente. Estudos nacionais obtiveram distribuições semelhantes àquelas dos estudos internacionais (Costa, Teixeira, & Gomes, 2000; Pacheco, 1999). Pacheco (1999), em um estudo brasileiro com amostra de adolescentes de NSE médio e baixo, estudantes de escolas públicas de Porto Alegre, encontrou que a maioria dos adolescentes descreveu os pais como autoritativos (33,2%), seguido pelos estilos negligente (30,1%), autoritário (12,4%) e indulgente (10,4%).

## **2.1 Fatores que Influenciam os Estilos Parentais**

Vários fatores vão influenciar os estilos parentais. Entre esses fatores, a literatura tem se dedicado a investigar, prioritariamente, aspectos como o nível socioeconômico (Mangabeira & cols., 2001; Noller, 1994; Shaffer, 1988), a ordem de nascimento dos filhos (Shaffer, 1988), a idade dos filhos (Dornbusch & cols., 1987; Mangabeira & cols., 2001; Smetana, 1995), a

etnia (Grusec & Lytton, 1988; Steinberg & cols., 1994) e o sexo da criança e dos pais (Grusec & Lytton, 1988; Klein, O'Bryant & Hopkins, 1996; McKinney & cols., 1977; Shaffer, 1988).

Quanto à influência do nível socioeconômico, Mangabeira e colaboradores (2001) e Shaffer (1988) observaram que pais de NSE baixo tendem a ser mais restritivos e autoritários e a usar mais a força e pais de NSE alto tenderiam a ser mais permissivos ou autoritativos. Essas diferenças na relação entre NSE e estilo parental seriam mais pronunciadas em relação aos filhos homens do que às filhas mulheres. Noller (1994) afirmou que a influência dos pais e suas opiniões parecem ser mais importantes para os adolescentes de NSE mais alto do que para os de NSE baixo. Nas classes média e alta os filhos tendem a apresentar uma maior dependência em relação aos pais. Além do NSE, a baixa escolaridade dos pais também foi correlacionada com a maior utilização do estilo autoritário (Aunola, Nurmi, Onatsu-Arviolommi & Pulkinen, 1999).

Quanto à influência da ordem de nascimento dos filhos, Shaffer (1988) descreveu que os pais tendem a ser mais autoritários e exigentes com o filho mais velho, querendo que ele seja responsável e desenvolva suas habilidades ao máximo. Os filhos mais velhos geralmente são mais obedientes e interessados em agradar aos pais e apresentam uma maior motivação para realização do que os filhos mais novos. Um estudo recente, no entanto, mostrou que não há relação entre estilos parentais e ordem de nascimento dos filhos ou composição familiar (Russell, Aloa, Feder & cols., 1998). A idade dos filhos parece ser também importante para a definição dos estilos parentais, mas os estudos apresentaram alguns resultados também contraditórios. Cohen e Rice (1997) apontaram que quanto mais velhos os filhos mais eles percebem os pais como autoritativos e menos como indulgentes ou autoritários. Já Mangabeira e colaboradores (2001) mostraram que os adolescentes mais velhos tendem a relatar maior coercitividade e menor aceitação por parte dos pais, caracterizando um estilo parental mais autoritário e menos autoritativo.

Em relação às influências étnicas e culturais, estudos com amostras orientais (Chen & cols., 1997; Leung, Lau & Lam, 1998; McBride-Chang & Chang, 1998) mostraram um aumento do número de famílias descritas como autoritárias e uma diminuição de famílias descritas como autoritativas e indulgentes. Os efeitos dos dois tipos de criação, no entanto, são semelhantes aos observados em amostras ocidentais. Há diferenças em medidas de desempenho acadêmico dos filhos: filhos de pais orientais (ou de descendência oriental) e autoritários tendem a se beneficiar mais do controle rigoroso do que os adolescentes ocidentais. Para Steinberg (2000), esses dados mostram que sob criação autoritária, em

amostras orientais, os prejuízos são menores para os filhos do que em amostras ocidentais. Em famílias afro-americanas e hispânicas as relações entre autoritatividade e medidas de desempenho também são menos proeminentes em relação a outros estilos, à exceção do negligente cujo prejuízo é semelhante em todas as etnias (Dornbusch & cols., 1987; Steinberg & cols., 1994).

Os estudos relativos a diferenças de sexo na caracterização dos estilos parentais são bastante numerosos. Pai e mãe costumam exercer diferentes papéis e ter impactos diferentes sobre filhos ou filhas. De forma geral, meninos e meninas descrevem a mãe como uma referência de responsividade, compreensão e aceitação e descrevem o pai como mais julgador e menos disponível à discussão de sentimentos, dúvidas e problemas (Noller, 1994). Os pais normalmente são descritos como mais autoritários ou negligentes do que as mães e elas mais autoritativas ou indulgentes do que os pais (Conrade, & Ho, 2001; Klein & cols., 1996; Russell & cols., 1998). Conrade e Ho (2001) apontaram uma diferenciação na qual meninos percebem os pais como mais autoritários e mães como mais permissivas, enquanto as meninas percebem as mães como mais autoritativas.

O estilo parental de um dos pais pode ser o determinante principal do funcionamento familiar e o bom relacionamento com um dos pais pode compensar o mau relacionamento com o outro (McFarlane, Bellissimo & Norman, 1995). Com relação à configuração familiar, McFarlane, Bellissimo e Norman (1995) afirmaram que o estilo parental de madrastas e padrastos, quando assumem o papel de cuidadores, é tão importante para o funcionamento familiar quanto o estilo dos pais biológicos. Estudos nacionais e estrangeiros tendem, ainda, a considerar a presença e influência da mãe de forma mais marcante na vida dos filhos do que a presença do pai (Costa, Teixeira, & Gomes, 2000; Russell, 1997). Para Baumrind (1991), as mães costumam ser mais envolvidas com as situações do dia-a-dia dos filhos do que os pais. Apesar das diferenças apresentadas para os estilos parentais de pai e mãe, Steinberg (2000) salientou, a partir de uma revisão da literatura, que os pais coincidem nos estilos parentais em quase 75% das vezes. Os filhos costumam avaliar de forma congruente os estilos parentais de pai e mãe. Isso pode tanto significar que os pais compartilham um determinado estilo, ou que os filhos tendem a ver as práticas de pai e mãe de forma mais homogênea (Paulson & Sputa, 1996; Pawlak & Klein, 1997).

Analisando as dimensões separadamente, Paulson e Sputa (1996) apontaram que os filhos tendem a perceber as mães como mais responsivas e também mais exigentes do que os pais; estes são percebidos como menos envolvidos na criação dos filhos do que as mães. As

meninas tendem a perceber índices mais elevados de responsividade e exigência paterna e materna. Para Costa, Teixeira e Gomes (2000), talvez as meninas reconheçam mais as influências parentais do que os meninos. Noller (1994) apresentou um estudo de Gecas e Schwalbe, realizado com adolescentes em 1986, onde os autores observaram que a auto-estima dos meninos era mais fortemente afetada pelo grau de autonomia e pela quantidade de controle exercido pelos pais; quanto maior a autonomia permitida e mais leve o controle, maior a auto-estima dos meninos. Já as meninas eram mais afetadas pela quantidade de apoio e segurança fornecidos pelos pais do que pela quantidade de controle. Em um estudo com 207 adolescentes e jovens adultos, Paulson e Sputa (1996) observaram que a influência dos estilos parentais era maior sobre as garotas do que sobre os garotos.

Com relação à influência do sexo do filho no estilo parental dos pais, os estudos são coerentes em apontar que os pais tendem a ser mais autoritativos em relação às meninas do que aos meninos, em termos de confiança e abertura de comunicação (Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000). O estilo autoritário é mais utilizado com filhos meninos e o estilo autoritativo com meninas (Noller, 1994; Klein & cols., 1996; Russell & cols., 1998). Baumrind (1991) observou que com as filhas mulheres os pais tendem a ser mais monitoradores, usar mais controle racional, ser mais apoiadores e o pai tende a ser menos intrusivo. Com os filhos homens os pais tendem a ser mais disciplinadores, utilizar mais punição e o pai tende a ser mais intrusivo.

As autodescrições dos pais e as descrições dos pais pelos filhos também costumam diferir (Cohen & Rice, 1997; McBride-Chang & Chang, 1998; Shek, 1998; Smetana, 1995). Os filhos tendem a ver mãe e pai como menos exigentes e menos responsivos do que os próprios pais se descrevem. Os filhos classificam os pais como mais autoritários, menos autoritativos e menos indulgentes do que os pais. De forma geral, os adolescentes tendem a relatar uma percepção mais negativa dos pais do que os próprios pais o fazem. As discrepâncias entre as percepções de pais e filhos tendem a ser maiores em períodos de grande mudança, como a adolescência. Quanto maior a discrepância percebida pelos adolescentes e pais sobre o funcionamento familiar, menor é o bem-estar psicológico dos adolescentes ao longo do tempo (Shek, 1998). O impacto das discrepâncias percebidas sobre o ajustamento emocional dos filhos parece ser, entretanto, mais proeminente nas meninas do que nos meninos pois as garotas seriam mais suscetíveis às influências do clima emocional da família. O conflito familiar seria mais provável de ocorrer quando pai e mãe diferem em seus estilos parentais (Pawlak & Klein, 1997).



Os estilos parentais percebidos pelos adolescentes parecem ter maior relação com as medidas de desempenho do que os estilos parentais descritos pelos pais. Isso demonstra que filhos respondem mais prontamente aos aspectos percebidos do comportamento parental, sendo importante, então, que se tomem descrições do adolescente para avaliar os estilos parentais (Smetana, 1995; Paulson & Sputa, 1996).

## **2.2 Estilos Parentais e Variáveis de Desempenho e Bem-Estar Psicológico**

Quanto aos efeitos dos diferentes estilos parentais, os benefícios da criação autoritativa e os prejuízos da criação negligente parecem transcender as condições sócio-demográficas. Os estilos parentais teriam influências estáveis no tempo e apresentariam uma validade ‘transcontextual’, tendo efeitos consistentes nas várias configurações familiares, étnicas, de níveis socioeconômicos e gênero (Lamborn & cols., 1991; Radziszewska, Richardson, Dent & Flay, 1996; Slicker, 1998; Steinberg & cols., 1991).

Na literatura, os estudos buscaram relacionar os estilos parentais com várias características dos filhos, como psicopatologia alimentar (Waller & Hartley, 1994), estilo atribucional (Glasgow & cols., 1997), autoconceito e *locus* de controle (McClun, & Merrell, 1998), comprometimento religioso do adolescente (Giesbrecht, 1995), estratégias de *coping* (McIntyre & Dusek, 1995; Uehara, Sakado, Sato & Someya, 1999), qualidade das relações interpessoais (Hall & Bracken, 1996), fumo e uso de álcool (Cohen & Rice, 1997), dificuldades de adesão a tratamentos médicos (Manne, Jacobsen, Garfinkle, Gerstein & cols, 1993), agressividade verbal e argumentatividade (Bayer & Cegala, 1992), desenvolvimento de transtorno de conduta e transtorno oposicionista em adolescentes (Rey & Plapp, 1990), vulnerabilidade a eventos traumáticos e neuroticismo (Punamaki, Quota & El Sarraj, 1997), estratégias de estudo e aprendizagem (Boveja, 1998), depressão (McFarlane, Bellissimo & Norman, 1995), adesão a grupos de pares (Brown, Mounts, Lamborn & Steinberg, 1993), desempenho acadêmico (McBride-Chang & Chang, 1998), entre outros. Todos os estudos mostraram que o estilo parental autoritativo apresenta os melhores resultados em relação às variáveis analisadas.

É importante, para a realização deste estudo, salientar os trabalhos de pesquisa relacionando estilos parentais e variáveis como capacidade cognitiva, autonomia e independência, motivação para realização, desempenho e envolvimento acadêmico, além de

auto-estima e bem estar psicológico. São aspectos importantes para o desenvolvimento vocacional, presentes no momento da tomada de decisão de carreira e que podem contribuir para o aumento ou diminuição da indecisão.

O ambiente produzido por pais de estilo autoritativo conteria os elementos que formam uma orientação para realização. Os altos índices de exigência e autonomia apropriados à idade serviriam para fornecer um vasto campo para exploração e o estabelecimento de metas; o alto índice de apoio e responsividade serviria para criar a auto-estima e autoconfiança necessárias à realização (Strage & Brandt, 1999). Quanto maior a autonomia, a exigência e o apoio que os pais fornecem, mais confiantes, persistentes e positivamente orientados para o futuro os adolescentes se tornam. A criação autoritativa promoveria o sucesso acadêmico através do seu efeito positivo sobre a orientação do adolescente para o trabalho (Steinberg, Elmen & Mounts, 1989). Embora o estilo autoritário esteja também associado ao sucesso escolar, as pressões para se encaixar nas expectativas parentais quanto à educação e carreira podem causar um baixo comprometimento do indivíduo com a carreira escolhida, bem como prejuízo ao bem-estar psicossocial e às relações familiares (Way & Rossmann, 1996).

Aunola, Stattin e Nurmi (2000) mostram que adolescentes de famílias autoritativas utilizam mais estratégias adaptativas, orientadas para a tarefa, têm menos expectativa de fracasso, passividade e comportamento irrelevante à tarefa do que os adolescentes de outras famílias. Isso pode ser fruto do encorajamento positivo e da ênfase nas capacidades dos filhos empregados pelos pais autoritativos e que servem de incentivo para o comportamento autônomo dos filhos. Pais autoritativos promovem experiências positivas com relação a tarefas acadêmicas, pelo seu próprio engajamento, instrução e apoio; eles fornecem uma atmosfera de aceitação que desenvolve auto-estima. Filhos de pais negligentes apresentam mais passividade, comportamentos irrelevantes à tarefa e evitação do que os de outras famílias. Ambientes que não promovem encorajamento, envolvimento parental ou apoio desenvolvem dúvidas nos filhos quanto à própria capacidade e uma maior probabilidade de utilização de atribuição de causalidade externa. O excesso de controle típico dos pais autoritários pode diminuir a motivação dos filhos em engajarem-se em tarefas interessantes. A crítica dos pais e a falta de confiança na capacidade dos filhos podem convencê-los de que eles não são competentes para resolver problemas difíceis.

Vários estudos mostraram que adolescentes criados sob um estilo autoritativo apresentam os melhores índices de desempenho acadêmico na escola e na Universidade (Dornbusch & cols., 1987; Glasgow & cols., 1997; Lamborn & cols., 1991; Steinberg, Elmen

& Mounts, 1989; Steinberg & cols., 1991; Steinberg & cols., 1994; Strage & Brandt, 1999). Adolescentes que descrevem os pais como firmes, mas também carinhosos e democráticos têm mais probabilidade de desenvolver atitudes e crenças positivas sobre o próprio desempenho e, conseqüentemente, têm maior probabilidade de conseguir melhores resultados. Os resultados de adolescentes que descrevem os pais como negligentes são opostos: menor competência acadêmica e social, maiores índices de problemas de comportamento e estresse psicológico. Os adolescentes que descrevem os pais como autoritários ou indulgentes apresentam resultados intermediários.

De forma geral, os estilos parentais autoritário e autoritativo preparariam melhor os filhos para medidas de desempenho e para a diminuição de problemas de comportamento. O alto nível de exigência e o estabelecimento de padrões de conduta podem estar relacionados ao desenvolvimento destas competências. Os estilos autoritativo e indulgente seriam bem sucedidos em desenvolver um bom ajustamento psicológico nos filhos, com altos índices de autoconfiança e auto-estima; a dimensão responsividade parece ser a responsável pelo estabelecimento do bem estar subjetivo. Uma criação negligente falharia tanto em estabelecer condições para o desenvolvimento de competências acadêmicas e sociais quanto condições de bem estar subjetivo nos filhos.

### **3. Especificação do Problema**

Vários estudos mostraram a relação entre os estilos parentais e o desenvolvimento de características importantes para o desenvolvimento vocacional, como autonomia, competência acadêmica, auto-estima e autoconfiança e bem-estar psicológico (Dornbusch & cols., 1987; Glasgow & cols., 1997; Klein & cols., 1996; Lamborn & cols., 1991; Slicker, 1998; Steinberg & cols., 1994; Strage & Brandt, 1999). Na área do desenvolvimento vocacional, a influência familiar é apontada como variável importante para a escolha profissional de meninos e meninas (Blustein & cols., 1991; Destri, 1996; Eigen & cols., 1987; Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Larose & Boivin, 1998; Magalhães, 1995; O'Brien, 1996; Schulenberg & cols., 1984; Steele & Barling, 1996). Ao relacionar esses dois grupos de evidências que vêm sendo estudadas e acumuladas independentemente, este estudo teve por objetivo integrar os dois

contextos ao investigar a influência familiar sobre o desenvolvimento vocacional dos adolescentes a partir da perspectiva dos estilos parentais.

A proposta deste estudo foi, então, investigar a relação entre os estilos parentais percebidos pelos adolescentes e os níveis de indecisão profissional, ansiedade e depressão apresentados por esses adolescentes. Foi objetivo do trabalho responder às seguintes questões de pesquisa:

- 1) Há diferenças significativas nos níveis de indecisão, ansiedade e depressão de adolescentes criados sob os estilos parentais autoritativo, autoritário, indulgente e negligente (considerando o estilo parental combinado do casal e de pai e mãe separadamente)? Essas diferenças se alteram ao analisarmos adolescentes de escolas públicas em comparação com adolescentes de escolas privadas?
- 2) Existe correlação entre os níveis de indecisão, ansiedade e depressão dos adolescentes?
- 3) É possível identificar diferenças de gênero quanto à forma como os adolescentes descrevem os estilos parentais ou quanto às presenças de indecisão, ansiedade e depressão nos dois contextos educacionais?

Mesmo não havendo estudos anteriores avaliando especificamente as mesmas relações de variáveis, a literatura disponível permitiu a formulação de algumas hipóteses. Em relação à primeira questão, as hipóteses eram as seguintes:

- Adolescentes criados sob um padrão autoritativo apresentariam níveis mais baixos de indecisão, ansiedade ou depressão do que os adolescentes criados sob outros padrões parentais;
- Adolescentes criados sob os padrões indulgente ou negligente apresentariam maiores níveis de indecisão profissional do que os adolescentes criados sob outros padrões parentais;
- Adolescentes criados sob os padrões autoritário ou negligente apresentariam maiores níveis de ansiedade ou depressão do que os adolescentes criados sob outros padrões parentais;

Essas hipóteses foram formuladas com base na descrição das relações entre os diferentes estilos parentais e variáveis de desempenho e ajustamento, que mostram os melhores resultados no grupo autoritativo e os piores no grupo negligente (Lamborn & cols., 1991; Radziszewska, Richardson, Dent & Flay, 1996; Slicker, 1998; Steinberg & cols., 1991).

Em relação à segunda questão, esperava-se a existência de uma correlação positiva entre os níveis de indecisão profissional, ansiedade e depressão (Callahan & Greenhaus, (1992; Frischenbruder, 1999; Jones & Winer, 1991). Esperava-se também que o estilo parental

funcionasse como um moderador desta relação, alterando a magnitude da correlação nos diferentes grupos, nos dois contextos educacionais.

Quanto às diferenças de gênero, a literatura disponível mostrou-se contraditória. Enquanto as meninas mostram-se mais influenciadas pelos estilos parentais (Klein & cols., 1996), pelo clima emocional da família, os meninos mostram-se mais suscetíveis às influências familiares no domínio vocacional (Alchieri & cols., 1998; Blustein & cols., 1991; Hartman & cols., 1987). Dessa forma, este estudo propôs-se a investigar eventuais diferenças de gênero presentes na amostra, quando se analisa a interação entre os dois contextos. Com relação à incidência de ansiedade e depressão, a partir dos achados da literatura, era esperado que as meninas apresentassem índices mais elevados do que os meninos, nos dois contextos educacionais (Hewitt, & Norton, 1993; Rudolph & Hammen, 1999; Schraedley, Gottlib, & Hayward, 1999). No contexto educacional das escolas públicas, esperava-se que os adolescentes tenderiam a apresentar índices maiores de indecisão, ansiedade e depressão, tomando o tipo de escola como um indicador de NSE.

Além disso, esperava-se que a descrição dos estilos parentais feita pelos adolescentes configurasse uma distribuição semelhante àquela encontrada nos estudos nacionais e internacionais, qual seja, um predomínio dos estilos autoritativo e negligente (Costa, Teixeira & Gomes, 2000; Lamborn & cols., 1991; Pacheco, 1999; Slicker, 1998; Steinberg & cols., 1994). No contexto educacional da escola pública, os adolescentes tenderiam a descrever os pais como mais negligentes e autoritários, e menos indulgentes e autoritativos do que nas escolas privadas. Essa última hipótese foi formulada tomando o contexto educacional como um indicador de NSE baixo (Aunola & cols., 1999; Noller, 1994).

## CAPÍTULO II: MÉTODO

### Participantes

Participaram deste estudo 467 adolescentes de ambos os sexos (47,1% do sexo masculino e 52,9% do sexo feminino), com idades entre 15 e 20 anos ( $M=16,9$ ;  $d.p.=0,78$ ), estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. Destes, 215 (46%) alunos eram provenientes de duas escolas públicas e os outros 252 (54%) alunos estudavam em três escolas particulares de Porto Alegre. Foi utilizado um critério de amostragem por conveniência para selecionar as escolas e turmas nas quais foi feita a coleta de dados.

Os alunos da rede privada relataram renda familiar entre 600 e 25000 reais ( $M= 5.875$ ;  $d.p.= 4.641,9$ ), enquanto os alunos da rede pública relataram renda entre 300 e 6.000 reais ( $M= 1.700$ ;  $d.p.= 1270,6$ ). A diferença entre as médias foi significativa [ $F(1,160)= 68,36$ ;  $p<0,01$ ]. Quanto à configuração e composição familiar, a maioria dos adolescentes tem pais casados (79,7%); 17,1% dos pais são separados, 1,9% são viúvos e 1,3% são solteiros. Os adolescentes têm, em sua maioria, pelo menos um dos pais em profissão de nível superior (56,8%); 37,6% têm pelo menos um dos pais em profissão de nível secundário, e 5,6% têm pelo menos um dos pais em profissão de nível fundamental. Os filhos únicos representam 11,8% da amostra; 34% são os filhos mais velhos, 14,5% são filhos do meio e 39,7% são os filhos caçulas da família. Entre os participantes, a maioria não trabalha (89,3%). Apenas 10,7% estão envolvidos em atividades profissionais.

Ao analisarmos os dois contextos educacionais, vemos que 4% dos alunos da rede privada exercem atividade profissional, contra 18,6% dos alunos da rede pública. A partir da combinação entre renda familiar, tipo de escola e profissão dos pais foi possível perceber que os adolescentes das redes pública e particular vivem em realidades socioeconômicas diferentes. Desse modo, foi utilizado o critério tipo de escola para investigar eventuais diferenças de nível socioeconômico entre as variáveis neste estudo. Os dados sócio-demográficos referentes aos participantes do estudo (separados por tipo de escola) estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Características Sócio-demográficas da Amostra.

		Escola Pública (%)	Escola Privada (%)
Sexo			
	Masculino	40,5	52,8
	Feminino	59,5	47,2
Profissão dos Pais <sup>1</sup>			
	Superior	33,2	76,6
	2º Grau ou Técnico	54,6	23,4
	Fundamental	12,2	0,0
Est. Civil dos Pais			
	Casados	77,7	81,3
	Separados	17,2	17,1
	Viúvo(a)	2,3	1,6
	Solteiro(a)	2,8	0,0
Trabalha			
	Sim	18,6	4,0
	Não	81,4	96,0
Posição entre os			
Irmãos			
	Filho Único	10,1	13,3
	Mais Velho	34,1	33,9
	Filho do Meio	15,4	13,7
	Caçula	40,4	39,1

<sup>1</sup>Referente à profissão de pelo menos um dos pais.

## **Instrumentos e Materiais**

Para a coleta de dados do estudo foram utilizados os seguintes instrumentos:

### 1. Questionário Sócio-demográfico

Os dados sócio-demográficos dos adolescentes foram coletados através de um questionário investigando informações sobre características pessoais, familiares, sócio-econômicas e relativas às escolhas profissionais (vide modelo no Anexo B). As informações

deste questionário serviram para selecionar os participantes que estavam respondendo a Escala de Estilos Parentais; aqueles adolescentes que informaram estar respondendo sobre outras pessoas que não o casal parental ou madrasta e padrasto não foram incluídos na amostra final.

## 2. Escala de Estilos Parentais: (Teixeira & Gomes, 2000, manuscrito não publicado)

Para avaliar os estilos parentais percebidos pelos adolescentes foi utilizado um instrumento de auto-relato, composto por três sub-escalas, elaborado com base na Escala de Responsividade e Exigência Parental (Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991; adaptada para o português por Costa, Teixeira & Gomes, 2000). Esta nova escala consiste, originalmente, em 15 itens relativos à exigência, 18 itens relativos à responsividade e 7 itens relativos à intrusividade parental (vide modelo no Anexo C); nenhuma das escalas apresenta itens com sentido contrário ao que pretendia ser avaliado. Os itens relativos à intrusividade não aparecem na escala original, tendo sido criados para esta versão. Os itens que compõem a escala do instrumento norte-americano foram selecionados de diversas pesquisas que investigaram dimensões de práticas parentais, sendo submetidos a uma análise fatorial exploratória de rotação oblíqua (Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991).

Uma vez aplicada a escala, foi realizada uma análise fatorial de componentes principais que assegurou a existência de três fatores principais, consistentes com as dimensões propostas de exigência, responsividade e intrusividade. A análise de validade fatorial mostrou a necessidade de exclusão de alguns itens para que o instrumento configurasse maior clareza e consistência em cada fator. Portanto, para a realização da análise final dos dados foram considerados 12 itens na escala de exigência, 17 itens na escala de responsividade e 6 itens na escala de intrusividade. O Anexo D apresenta os resultados da análise fatorial.

Os participantes respondem à escala (tipo *Likert* de cinco pontos) de acordo com a frequência em que seus pais (analisados separadamente) apresentam o comportamento descrito. A soma dos escores permite a classificação dos pais de acordo com os quatro estilos parentais descritos por Maccoby e Martin (1983), quais sejam, autoritativo (escores altos tanto em exigência quanto em responsividade), autoritário (escore alto em exigência e baixo em responsividade), indulgente (escore alto em responsividade e baixo em exigência) e negligente (escores baixos tanto em exigência quanto em responsividade). É possível obter o estilo de pai e mãe em separado e também obter o estilo combinado do casal.

Assim como em outros estudos utilizando este tipo de instrumento (Costa e cols., 2000; Pacheco, 1999), o critério escolhido para determinar se um escore era alto ou baixo numa dada



dimensão foi a mediana da amostra. Como apontaram Costa, Teixeira e Gomes (2000), embora isso não favoreça a criação de grupos típicos de cada estilo, minimiza a exclusão de casos. Lamborn e colaboradores (1991) não encontraram, contudo, diferenças entre os resultados dos grupos divididos a partir de tercis ou a partir da mediana. Foram desconsiderados para análise dos estilos aqueles casos cujos escores eram idênticos ao exato valor das medianas em responsividade materna (57), paterna (51) e combinada (104), exigência materna (29), paterna (28) e combinada (56) e intrusividade materna (7), paterna (5) e combinada (13).

Resultados preliminares de um estudo utilizando a nova escala mostraram que ela possui boa consistência interna, com *Alpha* de Cronbach variando entre 0,75 e 0,80 (Teixeira & Gomes, 2000). Neste estudo, os índices de consistência interna (*Alpha* de Cronbach) obtidos, após as mudanças realizadas a partir da análise fatorial, foram 0,77 para a escala de exigência, 0,93 para a escala de responsividade, 0,77 para a escala de intrusividade e 0,85 para a escala total. O número pequeno de itens das sub-escalas de exigência e intrusividade podem estar contribuindo para o menor índice de consistência interna destas escalas em relação à sub-escala de responsividade. Outro fator a ser considerado é a menor uniformidade dos construtos exigência e intrusividade parentais. Esses seriam construtos mais difusos e receberiam, portanto, respostas menos homogêneas por parte dos adolescentes. No entanto, apesar das diferenças nos índices de consistência interna, a escala mostrou-se útil para avaliar estilos parentais.

### 3. Escala de Indecisão Profissional: (Teixeira & Gomes, 1999, manuscrito não publicado).

Para a avaliação do nível de indecisão profissional dos adolescentes foi utilizada uma Escala de Indecisão Profissional (vide modelo no Anexo E) composta originalmente por 30 itens. A escala é um modelo *Likert* de cinco pontos e reflete um índice geral de indecisão, contendo itens abordando aspectos cognitivos e afetivos, além de possíveis fatores causadores da indecisão. Os adolescentes avaliam o quanto cada item descreve ou não seu estado no momento. A avaliação é somatória: quanto maior o escore obtido, maior o grau de indecisão apresentado. A pontuação dos itens de decisão presentes na escala (6) é revertida no momento da avaliação. A avaliação do instrumento resulta em um escore total. Os itens da escala foram criados a partir da análise de itens presentes em instrumentos clássicos para avaliação de indecisão, como o Career Decision Scale (CDS), Vocational Decision Scale (VDS) e o My Vocational Situation (MVS), além de itens originais terem sido criados, a partir da literatura.

Estudo preliminar (Teixeira & Gomes, 1999, manuscrito não publicado) mostrou que a escala apresenta alto índice de consistência interna (*Alpha* de Cronbach de 0,91).

Uma análise fatorial realizada após a aplicação mostrou que dois itens apresentavam correlações muito baixas com os demais; esses itens foram, portanto, subtraídos na análise dos resultados. Neste estudo, o instrumento mostrou alto índice de consistência interna, com *Alpha* de Cronbach de 0,93.

4. Inventário Beck de Depressão: (BDI; Beck & Steer, 1993; validado para o Brasil por Cunha, 2001).

Para avaliar a presença de sintomas depressivos nos adolescentes foi utilizado o BDI (vide modelo no Anexo F), um modelo *Likert* de quatro pontos composto por 21 itens refletindo atitudes e sintomas depressivos, que indicam desde um grau mínimo até um nível grave de depressão. A avaliação é somatória, sendo a sintomatologia mais forte quanto maior o escore obtido. O índice de consistência interna do instrumento obtido no estudo de adaptação foi de 0,84. A avaliação dos adolescentes foi feita a partir das normas brasileiras (Cunha, 2001).

O BDI é o recurso de avaliação mais freqüentemente utilizado com pacientes clínicos, mostrando-se útil também na população geral. O instrumento mostra-se competente em discriminar entre deprimidos e não deprimidos e em avaliar diferentes graus de depressão (Carter & Dacey, 1996). Beck, Steer e Garbin (1988) apontaram que o BDI apresenta validade concorrente e de conteúdo e bons índices de consistência interna tanto em amostras clínicas quanto em amostras não clínicas.

Por ser um dos instrumentos mais utilizados para avaliar a presença de sintomas depressivos em adolescentes e adultos o BDI foi escolhido para investigar depressão nos adolescentes deste estudo e mostrou também boa consistência interna (*Alpha* de Cronbach de 0,82). Este índice é maior do que o índice médio (0.81) apontado por Beck e colaboradores (1988) para amostras não clínicas.

5. Inventário Beck de Ansiedade: (BAI; Beck & Steer, 1990; validado para o Brasil por Cunha, 2001).

Para avaliar a ocorrência de sintomas de ansiedade nos adolescentes foi utilizado o BAI (vide modelo no Anexo G), instrumento composto por 21 itens relativos a sintomas de ansiedade (escala tipo *Likert* de quatro pontos) que contém afirmações que indicam desde um

grau mínimo até um nível grave de ansiedade. Os participantes são solicitados a indicar, numa escala de 0 (nunca) a 3 (gravemente), o quanto foram afetados por determinados sintomas na última semana. A avaliação é somatória, sendo a sintomatologia mais forte quanto maior o escore obtido. O índice de consistência interna do instrumento obtido no estudo de adaptação foi de 0,88. A avaliação dos adolescentes foi feita a partir das normas brasileiras (Cunha, 2001).

A proposta inicial para o desenvolvimento do BAI era criar uma escala confiável para discriminar ansiedade de depressão e para ser utilizado principalmente com amostras clínicas (Creamer, Foran & Bell, 1995). No entanto, sua brevidade e simplicidade o fizeram de uso amplo para vários tipos de configurações populacionais. O instrumento costuma apresentar índices altos de consistência interna (Creamer, Foran & Bell, 1995; Fydrich, Dowdall, & Chambless, 1992; Hewitt & Norton, 1993), confiabilidade teste-reteste e validade concorrente e discriminante (Fydrich, Dowdall & Chambless, 1992). O BAI tem sido útil para avaliar sintomas de ansiedade tanto em amostras clínicas quanto na população em geral (Steer, Kumar, Ranieri & Beck, 1995). Por suas qualidades psicométricas e por sua simplicidade de aplicação e avaliação, o BAI foi escolhido para investigar a presença de sintomas de ansiedade nos adolescentes deste estudo, no qual também mostrou um bom índice de consistência interna (*Alpha* de Cronbach de 0.87).

### **Procedimento e Considerações Éticas**

Este estudo foi realizado utilizando um delineamento fatorial 2X4 (Robson, 1993), cujos fatores são os dois tipos de escola (pública e privada) e os quatro estilos parentais (autoritário, autoritativo, indulgente e negligente). Inicialmente, foi realizado um estudo piloto com 18 adolescentes que buscavam atendimento no Serviço de Orientação Profissional (SOP) da UFRGS e que se encontravam na mesma faixa etária e nível de escolaridade da população alvo. Este estudo piloto tinha por objetivo avaliar os procedimentos de *rapport* e o tempo de aplicação dos instrumentos e testar a análise dos dados. Os instrumentos foram aplicados nas dependências do SOP.

Após o estudo piloto, a seleção das escolas para o estudo principal foi feita com base nos critérios de localização, número de alunos (foram privilegiadas escolas com maior número de alunos) e interesse em colaborar com a realização da pesquisa. Foram selecionadas cinco

escolas (duas públicas e três particulares) localizadas em quatro bairros de Porto Alegre. Um resumo do projeto foi enviado às direções das escolas e o agendamento das aplicações foi feito com as equipes de orientação educacional.

Os participantes responderam aos instrumentos em aplicações realizadas coletivamente em sala de aula e a ordem de aplicação dos instrumentos foi aleatória, tendo a mesma configuração em cada sala. Cada aplicação foi precedida de uma breve explicação dos objetivos do estudo. As aplicações foram realizadas pela própria pesquisadora e por duas estudantes de Psicologia treinadas. Foram incluídos na amostra apenas os participantes que preencheram de forma completa os instrumentos.

A participação no estudo foi voluntária. Houve um pedido de autorização dos pais (Consentimento Informado, modelo no Anexo H) e também foi solicitado consentimento dos adolescentes para que respondessem aos instrumentos. Durante a coleta e análise de dados foram tomadas as medidas necessárias para garantir o sigilo e a confidencialidade dos mesmos. Aos interessados, após a aplicação dos instrumentos, foram disponibilizadas informações sobre serviços de orientação profissional e outros atendimentos solicitados. As escolas colaboradoras receberam relatórios parciais, devolvidos em entrevistas com as equipes de orientação educacional, com os resultados de seus alunos e, ao final do estudo, um relatório final.

### CAPÍTULO III: RESULTADOS

Os dados obtidos neste estudo estão apresentados de forma a mostrar, respectivamente, os resultados descritivos, as comparações de médias e associações de variáveis e a análise multivariada realizada. O comportamento dos pais foi analisado levando-se em conta tanto os estilos parentais percebidos quanto os escores obtidos nas dimensões de responsividade, exigência e intrusividade, separadamente. Dessa forma, foi possível avaliar a influência do clima global familiar (representado pelo estilo parental) e também de aspectos específicos do comportamento parental (controle, afeto e intrusão).

Em relação à indecisão profissional, o escore médio obtido neste estudo foi de 72,8 ( $d.p= 15,19$ ). Testes  $t$  de comparação de médias permitiram observar que não houve diferenças de sexo ( $t=0,77$ ;  $g.l=465$ ;  $p<0,44$ ) ou tipo de escola ( $t=1,21$ ;  $g.l=465$ ;  $p<0,22$ ) em relação aos escores de indecisão. Embora a diferença não tenha significância estatística, houve uma tendência dos adolescentes que trabalham de apresentar escores mais altos de indecisão profissional do que os adolescentes que não trabalham ( $t= -1,79$ ;  $g.l=465$ ;  $p<0,07$ ).

A Análise de Variância (ANOVA) não mostrou diferenças significativas nos escores de indecisão de acordo com o estado civil dos pais [ $F(3, 463)<1$ ]. Já ao analisarmos a posição do adolescente entre os irmãos, vemos que filhos do meio e filhos únicos apresentaram escores significativamente mais altos de indecisão do que os outros [ $F(3, 452)=4,27$ ;  $p<0,01$ ]. Embora os escores médios de indecisão tenham aumentado de maneira inversamente proporcional à escolaridade dos pais, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre eles [ $F(2, 446)=2,28$ ;  $p<0,10$ ].

Com relação à presença de sintomas depressivos, observou-se um escore médio de 8,5 ( $d.p=6,59$ ). Classificando os adolescentes a partir das normas brasileiras (Cunha, 2001), obtivemos 74,9% dos adolescentes apresentando nível mínimo de depressão, 19,9% apresentando nível leve, 4,7% apresentando nível moderado e apenas 0,4% apresentando nível considerado grave de sintomas depressivos. Para fins diagnósticos, aqueles adolescentes com escores moderado e grave seriam considerados clinicamente deprimidos. Isso representaria 5,1% desta amostra (24 adolescentes).

Os testes de comparação de médias e de associação não mostraram diferenças de sexo quanto ao escore total ( $t=1,49$ ;  $g.l=465$ ;  $p<0,13$ ) ou quanto aos níveis ( $\chi^2= 2,79$ ;  $g.l= 3$ ;  $p<0,42$ ) de depressão. Por outro lado, houve diferenças nos escores de depressão entre os adolescentes de escolas públicas e privadas ( $t=2,04$ ;  $g.l=465$ ;  $p<0,05$ ); os alunos da rede

pública apresentaram escores significativamente mais altos de depressão do que os outros. As ANOVAS realizadas não mostraram diferenças significativas nos escores de depressão em relação à posição entre os irmãos [ $F(3, 452)=1,11; p<0,34$ ], profissão dos pais [ $F(2, 446)=1,84; p<0,16$ ] e estado civil dos pais [ $F(3, 463)<1$ ].

O escore médio de ansiedade obtido nesta amostra de adolescentes foi de 9,2 ( $d.p=7,66$ ). Observou-se que 61,9% dos adolescentes apresentaram nível mínimo de ansiedade, 29,1% apresentaram nível leve, 8,1% apresentaram nível moderado e 0,9% apresentaram nível grave de sintomas de ansiedade. Os adolescentes com escores moderado e grave (considerados clinicamente ansiosos) somaram 9% da amostra (42 participantes). Testes  $t$  de comparação de médias permitiram observar diferenças significativas nos escores de ansiedade em relação ao sexo ( $t=5,17; g.l=465; p<0,01$ ) e tipo de escola ( $t=2,02; g.l=465; p<0,05$ ). As meninas apresentaram escores significativamente mais altos do que os meninos e os alunos da rede pública apresentaram escores significativamente mais altos do que os da rede privada. A associação entre sexo e nível de ansiedade também foi significativa ( $\chi^2=19,83; g.l= 3; p<0,01$ ); as meninas tenderam a apresentar, com maior frequência, níveis moderado e grave de ansiedade, enquanto os meninos apresentaram, mais frequentemente, nível mínimo de ansiedade.

A análise das variáveis demográficas mostrou não haver diferenças significativas nos escores de ansiedade de acordo com a posição entre os irmãos [ $F(3, 452)=1,26; p<0,28$ ], estado civil dos pais [ $F(3, 463)<1$ ] ou profissão dos pais [ $F(2, 446)=2,36; p<0,09$ ]. Esse último resultado apontou, no entanto, uma tendência de aumento da ansiedade do adolescente à medida que diminui o nível profissional dos pais. As meninas obtiveram escores médios mais altos do que os meninos nas três medidas avaliadas – indecisão, ansiedade e depressão.

A partir desses resultados podemos afirmar que a hipótese de que os alunos da rede pública apresentariam escores significativamente mais altos de indecisão, ansiedade e depressão foi confirmada parcialmente, não tendo sido verdadeira apenas para os escores de indecisão. Com relação à hipótese de que as mulheres apresentariam escores mais altos de ansiedade e depressão houve confirmação também parcial, pois embora os escores médios obtidos pelas meninas tenham sido maiores do que os obtidos pelos meninos, houve diferença significativa apenas em relação à ansiedade. As médias e desvios-padrão obtidos, separados por sexo e tipo de escola, estão descritos na Tabela 2.

Tabela 2: Médias e Desvios-padrão de Ansiedade, Indecisão e Depressão por Sexo e Tipo de Escola.

		Indecisão		Ansiedade		Depressão		
		n	M	d.p	M	d.p	M	d.p
Sexo								
	Masculino	220	72,3	14,11	7,3	6,30	8,0	6,97
	Feminino	247	73,3	16,10	10,9	8,36	8,9	6,23
Escola								
	Pública	215	73,8	15,75	10,0	7,61	9,2	6,17
	Privada	252	72,0	14,67	8,6	7,66	7,9	6,89

A maioria dos adolescentes (63%) relatou já ter uma opção profissional definida. Desses, 54,4% são meninas e 45,6% são meninos. Embora as meninas tenham relatado com maior frequência já terem escolhido uma profissão, a diferença em relação aos meninos não foi estatisticamente significativa ( $\chi^2=0,74$ ;  $g.l=1$ ;  $p<0,38$ ). Houve diferenças significativas entre os escores de indecisão dos adolescentes que relataram possuir e não possuir uma escolha profissional ( $t=9,32$ ;  $g.l=455$ ;  $p<0,01$ ); aqueles adolescentes que relataram já ter escolhido uma profissão apresentaram escores significativamente mais baixos de indecisão profissional. Houve diferenças significativas entre os adolescentes que relataram ou não já possuir uma escolha profissional também em relação à depressão ( $t=2,51$ ;  $g.l=465$ ;  $p<0,05$ ); aqueles adolescentes que ainda não possuem uma escolha profissional apresentaram escores mais altos de depressão. Por outro lado, não houve diferenças entre os adolescentes que relataram ou não já possuir uma escolha profissional quanto aos escores de ansiedade ( $t=1,25$ ;  $g.l=465$ ;  $p<0,20$ ).

As escolhas citadas pelos adolescentes somaram 45 opções de curso universitário e outras quatro opções que não envolvem a entrada na Universidade. Os alunos da rede pública foram os únicos que citaram opções profissionais não universitárias. Ao observarmos as preferências profissionais de meninos e meninas, vemos que ambos variaram suas opções entre 32 possibilidades diferentes. Entre os meninos, 22% citaram profissões da área biológica, 53% da área de exatas, 18,5% da área de humanas e 6% da área de letras e artes. Entre as mulheres estes percentuais foram 44,2%, 16,1%, 33,7% e 6,3%, respectivamente. Ao analisarmos as opções profissionais por tipo de escola podemos observar que alunos das redes

pública e privada apresentaram praticamente a mesma amplitude de possibilidades (36 e 35, respectivamente). As profissões citadas pelos adolescentes estão descritas em uma tabela disponível no Anexo A.

Quanto às percepções do comportamento parental, as médias obtidas por pais e mães nas dimensões de responsividade, exigência e intrusividade, de acordo com meninos e meninas, estão descritas na Tabela 3. Nos escores combinados, para a totalidade da amostra, as médias obtidas foram 54,4 ( $d.p= 16,65$ ) em exigência, 100,5 ( $d.p= 24,76$ ) em responsividade e 14,2 ( $d.p= 9,85$ ) em intrusividade parental. Separadamente, as mães obtiveram escores médios de 28,3 ( $d.p= 9,11$ ) em exigência, 53,7 ( $d.p= 12,59$ ) em responsividade e 8,0 ( $d.p= 5,99$ ) em intrusividade. Os pais, por sua vez, obtiveram escores médios de 26,0 ( $d.p=9,57$ ) em exigência, 47,3 ( $d.p= 15,38$ ) em responsividade e 6,15 ( $d.p= 5,21$ ) em intrusividade. É possível observar que as mães obtiveram escores mais altos nas três dimensões avaliadas.

Tabela 3: Médias e Desvios-padrão das Variáveis Exigência, Responsividade e Intrusividade Parentais Obtidos por Meninas e Meninos.

	Meninas		Meninos	
	<i>M</i>	<i>d.p</i>	<i>M</i>	<i>d.p</i>
Exigência				
Pais	26,8	10,42	25,1	8,49
Mães	30,2	10,08	26,2	7,37
Combinada	57,2	17,90	51,5	14,66
Responsividade				
Pais	47,0	16,68	47,6	13,87
Mães	55,4	13,15	51,8	11,67
Combinada	101,7	25,75	99,2	23,64
Intrusividade				
Pais	6,0	5,40	6,2	5,01
Mães	8,3	3,16	7,7	5,79
Combinada	14,3	9,66	14,0	10,08

Testes *t* de comparação de médias mostraram que houve diferenças significativas de sexo quanto aos escores de exigência ( $t=4,76$ ;  $g.l= 465$ ;  $p<0,01$ ) e responsividade ( $t=3,17$ ;



$g.l= 465; p<0,01$ ) materna percebidas. As meninas apresentaram escores significativamente mais altos do que os meninos tanto na percepção de responsividade quanto de exigência disponibilizadas pela mãe. As diferenças entre as percepções de meninos e meninas quanto à exigência paterna ( $t=1,75; g.l= 425; p<0,08$ ), responsividade paterna ( $t=-0,35; g.l= 425; p<0,72$ ), intrusividade materna ( $t=1,05; g.l= 465; p<0,29$ ) e intrusividade paterna ( $t=-0,44; g.l= 425; p<0,65$ ) não foram significativas. Observou-se, no entanto, uma tendência das meninas em descreverem os pais como mais exigentes do que os meninos.

Foram feitos testes  $t$  de comparação de médias também para observar diferenças entre adolescentes das redes pública e privada nas três dimensões de comportamento parental. Essas análises não mostraram diferenças significativas ou tendências em nenhuma das medidas avaliadas.

A posição entre os irmãos apresentou diferenças significativas em relação aos escores de exigência paterna [ $F(3, 413)=2,96; p<0,05$ ] e responsividade materna [ $F(3, 451)=2,83; p<0,05$ ]. Filhos únicos ou mais velhos perceberam os pais como mais exigentes do que os filhos do meio ou caçulas. Quanto à responsividade materna, filhos caçulas ou filhos únicos perceberam mais responsividade por parte das mães do que filhos mais velhos ou do meio. Não houve diferenças quanto à exigência materna [ $F(3, 451)=1,63; p<0,18$ ], responsividade paterna [ $F(3, 413)=1,00; p<0,39$ ], intrusividade materna [ $F(3, 451)<1$ ] ou intrusividade paterna [ $F(3, 413)=1,23; p<0,30$ ]. Ao analisarmos o estado civil dos pais vemos que houve diferenças em relação à exigência e responsividade paternas [ $F(3, 423)=7,18; p<0,01; F(3, 423)=10,40; p<0,01$ , respectivamente]. Quando o casal é separado o pai foi descrito como significativamente menos exigente e responsivo pelos adolescentes. Não houve diferenças quanto à exigência ou responsividade maternas [ $F(3, 462)<1$ , em ambos os casos] ou intrusividade materna e paterna [ $F(3, 462)<1; F(3, 423)=1,03; p<0,37$ , respectivamente]. A análise do nível profissional dos pais não mostrou diferenças significativas ou tendências em relação às dimensões.

Testes de correlação envolvendo as variáveis dependentes indecisão, ansiedade e depressão, variáveis demográficas e os escores de responsividade, exigência e intrusividade mostraram que os níveis de ansiedade ( $r=0,32$ ) e depressão ( $r=0,32$ ) foram as medidas com maiores correlações com indecisão profissional. Quanto maiores os níveis de ansiedade ou depressão, maior o nível de indecisão. Em relação à ansiedade, vê-se que esta apresentou uma correlação positiva com os níveis de escolaridade ( $r=0,11$ ) e negativa com os índices de responsividade ( $r=-0,11$ ) parentais. Embora estas correlações não sejam de grande magnitude,

quanto menor a responsividade dos pais, maior o nível de ansiedade dos adolescentes e quanto maior a escolaridade dos pais, maior a ansiedade. Quanto à depressão, além da responsividade ( $r=-0,32$ ), também a exigência ( $r=-0,12$ ) parental apresentou uma correlação negativa com depressão, demonstrando que quanto mais exigentes e responsivos os pais são percebidos, menores são os sintomas depressivos dos adolescentes. Por outro lado, a intrusividade parental apresentou-se positivamente correlacionada com a depressão ( $r=0,18$ ); quanto mais intrusivos os pais são percebidos, maior a depressão dos adolescentes. Os níveis de ansiedade e depressão também apresentaram forte correlação entre si ( $r=0,50$ ), apontando para a possível existência de comorbidade. É importante ressaltar as correlações entre as dimensões de socialização. Houve uma correlação positiva entre exigência e intrusividade ( $r=0,24$ ) e negativa entre responsividade e intrusividade ( $r=-0,27$ ). Os pais mais exigentes tenderam a ser também mais intrusivos, ao passo que os pais mais responsivos tenderam a ser menos intrusivos. Exigência e responsividade correlacionam-se positivamente ( $r=0,22$ ). As correlações existentes entre as medidas avaliadas estão descritas na Tabela 4.

Tabela 4: Correlações entre Indecisão, Ansiedade, Depressão, Idade, Renda, Número de Irmãos, Profissão dos Pais, Responsividade, Exigência e Intrusividade Parentais

	Indeci são	BAI	BDI	Idade	Renda	Nº Irmãos	Prof. Pais	Respon sividade	Exigên cia	Intrusi vidade
Indec.	-									
BAI	0,32**	-								
BDI	0,32**	0,50**	-							
Idade	0,01	0,07	-0,01	-						
Renda	-0,06	-0,10	-0,09	-0,19*	-					
Nº Irmãos	0,01	0,07	-0,01	0,03	-0,04	-				
Prof. Pais	0,05	0,11*	0,03	0,24**	-0,50**	-0,01	-			
Resp.	-0,02	-0,11*	-0,32**	0,02	-0,03	-0,03	-0,05	-		
Exig.	-0,03	-0,02	-0,12*	-0,05	-0,13	-0,11*	0,01	0,22**	-	
Intrus.	0,07	0,09	0,18**	0,02	0,03	-0,10*	0,03	-0,27**	0,24**	-

\*\* Correlações significativas ( $p<0,01$ ).

\* Correlações significativas ( $p<0,05$ ).

A análise de correlação confirmou a hipótese de que os escores de indecisão, ansiedade e depressão apresentariam uma correlação positiva. Uma análise de Regressão foi realizada para verificar os fatores mais importantes na determinação dos escores de indecisão profissional, ansiedade e depressão dos adolescentes. Os resultados mostraram que, entre as variáveis analisadas no modelo, apenas os níveis de ansiedade e depressão contribuíram para explicar a indecisão profissional. As duas medidas juntas explicaram, no entanto, apenas 14% da variação do nível de indecisão. Em relação à ansiedade, observamos que foram importantes para explicar 29% da variação dessa medida as variáveis sexo, depressão e indecisão profissional. Ao analisarmos a medida de depressão, observamos que as variáveis ansiedade, responsividade do pai, intrusividade da mãe, indecisão profissional, exigência do pai e responsividade da mãe explicaram, juntas, 33% da variação nos escores de depressão. Os resultados das análises de regressão estão descritos na Tabela 5.

Tabela 5: Resultados das Análises de Regressão dos Escores de Indecisão, Ansiedade e Depressão.

Variáveis Independentes	Indecisão			Ansiedade			Depressão		
	$\beta$	$R$	$R^2$	$\beta$	$R$	$R^2$	$\beta$	$R$	$R^2$
Sexo	0,03	-	-	0,18	0,51	0,26	-0,02	-	-
Idade	-0,02	-	-	0,08	-	-	-0,04	-	-
Indecisão	-	-	-	0,17	0,53	0,29	0,13	0,56	0,31
Ansiedade	0,23	0,33	0,11	-	-	-	0,39	0,47	0,22
Depressão	0,21	0,38	0,14	0,41	0,47	0,22	-	-	-
Respons. da Mãe	0,07	-	-	0,02	-	-	-0,10	0,58	0,33
Respons. do Pai	0,04	-	-	0,01	-	-	-0,14	0,53	0,28
Exig. da Mãe	-0,03	-	-	-0,02	-	-	0,01	-	-
Exig. do Pai	0,01	-	-	0,01	-	-	-0,10	0,57	0,32
Intrusiv. da Mãe	0,01	-	-	-0,04	-	-	0,12	0,55	0,30
Intrusiv. do Pai	0,02	-	-	0,03	-	-	-0,06	-	-

Ao descrevermos os estilos parentais, observamos diferenças na descrição dos estilos de pai e mãe, bem como diferenças entre as percepções de meninas e meninos. A Figura 1

apresenta os percentuais válidos dos estilos parentais materno, paterno e combinado, de acordo com a totalidade dos participantes. Na maioria dos casos os adolescentes referiram estar descrevendo os estilos de pai e mãe (89,3%); 8,1% descreveram respostas relativas apenas à mãe, 1,9% descreveram respostas relativas à mãe e ao padrasto, 0,4% descreveram respostas relativas ao pai e à madrasta e 0,2% (1 adolescente) descreveu respostas relativas apenas ao pai. Para fins de classificação dos estilos parentais estes casos foram considerados igualmente.

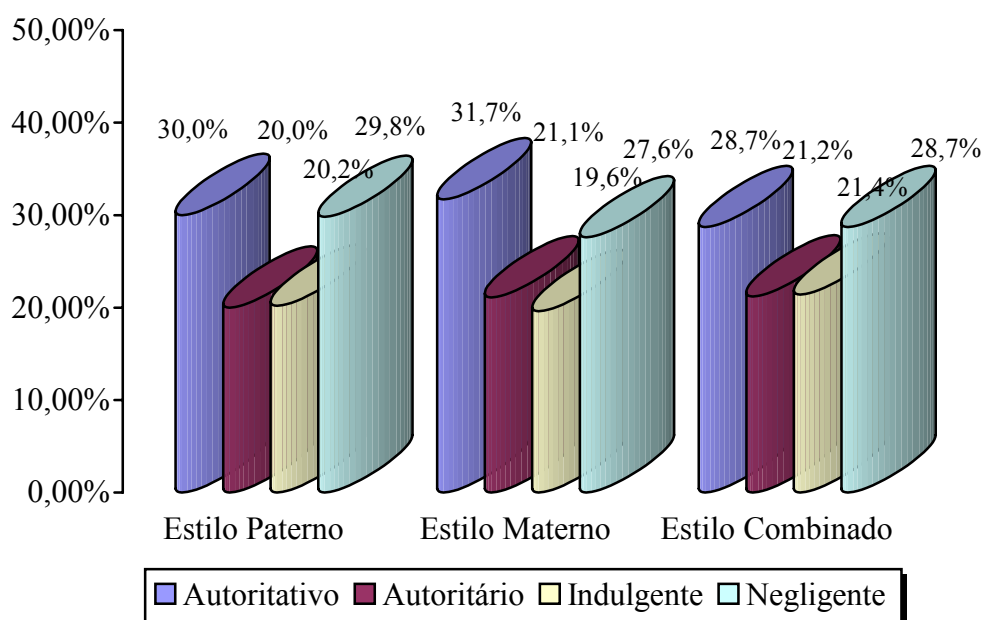


Figura 1. Frequência dos Estilos Paterno, Materno e Combinado

Ao analisarmos a totalidade dos participantes, percebeu-se que a distribuição dos estilos apresentou-se de maneira uniforme, com predomínio dos estilos autoritativo tanto para os pais quanto para as mães. O segundo estilo mais freqüente foi o negligente, enquanto os estilos autoritário e indulgente ocuparam posições intermediárias. O estilo parental combinado apresentou, por sua vez, freqüências iguais para os estilos autoritativo e negligente. Com relação à intrusividade, a maioria dos adolescentes caracterizou a mãe como intrusiva (56,5%) e o pai como não intrusivo (53,7%). Estes resultados confirmam a hipótese de que os estilos parentais percebidos configurariam uma distribuição semelhante àquela encontrada na literatura internacional e nacional.

Quando observamos as descrições de meninos e meninas separadamente, vemos que houve um aumento significativo, na visão dos meninos, relativo à negligência materna e uma diminuição, igualmente significativa, da autoritatividade materna, em comparação com a classificação feita pelas meninas ( $\chi^2=36,72$ ;  $g.l=3$ ;  $p<0,01$ ). Diferenças de gênero na percepção do estilo paterno não foram estatisticamente significativas ( $\chi^2=4,18$ ;  $g.l=3$ ;  $p<0,24$ ). O estilo combinado não apresentou diferenças significativas na percepção de meninos e meninas ( $\chi^2=6,32$ ;  $g.l=3$ ;  $p<0,09$ ), no entanto observou-se uma tendência maior dos meninos em descrever o casal parental como negligente. Com relação à percepção de intrusividade materna e paterna, também não foram observadas diferenças significativas ( $\chi^2=2,63$ ;  $g.l=3$ ;  $p<0,10$ ;  $\chi^2=0,45$ ;  $g.l=1$ ;  $p<0,51$ , respectivamente). Entre as meninas, 60% consideraram a mãe intrusiva e 44,7% consideraram o pai intrusivo. Já entre os meninos os percentuais são 52,5% e 48%, respectivamente.

Os testes de associação realizados para avaliar as diferenças na classificação dos estilos paterno, materno e combinado entre os adolescentes de escola pública e privada não demonstraram existência de diferenças significativas em nenhum desses estilos ( $\chi^2=2,63$ ;  $g.l=3$ ;  $p<0,45$ ;  $\chi^2=0,61$ ;  $g.l=3$ ;  $p<0,90$ ;  $\chi^2=1,03$ ;  $g.l=3$ ;  $p<0,80$ , respectivamente). Diferenças significativas na descrição de adolescentes das redes pública e privada sobre a intrusividade materna e paterna também não foram encontradas ( $\chi^2=0,38$ ;  $g.l=1$ ;  $p<0,53$ ;  $\chi^2=0,20$ ;  $g.l=1$ ;  $p<0,65$ , respectivamente). Cerca de 58% dos alunos da rede pública descreveram a mãe como intrusiva, contra 55,2% da rede privada e 47,6% dos alunos da rede pública descreveram o pai como intrusivo, contra 45,3% da rede privada. Estes resultados não confirmam a hipótese de que os adolescentes da rede pública (representantes de NSE baixo) descreveriam os pais como mais negligentes e autoritários e menos indulgentes e autoritativos do que os adolescentes da rede privada (representantes de NSE alto).

Foram realizados os mesmos testes de associação Qui-Quadrado para avaliar as diferenças de sexo na percepção dos estilos parentais nos dois contextos escolares separadamente. Os resultados apontaram as mesmas diferenças e tendências observadas na análise geral, com algumas ressalvas. No contexto das escolas públicas verificou-se uma tendência das meninas em descreverem as mães como mais intrusivas do que os meninos ( $\chi^2=2,80$ ;  $g.l=1$ ;  $p<0,09$ ) e de descreverem o estilo combinado de pai e mãe como mais autoritativo do que os meninos ( $\chi^2=6,99$ ;  $g.l=3$ ;  $p<0,07$ ). A descrição dos estilos parentais combinados, separada por sexo e tipo de escola, pode ser vista na Figura 2.

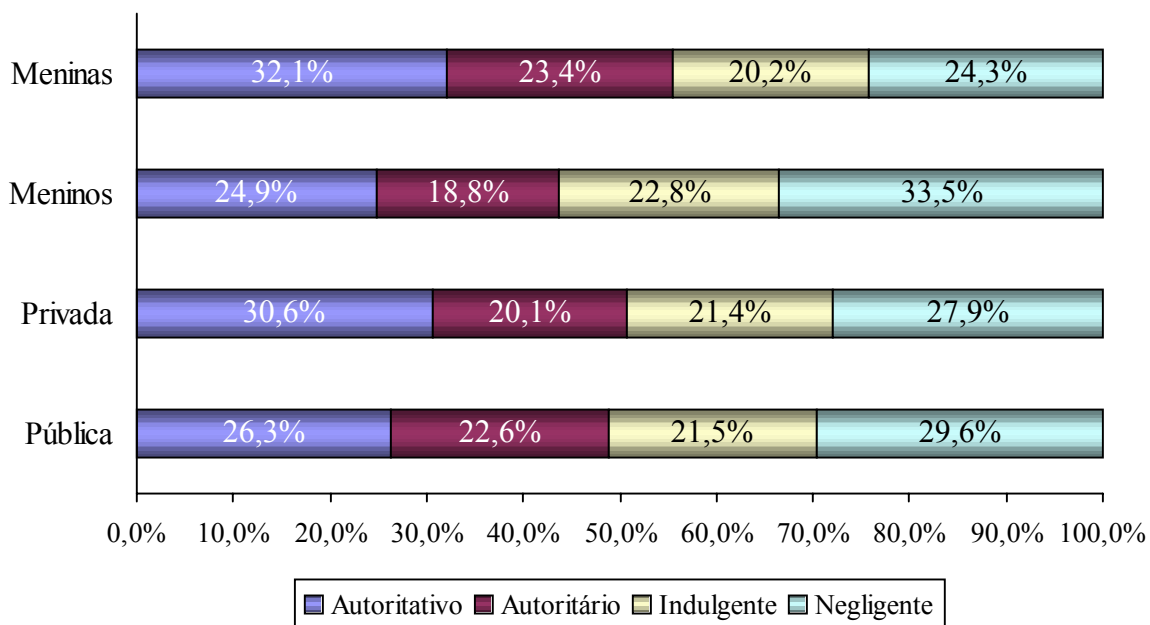


Figura 2. Frequências do Estilo Parental Combinado de acordo com Sexo e Tipo de Escola.

Testes de associação Qui-Quadrado não mostraram diferenças na classificação dos estilos materno, paterno e combinado em relação à posição entre os irmãos ( $\chi^2=9,35$ ;  $g.l=9$ ;  $p<0,40$ ;  $\chi^2=9,87$ ;  $g.l=9$ ;  $p<0,36$ ;  $\chi^2=8,43$ ;  $g.l=9$ ;  $p<0,49$ , respectivamente) ou em relação ao nível profissional dos pais ( $\chi^2=1,85$ ;  $g.l=6$ ;  $p<0,93$ ;  $\chi^2=8,48$ ;  $g.l=6$ ;  $p<0,20$ ;  $\chi^2=9,02$ ;  $g.l=6$ ;  $p<0,17$ , respectivamente). Já o estado civil dos pais apresentou diferenças significativas quanto aos estilos parentais paterno ( $\chi^2=20,88$ ;  $g.l=6$ ;  $p<0,01$ ) e combinado ( $\chi^2=14,41$ ;  $g.l=6$ ;  $p<0,05$ ), mas não quanto ao estilo parental materno ( $\chi^2=7,42$ ;  $g.l=6$ ;  $p<0,60$ ). Quando o casal é separado, o pai foi percebido como mais negligente e menos autoritativo do que quando o casal está casado.

ANOVAS mostraram existir diferença significativa entre os estilos parentais quanto aos escores de depressão [ $F(3, 411)=23,32$ ;  $p<0,01$ ], mas não quanto aos escores de ansiedade [ $F(3, 411)=2,20$ ;  $p<0,14$ ] ou indecisão profissional [ $F(3, 411)<1$ ]. Filhos de pais autoritários e negligentes apresentaram escores significativamente mais altos de depressão do que os outros. As médias obtidas em indecisão, ansiedade e depressão de acordo com os diferentes estilos parentais percebidos estão descritas na Tabela 6.

Tabela 6. Médias e Desvios-padrão em Indecisão, Ansiedade e Depressão de acordo com os Estilos Parentais Percebidos.

	n	Indecisão		Ansiedade		Depressão	
		<i>M</i>	<i>d.p</i>	<i>M</i>	<i>d.p</i>	<i>M</i>	<i>d.p</i>
Est. Parental							
Autoritativo	119	72,8	14,24	7,9	7,39	5,4	4,44
Autoritário	88	73,7	16,57	10,2	7,31	10,5	6,38
Indulgente	89	70,7	16,04	9,2	8,50	8,6	7,00
Negligente	119	72,8	14,18	9,7	7,27	10,0	7,36

Testes *t* de comparação de médias mostraram que filhos de pais autoritativos tiveram escores significativamente mais baixos em depressão do que filhos de pais autoritários ( $t = -6,64$ ;  $g.l = 205$ ;  $p < 0,01$ ), indulgentes ( $t = -3,98$ ;  $g.l = 206$ ;  $p < 0,01$ ) e negligentes ( $t = -5,79$ ;  $g.l = 236$ ;  $p < 0,01$ ). Além disso, tiveram também escores significativamente mais baixos em ansiedade do que filhos de pais autoritários ( $t = -2,20$ ;  $g.l = 205$ ;  $p < 0,05$ ) e tenderam a apresentar escores mais baixos de ansiedade do que filhos de pais negligentes ( $t = -1,90$ ;  $g.l = 236$ ;  $p < 0,06$ ). Filhos de pais indulgentes apresentaram escores significativamente mais baixos de depressão do que filhos de pais autoritários ( $t = 1,95$ ;  $g.l = 175$ ;  $p < 0,05$ ). Com relação à indecisão não foram observadas diferenças significativas entre os grupos. Filhos de pais autoritários e negligentes não diferiram também quanto aos índices de ansiedade ou depressão. Este resultado não permitiu confirmar totalmente as hipóteses de que: a) o estilo parental autoritativo estaria relacionado a menores níveis de indecisão, ansiedade e depressão; os resultados confirmaram apenas a expectativa relativa à depressão e parcialmente aquela relativa à ansiedade; b) os padrões indulgente e negligente estariam relacionados a níveis mais altos de indecisão, pois os escores de indecisão foram equivalentes entre os grupos e c) os padrões autoritário e negligente estariam relacionados a níveis mais altos de ansiedade e depressão; neste caso, os escores de depressão diferiram do grupo autoritativo, e o grupo indulgente teve um resultado melhor do que o grupo autoritário apenas em depressão. No entanto, podemos perceber que os escores médios apontaram para as direções esperadas, à exceção dos escores de indecisão.

Por fim, foi realizada uma Análise de Variância Multivariada (MANOVA) para investigar a influência conjunta das variáveis independentes (sexo, tipo de escola, estilo parental combinado) sobre as variáveis dependentes (indecisão profissional, ansiedade e depressão). Os resultados mostraram que as variáveis sexo e estilo parental possuíam efeitos independentes sobre ansiedade e depressão, respectivamente [ $F(2, 411)=22,84$ ;  $p<0,01$ ;  $F(2, 411)=13,91$ ;  $p<0,01$ ], mas não sobre a indecisão profissional. Os resultados da análise de variância multivariada estão apresentados na tabela abaixo. Estes resultados não confirmam totalmente a hipótese de que os estilos parentais tenham um efeito moderador sobre as relações entre indecisão, ansiedade e depressão dos adolescentes. Esse efeito foi observado apenas para o estilo autoritativo.

Tabela 7. Resultados da MANOVA.

V. Independente	V. dependente	Grau de Liberdade	F	Sig.
Sexo	Indecisão	1	2,96	0,08
	Depressão	1	3,36	0,06
	Ansiedade	1	22,84	0,00
Escola	Indecisão	1	0,08	0,77
	Depressão	1	1,37	0,24
	Ansiedade	1	1,47	0,22
Est. Comb.	Indecisão	3	0,57	0,63
	Depressão	3	13,81	0,00
	Ansiedade	3	1,82	0,14
Sexo* Escola* Est. Comb.	Indecisão	3	1,33	0,26
	Depressão	3	0,23	0,87
	Ansiedade	3	1,73	0,16



## CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO

A retomada das expectativas iniciais e a análise dos resultados obtidos neste estudo apontaram várias consistências em relação aos achados da literatura. Ao mesmo tempo, a ausência de algumas relações esperadas propiciou o surgimento de novas reflexões sobre as relações entre pais e filhos no âmbito da escolha profissional.

Inicialmente, percebeu-se a importância que a escolha profissional assume para os adolescentes no último ano do Ensino Médio. O grande número de atividades preparadas pelas escolas, visando auxiliar os alunos a realizarem a opção profissional, as informações disponibilizadas relativas aos concursos vestibulares e a receptividade a projetos de pesquisa na área (tanto por parte das escolas quanto por parte dos alunos) demonstraram que o assunto escolha profissional preocupa tanto as instituições escolares quanto as famílias e os próprios adolescentes, fazendo desse período um momento privilegiado para a investigação de questões relativas ao desenvolvimento vocacional (Goede, Spruijt, Iedema, & Meeus, 1999; Kalakosky & Nurmi, 1998; Schulenberg, Goldstein & Vondracek, 1991; Teixeira, 1998).

A ausência de diferenças nos níveis de indecisão profissional entre alunos de escolas públicas e privadas mostrou que as possibilidades de acesso à informação profissional podem estar mais uniformemente disponíveis e outros fatores como o grande número de opções e a própria precocidade da escolha podem fazer com que as eventuais dificuldades em estabelecer uma preferência estejam afetando a esses adolescentes de forma semelhante. A maior diferença entre os alunos das redes pública e privada não parece ser a capacidade de escolher ou não uma opção profissional, mas a forma como eles se sentem a respeito das próprias escolhas, como apontaram os índices de ansiedade e depressão. Quanto à semelhança dos índices de indecisão entre meninas e meninos, esse resultado é coerente com outros achados (Hartman & cols., 1987; Neiva, 2001). Os índices de bem-estar psicológico indicaram, no entanto, que as meninas tendem a vivenciar esse momento com maior ansiedade do que os meninos.

Os adolescentes que trabalham, em comparação àqueles que só estudam, tenderam a apresentar maior nível de indecisão. Experiências de trabalho normalmente são importantes para a exploração vocacional e podem auxiliar a formação da identidade profissional, mas podemos pensar que, no caso dos adolescentes desta amostra, exista uma tensão entre as preferências vocacionais e a necessidade real de sustento (pois os adolescentes da rede pública são os que mais trabalham) ou simplesmente uma concorrência entre as preferências

profissionais entre os jovens que trabalham. O fato de estarem envolvidos em atividades prazerosas nas quais se saem bem pode trazer dúvida à opção por uma carreira na qual não se teve ainda qualquer experiência. A posição na família pode também levar a situações diferentes no momento da escolha profissional. Os filhos únicos e os do meio apresentaram níveis mais altos de indecisão do que os outros. Os primeiros podem estar inaugurando na família as preocupações profissionais e o contato com o vestibular. Já os filhos do meio, embora seu alto nível de indecisão tenha sido em alguma medida surpreendente (em razão da ausência de achados semelhantes anteriores), podem estar reagindo a uma possível comparação com os filhos mais velhos, tanto se esses fracassaram ou foram bem sucedidos em sua escolha. A idade dos adolescentes, ao contrário do que apontavam alguns estudos (Frischenbruder, 1999), não foi importante para a definição do nível de indecisão dos adolescentes desta amostra.

Os índices de ansiedade e depressão mostraram-se próximos aos encontrados em estudos anteriores, embora os percentuais de adolescentes considerados clinicamente ansiosos ou deprimidos tenham sido mais baixos do que aqueles relatados na literatura (Baptista & Santos, 1996; Chartier & Lassen, 1994; Creamer, Foran, & Bell, 1995). As relações observadas entre tipo de escola e índices de ansiedade e depressão apontaram para um menor bem-estar psicológico dos alunos da rede pública. Além de outros fatores que podem estar influenciando nesses escores, relativos a dificuldades situacionais, socioeconômicas, familiares, entre outros, a própria questão profissional pode ser um fator desencadeante de piores índices de bem-estar psicológico nesses adolescentes. Mesmo que aspectos relativos à escolha não tenham sido diferentes entre os alunos das redes pública e privada, os altos índices de ansiedade e depressão demonstram que os adolescentes da rede pública podem sentir-se menos capazes de atingir os objetivos e metas profissionais, bem como menos competitivos do que os alunos da rede privada em relação ao vestibular, por exemplo. Kohn (1995) havia apontado que o estresse psicológico afeta negativamente a capacidade de auto-regulação, inclusive no âmbito educacional. Além disso, o autor salientou o poder que a posição social (e as conseqüentes dificuldades e vicissitudes impostas por ela) tem de afetar os níveis de bem-estar psicológico.

Com relação à ansiedade, os resultados confirmaram as diferenças de gênero apontadas na literatura (Hewitt & Norton, 1993; Steinberg, 1999). As meninas tenderam a ser mais ansiosas do que os meninos. Embora os estudos apontem a mesma diferença de gênero em relação à depressão, este trabalho não confirmou essa expectativa. Schraedley, Gottlib e

Hayward (1999) já haviam observado que as meninas apresentavam escores apenas levemente superiores aos dos meninos em depressão. Além disso, foi possível observar que variáveis como posição entre os irmãos, estado civil dos pais e nível profissional dos pais não mostraram relação com os estados subjetivos dos adolescentes da amostra. Os escores mais altos obtidos pelas meninas em medidas de avaliação subjetiva podem refletir um maior cuidado e atenção aos próprios estados internos e uma maior preocupação com o autoconhecimento (Allgood-Merten, Lewinsohn & Hops, 1990) e não necessariamente maiores problemas de internalização ou neuroticismo.

As análises de correlação mostraram as relações esperadas entre indecisão, ansiedade e depressão (Callahan & Greenhaus, 1992; Frischenbruder, 1999; Fuqua & Hartman, 1983; Fuqua & cols., 1988; Gómez, 1995; Holland & Holland, 1977; Jones & Winer, 1991; Taylor, 1982). Aqueles adolescentes mais indecisos mostraram-se também mais deprimidos e ansiosos, demonstrando que a dificuldade em realizar a opção profissional (especialmente no momento em que isso é socialmente solicitado) traz prejuízos ao bem-estar psicológico dos adolescentes. Os escores de ansiedade e depressão apresentaram, eles próprios, uma correlação positiva, apontando para a ocorrência de comorbidade. O nível profissional dos pais também se correlacionou positivamente com os índices de ansiedade. Dentro de um contexto de escolha profissional, podemos pensar que quanto mais qualificados os pais forem, maiores as exigências impostas aos filhos, em termos de rapidez e tipo de escolha que os filhos devem ou podem realizar. Essa situação de pressão é, então, potencialmente eliciadora de tensão e ansiedade.

O número alto de alunos que declararam já possuir uma escolha profissional definida (63%) não é surpreendente em função do momento em que foram coletados os dados – meses de julho e agosto. Como as inscrições para os grandes vestibulares, especialmente na UFRGS, acontecem cada vez mais cedo, tem-se observado que os adolescentes, em sua maioria, buscam antecipar para a primeira metade do ano suas preocupações e escolhas profissionais. Aqueles adolescentes que declararam já possuir uma escolha definida apresentaram níveis significativamente mais baixos de indecisão e depressão. Isso sugere que estas opções são confiáveis, realmente congruentes com os interesses e preferências vocacionais dos adolescentes e não estariam servindo apenas para responder às demandas sociais ou encobrir conflitos vocacionais próprios ou com outros significativos. Por outro lado, quem ainda não está definido apresentou maiores índices de depressão, sinalizando possíveis sentimentos de desvalia e incapacidade frente à tarefa da escolha. À medida que o tempo passa, quem ainda

não realizou a escolha vai experienciando sensações maiores de incompetência, além da desaprovação social (Krumboltz, 1992). O fato dos escores de ansiedade não terem diferido entre os adolescentes que escolheram ou não pode significar que, no que diz respeito ao desenvolvimento vocacional, a ansiedade pode estar mais relacionada às conseqüências da escolha e ao próprio desafio do vestibular do que exclusivamente ao fato de definir ou não uma opção profissional num dado momento.

A análise das opções citadas apresentou alguns aspectos interessantes. Em primeiro lugar, vemos que o total de possibilidades não chegou a um terço do número de profissões disponíveis no mercado de trabalho (atualmente mais de 160 profissões universitárias, segundo o Guia do Estudante 2001). Foram citadas apenas 46 profissões de nível superior e quatro outras profissões não universitárias, apontando para a existência de pouca informação ou pouca flexibilidade por parte dos adolescentes. As opções mais citadas estão entre as mais conhecidas e tradicionais, o que pode significar uma exploração pobre e pouco sistemática do mundo profissional (Frischenbruder, 1999). Outra possibilidade é pensar que as mudanças no mundo do trabalho e as dificuldades percebidas na obtenção de emprego estão fazendo com que os adolescentes diminuam a exploração e optem por carreiras mais tradicionais, com mais oportunidades percebidas (Blustein, Pauling, DeMania & Faye, 1994). A distribuição das opções por sexo foi equilibrada em termos de variabilidade, mas não em termos de área de formação. As tendências observadas neste estudo apontaram para as tradicionais diferenças de gênero e interesse profissional (Schulenberg, Goldstein & Vondracek, 1991; Stockard & Mgee, 1990), nas quais os meninos tendem a preferir profissões mais técnicas e administrativas e as meninas profissões mais ligadas ao cuidado e à área social. Apenas ressalta-se o aumento, nas escolhas femininas, da opção pela área biológica, tradicionalmente masculina. A ausência de diferenças de sexo quanto ao número de opções contraria tanto os estudos que afirmam que os homens tendem a considerar uma gama maior de opções profissionais, por percebem maiores oportunidades e mais apoio social do que as mulheres (Blustein, Pauling, DeMania & Faye, 1994), quanto aqueles que afirmam que as meninas têm maior capacidade exploratória (Frischenbruder, 1999).

Não houve diferença significativa entre o número ou o tipo de opções citadas por alunos das redes pública e privada. Isso permite algumas reflexões. Ao mesmo tempo em que somente alunos da rede pública citaram opções alternativas à entrada na Universidade, demonstrando que talvez, para eles, possa ser mais interessante o ingresso imediato no mercado de trabalho e que a entrada na Universidade é um projeto para o futuro (Ribeiro,

2001), a maioria dos alunos da rede pública tem as mesmas expectativas e aspirações profissionais que os alunos da rede privada (Rokewski, 1994). Mesmo que outros alunos da rede pública possam ter também planos de buscar um emprego imediato ao término do Ensino Médio (questão que não foi perguntada neste estudo) a semelhança entre as pretensões profissionais dos adolescentes é muito grande. Essa semelhança pode ser explicada pelo aumento do número de famílias de classe média cujos filhos estão na escola pública (Piotto, 2001), e cujos pais já possuem nível superior, criando nos filhos as mesmas expectativas de formação e ascensão social. Especialmente nesta amostra, vemos que nas escolas públicas quase 40% dos adolescentes possuíam pelo menos um dos pais com nível superior e quase 60% apresentaram ao menos um dos pais com nível secundário ou técnico. Esses índices são inferiores aos da escola privada, mas já representam um aumento em comparação à década anterior. Kohn (1995), Lankard (1995) e Ribeiro (2001) apontam que as condições e oportunidades de trabalho dos pais afetam seu modo de perceber a realidade social e, conseqüentemente, o tipo de orientação e valores profissionais passados aos filhos. As diferenças de nível socioeconômico, esperadas entre adolescentes da rede pública e privada em termos de indecisão e tipo de opção profissional, podem não estar tão claramente presentes pois os dois grupos se tornaram mais próximos quanto às características dos pais, como nível de escolaridade. Dessa forma, as expectativas dos filhos também tendem a ficar mais parecidas, como observamos nos resultados deste estudo. Possivelmente alunos da rede pública estudantes em escolas de periferia ou cujos pais possuíssem menor escolaridade teriam apresentado outras escolhas e projetos profissionais.

A descrição do comportamento parental, feita pelos adolescentes, revelou características importantes das relações entre pais e filhos. Um dos aspectos a serem destacados é a relevância da presença materna na percepção dos filhos adolescentes, especialmente das meninas. Esses resultados confirmam a maior proximidade da mãe com os filhos apontada na literatura (Baumrind, 1991; Claes, 1998; Costa, Teixeira & Gomes, 2000; Honess & cols., 1997; Paulson & Sputa, 1996; Russell, 1997). As mães apareceram como bastante envolvidas na educação e desenvolvimento dos filhos, suplantando em muitos aspectos a participação paterna. Essa constatação é demonstrada pelos maiores escores obtidos pelas mães nas três dimensões avaliadas (exigência, responsividade e intrusividade) e pela não alteração percebida pelos filhos quanto ao comportamento materno em função do estado civil ou nível profissional. As mães apresentaram uma maior consistência de suas práticas parentais. Já os pais apresentaram escores mais baixos nas dimensões avaliadas e tenderam a

ser percebidos como ainda menos responsivos e exigentes (ou seja, menos envolvidos com os filhos) quando o casal é separado.

Foram observadas correlações negativas entre os índices de ansiedade e depressão e responsividade parental, mostrando que à medida que os pais apresentam-se mais próximos afetivamente dos filhos há uma melhora do bem-estar psicológico dos mesmos (Aunola & cols., 2000; Parish & McCluskey, 1992). A correlação negativa entre exigência e depressão sugere que a pouca exigência pode ser encarada como não envolvimento parental e acarretar prejuízos ao bem-estar subjetivo dos filhos. Pais que exigem mais são vistos como preocupados, interessados pelos filhos, o que aumenta sua auto-estima. No entanto, a correlação positiva entre intrusividade e depressão demonstra que uma intromissão exagerada dos pais pode gerar sentimentos de desconfiança e abalar o bem-estar psicológico (Baumrind, 1991). Esses resultados confirmaram as relações entre variáveis da interação familiar e saúde emocional dos filhos relatadas na literatura (Mckeown & cols., 1997). Correlações entre as próprias dimensões apontaram que pais mais exigentes tendem a ser também mais responsivos, mas correm o risco de se tornarem intrusivos, ao passo que pais mais responsivos tendem, ao contrário, a respeitarem mais a individualidade dos filhos e serem menos intrusivos.

A posição entre os irmãos acarretou algumas mudanças na percepção da exigência paterna e da responsividade materna. Filhos únicos ou mais velhos descreveram maior exigência paterna percebida e filhos únicos ou caçulas descreveram maior responsividade materna percebida. É lógico entender esses resultados imaginando que os pais tendem a ser mais presentes e atentos com o primeiro filho e por isso apresentarem maiores índices de responsividade e exigência. A experiência com os irmãos mais velhos e o maior conforto com a posição de pais podem fazer com que os filhos caçulas recebam menos controle e maior responsividade, especialmente por parte da mãe. Já a ausência de diferenças quanto ao comportamento parental entre alunos da rede pública e privada aponta para uma maior uniformidade das práticas parentais, contrariando os estudos que apontam diferenças de NSE (Aunola & cols., 1999; Mangabeira & cols., 2001; Noller, 1994; Shaffer, 1988).

As percepções de meninos e meninas quanto ao comportamento parental trazem algumas diferenças interessantes. As maiores diferenças foram relativas aos níveis de exigência e responsividade materna percebidas. De forma geral, as meninas perceberam maiores níveis de exigência e responsividade por parte da mãe do que os meninos e embora não tenha sido significativa estatisticamente, houve uma tendência das meninas em descrever

também o pai como mais exigente. Esses dados são congruentes com as pesquisas anteriores que apontam que os pais (especialmente as mães) tendem a ser mais responsivos com as meninas (Baumrind, 1991; Noller, 1994) e que as meninas seriam mais sensíveis na percepção e descrição das interações familiares (Costa, Teixeira & Gomes, 2000; Paulson & Sputa, 1996).

Ao analisarmos a descrição dos estilos parentais, vemos uma descrição semelhante àquela feita com as dimensões, mas em um nível mais global. A presença forte das mães foi reafirmada, a partir do número de adolescentes que descrevem apenas o estilo materno (mesmo entre filhos de casais casados). Além disso, essa presença forte das mães acaba fazendo com que a maioria dos filhos as caracterizem como intrusivas (56,5%), enquanto os pais são considerados não intrusivos. A descrição dos estilos parentais seguiu a distribuição encontrada em estudos internacionais e nacionais anteriores (Costa, Teixeira & Gomes, 2000; Lamborn & cols., 1991; Pacheco, 1999; Slicker, 1998; Steinberg & cols., 1994). Novamente viu-se uma predominância dos estilos autoritativo e negligente, seguidos pelos estilos indulgente e autoritário. Essa tendência geral apareceu nos dois contextos escolares. Tivemos, então, um grande número de adolescentes que descreveu os pais como tendo características consideradas muito boas ou muito ruins. O alto índice de autoritatividade deve ser visto de forma positiva, pois demonstra que muitos casais estão conseguindo equilibrar as práticas de controle e disciplina com afetividade e respeito pelos filhos. Por outro lado, o alto índice de negligência é preocupante e mostra que existem muitos pais incapazes de cumprir suas funções de monitorar e proteger os filhos, oferecendo-lhes, ao mesmo tempo, limites e afeto. A existência de altos índices de negligência também nas escolas privadas deixa claro que a falta de comprometimento de alguns pais não é uma questão de falta de condições socioeconômicas ou de baixa escolaridade, mas uma condição que atinge todas as camadas sociais entre as famílias modernas. É possível pensar, no entanto, que a negligência não seja intencional para todos os casais, mas sim fruto de um desencontro entre as expectativas e práticas parentais e a interpretação feita pelos filhos. E, além disso, considerar que os filhos tendem a apresentar uma visão mais negativa das interações familiares, especialmente na adolescência (Shek, 1998). Por isso, e também para permitir a retroalimentação dos bons pais, seria interessante que estes pudessem conhecer as formas como seu comportamento é descrito e sentido pelos filhos (Cohen, & Rice, 1997; Steinberg, 2000).

Um questionamento feito por Costa, Teixeira e Gomes (2000) e que parece pertinente é o fato de que em uma sociedade tida como permissiva, como a brasileira, o índice de

indulgência parental seja surpreendentemente baixo. Podemos tentar entender isso pela mudança de tom das orientações a pais dadas por *experts* nas últimas duas décadas e que costumam ter bastante influência sobre os pais de classes média e alta, nas quais a volta do controle e da imposição de limites tornou-se um dos pontos importantes (Zagury, 1996, 2000). Ou podemos pensar que atitudes mais permissivas dos pais podem ter sido interpretadas não como indulgência, mas como negligência e não envolvimento por parte dos filhos. A classificação geral dos estilos foi consistente com os estudos que salientam a congruência da percepção dos filhos quanto à caracterização dos estilos (Paulson & Sputa, 1996; Pawlak & Klein, 1997), demonstrando que há ou uma certa homogeneização da percepção dos filhos, ou uma tentativa dos pais em serem coerentes em suas práticas.

Não foram observadas diferenças na caracterização dos estilos parentais quanto ao tipo de escola, posição entre os irmãos e nível profissional dos pais. Isso contraria as afirmações de que as formas de socialização parecem depender da posição social e educacional ocupada pelos pais (Aunola & cols., 1999; Mangabeira & cols., 2001; Noller, 1994; Shaffer, 1988). Parece haver uma maior estabilidade entre as formas de lidar com os filhos, que não é substancialmente afetada pela ordem de nascimento dos mesmos, NSE ou nível educacional dos pais. Já o estado civil dos pais alterou a percepção do estilo paterno: pais separados foram descritos como mais negligentes do que os pais casados. O pai tendeu a apresentar uma menor consistência em sua prática parental do que as mães na ocorrência de mudanças contextuais como a situação conjugal.

A percepção de meninas e meninos também seguiu a tendência observada na análise das dimensões. As únicas diferenças foram observadas em relação ao estilo materno. As meninas caracterizaram as mães como mais autoritativas do que os meninos (resultado congruente com aquele descrito por Conrade & Ho, 2001) e eles as descreveram como mais negligentes. Não houve diferenças de sexo na caracterização do estilo paterno ou da intrusividade parental. Ao contrário do que descreveram Baumrind (1991) e Oliveira, Frizzo e Marin (2000), a percepção da intrusividade parental não diferiu entre meninos e meninas. A maior demanda de controle social pelos meninos poderia fazê-los perceber uma maior intrusividade parental, mas isso não ocorreu com os adolescentes desta amostra. As diferenças relativas ao estilo materno apontam para as eventuais dificuldades que as mães podem estar encontrando para lidar com os filhos homens na adolescência, especialmente em relação ao fornecimento de afeto. Essas dificuldades estariam acarretando menor envolvimento materno em geral, caracterizando as mães como negligentes na percepção dos meninos.



De uma forma geral, os achados deste estudo demonstraram uma estabilidade maior dos estilos parentais do que fariam supor os estudos revisados. O comportamento parental não se alterou significativamente em função de aspectos da configuração familiar, NSE (tomado a partir do tipo de escola, renda familiar e profissão dos pais) ou sexo dos pais. Apenas o gênero dos participantes e o estado civil dos pais trouxeram alterações importantes na classificação dos estilos. O fato deste estudo ter contado com uma amostra pequena em comparação aos estudos clássicos na área (Lamborn & cols., 1991; Steinberg & cols., 1994) pode ser a razão principal para a ausência destas diferenças.

A análise multivariada (MANOVA) e os testes *t* de comparação de médias confirmaram a relação entre estilo parental e depressão, mostrando que filhos de pais autoritários e negligentes apresentaram os maiores escores de depressão, enquanto filhos de pais autoritativos apresentaram os menores escores (Aunola & cols., 2000; Hennigen, 1994; Lamborn & cols., 1991; McFarlane, Bellissimo & Norman, 1995; Schucksmith & cols., 1995). Quanto à ansiedade, apesar da ausência de diferenças significativa pela análise conjunta, as comparações de médias permitiram observar as diferenças do grupo autoritativo em relação aos grupos autoritário e negligente, resultado consistente com achados anteriores (Aunola & cols., 2000; Baumrind, 1971; Steinberg & cols., 1994). A indecisão apresentou os maiores níveis médios entre os filhos de pais autoritários, e os menores entre os filhos de pais indulgentes; no entanto, estatisticamente essas diferenças não são significativas.

Esses resultados confirmam, de forma geral, os benefícios da criação autoritativa e os prejuízos da criação negligente apontados pela maioria dos estudos revisados (Aunola, Sttatin & Nurmi, 2000; Baumrind, 1971; Glasgow & cols., 1997; Hennigen, 1994; Lamborn & cols., 1991; Maccoby & Martin, 1983; Newcombe, 1999; Pacheco, 1999; Shucksmith, Hendry & Glendinning, 1995). Além disso, os resultados relativos aos filhos de pais autoritários mostraram que este tipo de interação também propicia o desenvolvimento de padrões desadaptativos nos filhos, especialmente em relação ao bem-estar subjetivo. Os resultados do grupo indulgente parecem confirmar a afirmação de Dornbusch e colaboradores (1987) de que este padrão gera resultados muitas vezes ambíguos e sentimentos conflitantes. Filhos de pais indulgentes tenderam a apresentar-se menos deprimidos do que filhos de pais autoritários, demonstrando que a alta afetividade aumenta o bem-estar psicológico. No entanto, os resultados dos níveis de indecisão e ansiedade não confirmam as expectativas em relação a esse padrão de criação, mostrando que talvez no contexto da escolha profissional a indulgência parental não seja benéfica.

As análises relativas às interações entre indecisão, ansiedade e depressão e aquelas sobre as interações familiares podem auxiliar na discriminação de diferentes contextos de indecisão (Goodstein, 1972; Krumboltz, 1992; Peterson & cols., 1991; Salomone, 1982; Vondracek & cols., 1990). Embora não tenha sido objetivo desta investigação estabelecer subgrupos entre os indivíduos decididos ou indecisos, ou avaliar a presença de indecisividade, os resultados conjuntos das avaliações de indecisão, bem-estar subjetivo e estilo parental permitiram a formulação de algumas hipóteses. Os menores índices de indecisão e depressão dos adolescentes que já escolheram, como já foi dito, podem revelar aqueles adolescentes que estão vivenciando o processo de escolha de uma forma mais natural, que apresentam menos dificuldades em se comprometerem abertamente com uma escolha e que não estariam encobrindo outras dificuldades ou conflitos.

Foi possível perceber que os escores de indecisão não apresentaram variações significativas entre os grupos. Isso mostra que talvez as questões situacionais, relativas à informação profissional, vestibular e mercado que trabalho podem ter um peso maior sobre as dificuldades de escolha do que variáveis da interação familiar. A indecisão mostrou-se, dessa forma, realmente um componente inerente ao processo de tomada de decisão vocacional. No entanto, a análise das interações familiares pode auxiliar no entendimento de como a situação de decisão está sendo vivenciada. O índice alto de indecisão entre os filhos de pais autoritativos, por exemplo, pode estar refletindo dificuldades mais objetivas de escolha, mas não prejuízos ao bem-estar psicológico, como mostraram os baixos escores em ansiedade e depressão. Dessa forma, podemos pensar que indecisão de carreira, quando não acompanhada de ansiedade ou depressão, pode ser vista de uma forma mais positiva, na qual ela pode estar refletindo maior exploração de carreira, especialmente em adolescentes mais jovens (Vondracek, Schulenberg, Skorikov, Gillespie & Wahlleim, 1995). Esses adolescentes, e muitos dos filhos de pais indulgentes também, podem estar se permitindo uma maior exploração de carreira, ou mesmo a postergação do momento de escolha e a elaboração de outros planos mais imediatos, sem a pressão familiar ou a imposição de alternativas profissionais. Os pais autoritativos e indulgentes podem estar ajudando o adolescente a entender a indecisão como um estado normal e esperado neste momento (Hall, 1992; Krumboltz, 1992; Osipow, 1999). Estabelecer uma decisão profissional não é tarefa simples, especialmente se considerarmos o grande número de alternativas possíveis hoje em dia.

Já filhos de famílias negligentes e autoritárias podem ter sido, através do tipo de relação familiar que estabeleceram desde cedo, levados a uma situação de indecisividade. Os

altos escores de indecisão, ansiedade e depressão destes adolescentes fazem supor um alto grau de sofrimento psicológico e que talvez estas dificuldades possam ser observadas ainda em outros contextos além da escolha profissional. Pais autoritários podem não permitir a existência de dúvida ou hesitação na hora da escolha, exigindo a tomada de decisão por parte do adolescente, ou mesmo criticando ou desacreditando eventuais decisões tomadas. Por sua vez, o desengajamento dos pais negligentes não possibilitaria ao adolescente o estabelecimento de sentimentos de confiança ou segurança em sua própria capacidade de escolher. Além disso, pais negligentes não costumam oferecer disponibilidade para troca de informações ou servir de modelos para os filhos.

As tendências encontradas neste estudo apontaram na direção dos estudos de Blustein e colaboradores (1991), para quem a percepção de autonomia e apoio familiar leva a um maior comprometimento e tranquilidade na escolha. Os estudos na área do desenvolvimento vocacional salientam a importância do apoio percebido (Destri, 1996; Felsman & Blustein, 1999; Guerra & Braungart-Rieker, 1999), característicos do estilo autoritativo. Aunola, Sttatin e Nurmi (2000) e Strage e Brandt (1999) já haviam ressaltado o fato de pais autoritativos e indulgentes encorajarem a exploração e auto-regulação e confiarem na capacidade dos filhos, criando uma atmosfera de aceitação. Por outro lado, os resultados relacionaram-se também com os estudos que apontam o envolvimento familiar negativo, típico de famílias autoritárias e negligentes, como fonte de desajustamento psicológico e dificuldades de escolha (Blustein & cols., 1991; Eigen, Hartman & Hartman, 1987; Lankard, 1995). Aunola e colaboradores (2000) apontavam que filhos de pais negligentes não confiam em si mesmos e não possuem referências ou modelos positivos, fatores importantes para a escolha profissional.

Por fim, Pacheco (1999), ao investigar as relações entre estilos parentais percebidos e habilidades sociais na adolescência, não encontrou efeitos principais dos diferentes estilos sobre o percentual de comportamentos socialmente adequados dos adolescentes. No entanto, assim como neste estudo, observou tendências que apontavam na direção esperada (de melhor desempenho para filhos de famílias autoritativas e pior desempenho em famílias negligentes). O número pequeno de casos, tanto no estudo de Pacheco (1999) quanto neste, para que se pudesse fazer uma distinção mais clara entre os quatro estilos, talvez explique a ausência destas diferenças. Além disso, o fato de que ambas as investigações encontraram efeitos diretos sobre variáveis de bem-estar psicológico (satisfação com o desempenho, depressão, agressividade) pode indicar um efeito mais indireto dos estilos parentais em relação a comportamentos complexos como a escolha profissional ou as habilidades sociais. Nessas

casos talvez fosse mais produtivo avaliar as influências das interações familiares sobre outros aspectos do desenvolvimento dos filhos, que estivessem mais diretamente associados ao comportamento alvo. No caso deste estudo, autonomia, auto-eficácia percebida, *locus* de controle, entre outros. Os estilos parentais parecem afetar o desenvolvimento dos filhos de uma forma mais global, na formação de competências básicas que vão gradativamente influenciando comportamentos mais complexos. Justamente por isso podemos pensar que as interações familiares tornam-se ainda mais importantes para a compreensão das situações vividas pelos filhos na adolescência.

### **Considerações Finais**

Uma revisão dos trabalhos apresentados nos últimos cinco anos por psicólogos das áreas educacional, do desenvolvimento e do trabalho, a partir da análise dos anais de eventos promovidos por entidades como ANPPEP, Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) e Associação Brasileira de Orientadores Profissionais (ABOP), mostra que de 2427 trabalhos analisados, 138 (5,68%) eram de temática vocacional. A maioria dos trabalhos, no entanto, referiam-se a relatos de experiência e avaliavam adolescentes estudantes de escolas particulares (Mansão & Sadalla, 2001). Isso mostra a grande carência de estudos científicos na área do desenvolvimento vocacional, de forma geral, e a realização de estudos que possam explorar características de outras populações como alunos da rede pública, estudantes universitários, desempregados, aposentados, entre outros grupos. Este trabalho pretendeu contribuir com a temática vocacional resgatando sua importância para a Psicologia do Desenvolvimento. Como apontaram Vondracek e Schulemberg (1986), o desenvolvimento vocacional não é, até o momento, parte do núcleo principal da psicologia do desenvolvimento. Isso é lamentável, pois, ao menos na cultura ocidental, o desenvolvimento vocacional é tão importante quanto o moral ou cognitivo. Dessa forma, são essenciais os estudos acadêmicos que buscam esclarecer aspectos do desenvolvimento vocacional do adolescente e do adulto.

Além disso, este estudo procurou utilizar um grande número de sujeitos e possibilitar a comparação entre adolescentes alunos de escolas públicas e privadas. Com isso, auxiliar na criação de um banco de dados com índices locais de indecisão, ansiedade e depressão, bem como de avaliação do comportamento parental, juntamente com outros estudos já existentes

ou em andamento. Ainda, investigar possíveis semelhanças e diferenças no desenvolvimento vocacional de alunos das redes pública e privada.

Os resultados desta pesquisa confirmaram a importância que os pais têm para os filhos adolescentes (Brown & cols., 1993; Glasgow & cols., 1997; Smetana, 1995; Strage & Brandt, 1999) e ressaltaram o papel fundamental que eles desempenham no desenvolvimento do estado emocional dos filhos. O comportamento parental recebe muita ênfase, tanto teórica quanto empiricamente, durante a infância dos filhos e tende a ter sua importância diminuída à medida que os filhos crescem. Os resultados deste e de outros estudos mostram que essa desvalorização é errônea. Seguindo as reflexões de Steinberg (2000), apesar de muito já ser sabido sobre as influências dos pais no desenvolvimento do adolescente, pouco benefício tem chegado ao grupo principal de interesse destes estudos – os pais. O fato dos filhos estarem superexpostos às mais diferentes influências – vizinhança, amigos, mídia, instituições – torna os pais ainda mais importantes hoje do que talvez em outras épocas. É preciso mudar a forma como pais de adolescentes vêem a si mesmos e ir contra o senso comum de que eles não importam nesta fase do desenvolvimento. Os pais precisam conhecer a forma como seus comportamentos são percebidos pelos filhos (Cohen, & Rice, 1997) e receber informações relativas ao desenvolvimento e as mudanças normativas da adolescência, informações sobre como eles próprios podem estar mudando, além dos próprios filhos, no período da adolescência e informações sobre princípios e características das teorias de parentalidade (Steinberg, 2000).

No âmbito do desenvolvimento vocacional, especificamente, apesar das diferenças e da amplitude das práticas parentais e dos valores da sociedade atual, é possível identificar o que seria um padrão bom de educação dos filhos. Poderíamos considerar como desejáveis práticas que busquem e consigam desenvolver nos filhos características como autoconfiança, autoestima, motivação para realização, autocontrole e competência social. Filhos que experimentem desde cedo tarefas de tomada de decisão, que tenham suas opiniões e preferências respeitadas e que possam contar com a comunicação e o afeto parental em momentos de dúvida e insegurança.

É preciso apontar, no entanto, algumas ressalvas importantes. Primeiramente, a utilização de um delineamento transversal, embora permita a descrição de relações importantes entre as variáveis analisadas, não possibilita a observação destas relações ao longo do tempo. A coleta de dados unicamente através de auto-relato dos adolescentes, mesmo congruente com outros estudos na área, também não permitiu a comparação entre as

descrições de pais e filhos acerca do comportamento parental e a investigação destas influências sobre as variáveis do desenvolvimento vocacional. Em futuras investigações, o uso de metodologias mais qualitativas, como entrevistas ou narrativas, podem auxiliar na compreensão de outros aspectos da influência parental sobre o desenvolvimento vocacional dos filhos (Sankey, & Young, 1996). Outro ponto a destacar é que a avaliação da indecisão vocacional mede apenas um aspecto do desenvolvimento vocacional do adolescente (Blustein, Pauling, DeMania & Faye, 1994). Mesmo sendo um fator fundamental do processo de escolha profissional, aspectos como autonomia, auto-eficácia de carreira, exploração, influência dos pares e maturidade vocacional são importantes fatores a serem levados em conta em futuras investigações. A adoção de uma medida mais multidimensional de indecisão poderia, também, auxiliar na definição dos diferentes contextos de indecisão. Apesar de os resultados deste estudo terem suscitado reflexões importantes sobre a influência parental no desenvolvimento vocacional dos filhos, a natureza dessa influência ainda não é suficientemente clara e merece maiores investigações (Blustein & cols., 1991).

De forma geral, professores, pais e psicólogos devem olhar para os adolescentes como indivíduos que também são membros de múltiplos subgrupos no contexto social mais amplo (Kerka, 1998; Ribeiro, 2001). As teorias do desenvolvimento vocacional precisam atentar para as diferenças culturais, mais do que se preocupar com diferenças socioeconômicas, além de buscar um maior entendimento sobre a influência da interação familiar sobre os adolescentes. E eventuais processos de intervenção com estes adolescentes têm de levar esses subgrupos em consideração. Heppner e Hendricks (1995) há muito salientaram a construção de processos mais pessoais de aconselhamento, onde haja espaço para a discussão e compreensão das diferenças individuais (como entre indecisos e indecisivos, entre filhos de pais característicos dos diferentes estilos parentais, etc.). Além disso, incluir nos próprios programas de intervenção a participação dos pais (como programas de treinamento, por exemplo) pode ser uma alternativa para investigar o envolvimento conjunto de pais e filhos na construção dos planos vocacionais (Young, Paselvikho & Valach, 1997). Os resultados relativos às medidas de bem-estar psicológico no momento da escolha tornam imprescindíveis que os processos de intervenção em Orientação Profissional procurem enfatizar os aspectos de saúde emocional dos adolescentes, como já havia salientado Frischenbruder (1999). A maioria dos processos parece ainda priorizar aspectos cognitivos, em detrimento dos aspectos emocionais.

Por fim, a hipótese de que as interações familiares tenham um efeito menos direto sobre a indecisão profissional e estejam mais correlacionados com o desenvolvimento de

características individuais dos filhos como saúde emocional, autonomia, auto-eficácia percebida, competência acadêmica, entre outros, salienta a importância de intervenções ainda mais precoces com relação às interações familiares e o desenvolvimento dos filhos. O desenvolvimento de características essenciais ao desenvolvimento vocacional pode ser facilitado ou dificultado muito antes da adolescência. Nesse sentido, o trabalho com adolescentes no último ano do Ensino Médio pode se tornar menos eficiente ao focar questões relativas à influência parental. Há necessidade de intervenções mais precoces, focalizando não aspectos vocacionais, mas aspectos mais globais do desenvolvimento dos filhos – que mais tarde se refletirão em competências e maturidade vocacional.

## REFERÊNCIAS

- Alchieri, J. C., Silva, W., César, J., Rubert, J., Sellmer, K., Meller, J., Backess, V., Viegas, P. C., Ponzoni, A., Machado, A. G., Willrich, P., & Andregretti, L. G. M. (1998). Os fatores de eleição de curso em orientação vocacional de vestibulandos da grande Porto Alegre. *Anais da XXVIII Reunião da Sociedade Brasileira de Psicologia*. XXVIII Reunião da Sociedade Brasileira de Psicologia. Ribeirão Preto, São Paulo, 1, 153.
- Allgood-Merten, B., Lewinsohn, P. M., & Hops, H. (1990). Sex differences and adolescent depression. *Journal of Abnormal Psychology, 99*, 55-63.
- Aunola, K., Nurmi, J. E., Onatsu-Arviolommi, T., & Pulkinen, I. (1999). The role of parents' self-esteem, mastery orientation and social background in their parenting styles. *Scandinavian Journal of Psychology, 40*, 307-317.
- Aunola, K., Stattin, H., & Nurmi, J. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence, 23*, 205-222.
- Baptista, M. N., Baptista, A. S. D., & Dias, R. R. (2001). Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes. *Psicologia Ciência e Profissão, 21*, 52- 61.
- Baptista, M. N., & Santos, A. M. (1996). Estudo exploratório da incidência de depressão em adolescentes. Livro de referências e Posters do I Simpósio Internacional: Depressão no ciclo da vida (p.438). São Paulo, SP.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs, 75*, 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph, 4*, 1-103.
- Baumrind, D. (1991). Effective parenting during the early adolescent transition. Em: P. A. Cowan & M. Hetherington (Orgs.), *Family Transitions*.(pp.111-163). New Jersey, EUA: Lawrence Earlbaum Associates Publishers.
- Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: Contemporary issues. *Aggression and Violent Behavior, 2*, 321-335.
- Bayer, C. L. & Cegala, D. J. (1992). Trait verbal agressiveness and argumentativeness: Relations with parenting style. *Western Journal of Communication, 56*, 301-310.
- Beck, A. T., & Steer, R. A. (1993). *Beck Depression Inventory Manual*. San Antonio, Texas: Psychological Corporation.



- Beck, A. T., & Steer, R. A. (1990). *Beck Anxiety Inventory Manual*. San Antonio, Texas: Psychological Corporation.
- Beck, A. T., Steer, R. A., & Garbin, M. G. (1988). Psychometric properties of the Beck Depression Inventory: 25 years evaluation. *Clinical Psychology Review, 8*, 77-100.
- Blustein, D. L., Pauling, M. L., DeMania, M. E., & Faye, M. (1994). Relation between exploratory and choice factors and decisional process. *Journal of Vocational Behavior, 44*, 75-90.
- Blustein, D. L., Walbridge, M. M., Friedlander, M. L., & Palladino, D. E. (1991). Contributions of psychological separation and parental attachment to the career development process. *Journal of Counseling Psychology, 38*, 39-50.
- Boveja, M. E. (1998). Parenting styles and adolescent's learning strategies in the urban community. *Journal of Multicultural Counseling and Development, 26*, 110-119.
- Brown, D., Brooks, L. & Ass. (1996). *Career choice and development*. San Francisco: Jossey Bass.
- Brown, B.B., Mounts, N., Lamborn, S. D., & Steinberg, L. (1993). Parenting practices and peer group affiliation in adolescence. *Child Development, 64*, 467-482.
- Callahan, G. A., & Greenhaus, J. H. (1992). The career indecision of managers and professionals: An examination of multiple subtypes. *Journal of Vocational Behavior, 41*, 212-231.
- Carter, C. L., & Dacey, C. M. (1996). Validity of the Beck Depression Inventory, MMPI, and Rorschach in assessing adolescent depression. *Journal of Adolescence, 19*, 223 – 231.
- Cavalcante, A. C. S., Cavalcante, R., & Bock, S. (2001). Orientação profissional para estudantes de ensino médio em Teresina-PI. [Resumo]. Em Conselho Regional de Psicologia – 3ª Região e Universidade Federal da Bahia. (Orgs.), *Anais, II Congresso Norte Nordeste de Psicologia* (ESCPN 275). Salvador, BA: UFBA.
- Chartier, G. M., & Lassen, M. K. (1994). Adolescent depression: Children's Depression Inventory norms, suicidal ideation and (weak) gender effects. *Adolescence, 29*, 859-864.
- Chen, X., Dong, Q., & Zhou, H. (1997). Authoritative and authoritarian parenting practices and social and school performance in Chinese children. *International Journal of Behavioral Development, 21*, 855-873.
- Claes, M. (1998). Adolescent's closeness with parents, siblings, and friends in three countries: Canada, Belgium, and Italy. *Journal of Youth and Adolescence, 27*, 165-185.

- Cohen, D. A., & Rice, J. (1997). Parenting styles, adolescent substance use, and academic achievement. *Journal of Drug Education, 27*, 199-211.
- Conrade, G., & Ho, R. (2001). Differential parenting styles for fathers and mothers: Differential treatment for sons and daughters. *Australian Journal of Psychology, 53*, 29-35.
- Cooper, C. R. (1994). Cultural perspectives on continuity and change in adolescents' relationships. Em: R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (Orgs.), *Personal relationships during adolescence* (pp.78-100). Thousand Oaks, USA: Sage Publications.
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 13*, 465-473.
- Creamer, M., Foran, J., & Bell, R. (1995). The Beck Anxiety Inventory in a non-clinical sample. *Behavior Research and Therapy, 33*, 477-485.
- Cunha, J. A. (2001). Escalas Beck. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin, 113*, 487-493.
- Destri, F. S. (1996). *Relações entre pais e filhos adolescentes e o processo de escolha profissional*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, P. H., Roberts, D. F., & Fraleigh, M. J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development, 58*, 1244-1257.
- Dudley, G. A., & Tiedman, D. V. (1977). *Career development: Exploration and commitment*. Muncie: Ad. Inc.
- Eigen, C. A., Hartman, B. W., & Hartman, P. T. (1987). Relations between family interaction patterns and career indecision. *Psychological Reports, 60*, 87-94.
- Felsman, D. E., & Blustein, D. L. (1999). The role of peer relatedness in late adolescent career development. *Journal of Vocational Behavior, 54*, 279-295.
- Frischenbruder, S. L. (1999). *O desenvolvimento vocacional na adolescência: Autoconceito e comportamento exploratório*. Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Fuqua, D. R., & Hartman, B. W. (1983). A behavioral index of career indecision for college students. *Journal of College Students Development, 24*, 507-512.

- Fuqua, D. R., Blum, C. R., & Hartman, B. W. (1988). Empirical support for the differential diagnosis of career indecision. *The Career Development Quarterly*, 36, 364-373.
- Fydrich, T., Dowdall, D., & Chambless, D. L. (1992). Reliability and validity of the Beck Anxiety Inventory. *Journal of Anxiety Disorders*, 6, 55 –61.
- Giacomoni, C. H., & Teixeira, M. A. P. (2001). O papel do apoio emocional de pais, de amigos e do desempenho escolar para o nível de satisfação de vida na adolescência. [Resumo]. Em Conselho Regional de Psicologia – 3ª Região e Universidade Federal da Bahia. (Orgs.), *Anais, II Congresso Norte Nordeste de Psicologia* (DESPN 353). Salvador, BA: UFBA.
- Giesbrecht, N. (1995). Parenting style and adolescent religious commitment. *Journal of Psychology and Christianity*, 14, 228-238.
- Glasgow, K. L., Dornbusch, S. M., Troyer, L., Steinberg, L., & Ritter, P. L. (1997). Parenting styles, adolescents' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development*, 68, 507-529.
- Goede, M. de., Spruijt, E., Iedema, J., & Meeus, W. (1999). How do vocational and relationship stressors and identity formation affect adolescent mental health? *Journal of Adolescent Health*, 25, 14-20.
- Gómez, B. (1995). La toma de decisiones y la indecisión vocacional. Em: F. Rivas (Org.), *Manual de asesamiento y orientación vocacional*. (pp.275- 290). Espanha: Síntesis Psicología.
- González, M. A. (1995). Teorías o enfoques de la orientación profesional. Em: M. A. González (Org.), *Orientación Profesional*. Espanha: Cedecs Psicopedagogía. (pp.205-220)
- Goodstein, L. (1972). Behavioral views of counseling. Em B. Stefflre & W. A. Grant (Orgs.), *Theories of counseling*. New York: McGraw-Hill.
- Gottman, J. M., & Declaire, J. (1996). *Inteligência emocional: A arte de educar nossos filhos*. São Paulo: Objetiva.
- Graef, M. I., Wells, D. L., Hyland, A. M., & Muchinsky, P. M. (1985). Life history antecedents of vocational indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 27, 276-297.
- Grotevant, H. D., & Cooper, C. R. (1986). Individuation in family relationships. *Human Development*, 29, 82-100.
- Grusec, J. E. & Lytton, H. (1988). *Social development: History, theory and research*. New York: Springer-Verlang.

- Guerra, A. L., & Braungart-Rieker, J. M. (1999). Predicting career indecision in college students: The roles of identity formation and parental relationship factors. *The Career Development Quarterly*, 47, 255-266.
- Abril Editores (Org.). (2001). Guia do estudante – Vestibular 2001. São Paulo: Abril
- Hall, D. T. (1992). Career indecision research: Conceptual and methodological problems. *Journal of Vocational Behavior*, 41, 245- 250.
- Hall, W. N., & Bracken, B. A. (1996). Relationship between maternal parenting styles and african american and white adolescents' interpersonal relationships. *School Psychology International*, 17, 253-267.
- Hartman, B. W., Jenkins, S. J., Fuqua, D. R., & Sutherland, V. E. (1987). An analysis of gender differences in the factor structure of the career decision scale. *Educational and Psychological Measurement*, 47, 1099- 1106.
- Hartman, B. W., Fuqua, D. R., & Jenkins, S. J. (1988). Multivariate generalizability analysis of 3 measures of career indecision. *Educational and Psychological Measurement*, 48, 61-68.
- Hawkins, J. G., Bradley, R. W., & White, G. W. (1977). Anxiety and the process of deciding about a major and vocation. *Journal of Counseling and Psychology*, 24, 398-403.
- Hein, C., & Lewko, J. H. (1994). Gender differences in factors related to parenting style – a study of high performing science students. *Journal of Adolescent Research*, 9, 262- 281.
- Hennigen, I. (1994). *Dimensões psicossociais da adolescência: Identidade, relação familiar e relação com os amigos*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Heppner, M. J., & Hendricks, F. (1995). A process and outcome study examining career indecision and indeciveness. *Journal of Counseling and Development*, 73, 426-437.
- Hewitt, P. L., & Norton, C. R. (1993). The Beck Anxiety Inventory: A psychometric analysis. *Psychological Assessment*, 5, 408-412.
- Holland, J. L., & Holland, J. E. (1977). Vocational indecision: More evidence and speculation. *Journal of Counseling Psychology*, 24, 404- 414.
- Honess, T. M., Charman, E. A., Cicognani, E., Zani, B., Xerri, M. L., Jackson, A. E., & Bosma, H. A. (1997). Conflict between parents and adolescents: Variation by family constitution. *British Journal of Developmental Psychology*, 15, 367-385.

- Jones, K. T., & Winer, J. L. (1991). Anxiety reduction in vocationally undecided students. *Journal of Counseling and Human Service Professions*, 20, 42-48.
- Kalagosky, V., & Nurmi, J. (1998). Identity and educational transitions: Age differences in adolescent exploration and commitment related to education, occupation and family. *Journal of Research on Adolescence*, 8, 29-47.
- Kerka, S. (1998). Career development and gender, race, and class. *ERIC Digest* n. 199, ED421641. <http://ericir.syr.edu>.
- Klein, H. A., O'Bryant, K., & Hopkins, H. R. (1996). Recalled parental authority style and self-perception in college men and women. *The Journal of Genetic Psychology*, 157, 5-17.
- Kohn, M. L. (1995). Social structure and personality through time and space. Em P. Moen, G. H. Elder Jr, & K. Lüscher (Orgs.), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development*. (pp. 141-168). Washington, EUA: American Psychological Association.
- Kracke, B. (1997). Parental behaviors and adolescent's career exploration. *The Career Development Quarterly*, 45, 341-350.
- Krumboltz, J. D. (1992). The wisdom of indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 41, 239-244.
- Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Lankard, B. A. (1995). Family role in career development. *ERIC Digest* n. 164. ERIC Clearinghouse on Adult, Career, and Vocational Education. <http://ericacve.org>
- Larose, S., & Boivin, M. (1998). Attachment to parents, social support expectations, and socioemotional adjustment during the high school-college transition. *Journal of Research on Adolescence*, 8, 1-27.
- Lassance, M. C. P. (1999). O trabalho do SOP/UFRGS: Uma abordagem integrada. Em M. C. P. Lassance (Org.), *Técnicas para o trabalho de orientação profissional em grupo*. (pp.11-48). Porto Alegre: EDUFRGS.
- Leung, K., Lau, S., & Lam, W. L. (1998). Parenting styles and academic achievement: A cross-cultural study. *Merrill-Palmer Quarterly- Journal of Developmental Psychology*, 44, 157-172.
- Levenfus, R. S. (Org.). (1997). *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Lopez, F. G. (1989). Current family dynamics, trait anxiety, and academic adjustment: Test for a family-based model of vocational identity. *Journal of Vocational Behavior, 35*, 76-87.
- Lopez, F. G., & Andrews, S. (1987). Career indecision: A family systems perspective. *Journal of Counseling and Development, 65*, 304-307.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). *Socialization in the context of the family: Parent-child interaction*. New York: Wiley.
- Mackinney, J. P., Fitzgerald, H. E., & Strommen, E. A. (1977). *Developmental psychology: The adolescent and young adult*. Illinois, USA: The Dorsey Press
- Magalhães, M. O. (1995). *Perspectiva experiencial da indecisão vocacional em adolescentes*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Magalhães, M. O., Lassance, M. C. P. & Gomes, W. B. (1998). Escolha vocacional em adolescentes. Em W. B. Gomes (Org.), *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. (pp. 161-196). Porto Alegre: EDUFRGS.
- Mangabeira, R. M. L., Pedrosa, E. C. A., Camino, C., & Costa, J. B. (2001). A percepção que os filhos têm dos pais enquanto agentes socializadores. [Resumo]. Em Conselho Regional de Psicologia – 3ª Região e Universidade Federal da Bahia. (Orgs.), *Anais, II Congresso Norte Nordeste de Psicologia* (FAMPN 71). Salvador, BA: UFBA.
- Manne, S. L., Jacobsen, P. B., Garfinkle, K., Gerstein, F. et alli. (1993). Treatment adherence difficulties among children with cancer: The role of parenting style. *Journal of Pediatric Psychology, 18*, 47-62.
- Mansão, C. S. M., & Sadalla, A. M. F. A. (2001). Orientação profissional: Produção apresentada nos eventos científicos brasileiros. [Resumos]. *Anais do V Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Profissional*, (pp. 68-69), 11 a 13 de Outubro, Valinhos, SP.
- McBride-Chang, C., & Chang, L. (1998). Adolescent-parent relations in Hong Kong: Parenting styles, emotional autonomy, and school achievement. *Journal of Genetic Psychology, 159*, 421-436.
- McClun, L. A., & Merrell, K. W. (1998). Relationship of perceived parenting styles, locus of control orientation, and self-concept among junior high age students. *Psychology in the Schools, 35*, 381-390.
- McFarlane, A. J., Bellissimo, A., & Norman, G. R. (1995). Family structure, family functioning and adolescent well-being: The transcendent influence of parenting style. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 36*, 847-864.

- McIntyre, J. G., & Dusek, J. B. (1995). Perceived parental rearing practices and styles of coping. *Journal of Youth and Adolescence*, 24, 499-509.
- Mckenna, A. E., & Ferrero, G. W. (1991). Ninth grade students attitudes toward nontraditional occupations. *The Career Development Quarterly*, 40, 168-181.
- Mckeown, R. E., Garrison, C. Z., Jackson, K. L., Cuffe, S. P., Addy, C. L., & Waller, J. L. (1997). Family structure and cohesion, and depressive symptoms in adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 7, 267-281.
- Merikangas, K. R., & Angst, J. (1995). The challenge of depressive disorders in adolescence. Em M. Rutter (Org.), *Psychosocial disturbances in young people: Challengers for prevention* (pp. 131-165). New York: McGraw-Hill.
- Muris, P., Schmidt, H., Lambrichs, R., & Meesters, C. (2001). Protective and vulnerability factors of depression in normal adolescents. *Behavior Research and Therapy*, 39, 555-565.
- Neiva, K. M. C. (2001). A maturidade para a escolha profissional: Uma comparação entre alunos do ensino médio. [Resumo]. *Anais do V Simpósio de Orientação Vocacional & Profissional*, (p.37), 11 a 13 de Outubro, Valinhos, SP.
- Newcombe, N. (1999). *Desenvolvimento infantil: Abordagem de Mussen*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Noller, P. (1994). Relationships with parents in adolescence: Process and outcomes. Em R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (Orgs.), *Personal relationships during adolescence* (pp. 37-77). Thousand Oaks, USA: Sage publications.
- O'Brien, K. M. (1996). The influence of psychological separation and parental attachment on the career development of adolescent women. *Journal of Vocational Behavior*, 48, 257-274.
- Oliveira, E. A., Frizzo, G. B., & Marin, A. H. (2000). Atitudes maternas diferenciais para com meninos e meninas de quatro e cinco anos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 163-172.
- Oliveira, I. D., & Dias, C. M. S. B. (2001). De quem é o vestibular? Mãe frente ao processo de diferenciação do filho. [Resumo]. Em Conselho Regional de Psicologia – 3ª Região e Universidade Federal da Bahia. (Orgs.), *Anais, II Congresso Norte Nordeste de Psicologia* (FAMPN 488). Salvador, BA: UFBA.
- Osipow, S. H. (1999). Assessing career indecision. *Journal of Vocational Behavior*, 55, 147-154.
- Pacheco, J. T. B. (1999). *Estilos parentais e o desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em

- Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Parish, T. S., & McCluskey, J. J. (1992). The relationship between parenting styles and young adults' self-concepts and evaluation of parents. *Adolescence*, *27*, 915-918.
- Paulson, S. E., & Sputa, C. L. (1996). Patterns of parenting during adolescence: Perceptions of adolescents and parents. *Adolescence*, *31*, 369-381.
- Pawlak, J. L., & Klein, H. A. (1997). Parental conflict and self – esteem: The rest of the story. *The Journal of Genetic Psychology*, *158*, 303-313.
- Penick, N. I., & Jepsen, D. A. (1992). Family functioning and adolescent career development. *The Career Development Quarterly*, *40*, 208-222.
- Peterson, G. N., Stivers, M. E., & Peters, D. F. (1986). Family versus non-family significant others for the career decision of low-income youth. *Family Relations*, *35*, 417-424.
- Peterson, G. W., Sampson, J. P. Jr., & Reardon, R. C. (1991). *Career development and services: A cognitive approach*. Pacific Grove, CA: Brooks/Cole.
- Pimenta, S. G. (1981). *Orientação vocacional e decisão: Um estudo crítico da situação no Brasil*. São Paulo: Loyola.
- Piotto, D. C. (2001). As camadas médias na escola pública: As repercussões na relação entre escola e pais. [Resumo]. Em Conselho Regional de Psicologia – 3ª Região e Universidade Federal da Bahia. (Orgs.), *Anais, II Congresso Norte Nordeste de Psicologia* (ESCPN 79). Salvador, BA: UFBA.
- Punamaki, R. L., Qouta, S., & El Sarraj, E. (1997). Models of traumatic experiences and children's psychological adjustment: The roles of perceived parenting and the children's own resources and activity. *Child Development*, *68*, 718-728.
- Radziszewska, B., Richardson, J. L., Dent, C. W., & Flay, B. R. (1996). Parenting style and adolescent depressive symptoms, smoking, and academic achievement: Ethnic, gender, and SES differences. *Journal of Behavioral Medicine*, *19*, 289-305.
- Rey, J. M. & Plapp, J. M. (1990). Quality of perceived parenting in oppositional and conduct disordered adolescent. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, *29*, 382-385.
- Ribeiro, M. A. (2001). Demandas em orientação profissional. [Resumo]. *Anais do V Simpósio de Orientação Vocacional & Profissional*, (pp. 41-42), 11 a 13 de Outubro, Valinhos, SP
- Richardson, M. S. (1993). Work in people's lives: A location for counseling psychologists. *Journal of Counseling Psychology*, *40*, 425- 433.



- Robson, C. (1993). *Real world research: A resource for social scientists and practitioner researchers*. Oxford: Blackwell.
- Rojewski, J. W. (1994). Predicting career maturity attitudes in rural economically disadvantaged youth. *Journal of Career Development, 21*, 49-61.
- Rudolph, K. D., & Hammen, C. (1999). Age and gender as determinants of stress exposure, generation, and reactions in youngsters: A transactional perspective. *Child Development, 70*, 660-677.
- Russell, A. (1997). Individual and family factors contributing to mother's and father's positive parenting. *International Journal of Behavioral Development, 21*, 111-132.
- Russell, A., Aloa, V., Feder, T., Glover, A., Miller, H., & Palmer, G. (1998). Sex-based differences in parenting styles in a sample with preschool children. *Australian Journal of Psychology, 50*, 89-99.
- Salomone, P. R. (1982). Difficult cases in career counseling 2: The indecisive client. *Personnel and Guidance Journal, 60*, 496-500.
- Sankey, A. M., & Young, R. A. (1996). Ego-identity status and narrative structure in retrospective accounts of parental career influence. *Journal of Adolescence, 19*, 141-153.
- Saunders, D. E., Peterson, G. W., Sampson, J. P., & Reardon, R. C. (2000). Relation of depression and dysfunctional career thinking to career indecision. *Journal of Vocational Behavior, 56*, 288-298.
- Savickas, M. L. (1995). Constructivist counseling for career indecision. *The Career Development Quarterly, 43*, 363- 373.
- Schraedley, P. K., Gottlib, I. H., & Hayward, C. (1999). Gender differences in correlates of depressive symptoms in adolescents. *Journal of Adolescent Health, 25*, 98-108.
- Schulenberg, J., Goldstein, A. E., & Vondracek, F. W. (1991). Gender differences in adolescents' career interests: Beyond main effects. *Journal of Research on Adolescence, 1*, 37-61.
- Schulenberg, J. E., Shimizu, K., Vondracek, F. W., & Hostetler, M. (1988). Factorial invariance of career indecision dimensions across junior high and high school males and females. *Journal of Vocational Behavior, 33*, 63-81.
- Schulenberg, J. E., Vondracek, F. W., & Crouter, A. C. (1984). The influence of the family on vocational development. *Journal of Marriage and the Family, 46*, 129- 142.
- Shaffer, D. R. (1988). *Social and personality development*. Pacific Grove: Brooks/Cole Publishing Company.

- Shek, D. T. L. (1997). Family environment and adolescent psychological well-being, school adjustment, and problem behavior: A pioneer study in a Chinese context. *The Journal of Genetic Psychology, 158*, 113-128.
- Shek, D. T. (1998). A longitudinal study of Hong Kong adolescents' and parents' perceptions of family functioning and well-being. *The Journal of Genetic Psychology, 159*, 389-403.
- Shucksmith, J., Hendry, L. B., & Glendinning, A. (1995). Models of parenting – implications for adolescent well-being within different types of family contexts. *Journal of Adolescence, 18*, 253-270.
- Slicker, E. K. (1998). Relationship of parenting style to behavioral adjustment in graduating high school seniors. *Journal of Youth and Adolescence, 27*, 345-372.
- Smetana, J. G. (1995). Parenting styles and conceptions of parental authority during adolescence. *Child Development, 66*, 299-316.
- Sobreira-Lopes, R. C. (1994). O contexto familiar no desenvolvimento da autonomia e da moralidade na adolescência. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 7*, 59-74.
- Steele, J., & Barling, J. (1996). Influence of maternal gender-role beliefs and role satisfaction on daughters' vocational interests. *Sex Roles, 34*, 637- 648.
- Steer, R. B., Kumar, G., Ranieri, W. F., & Beck, A. T. (1995). Use of the Beck Anxiety Inventory with adolescent psychiatric outpatients. *Psychological Reports, 76*, 459 –465.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence*. New York: McGraw-Hill.
- Steinberg, L. (2000). The family at adolescence: Transition and transformation. *Journal of Adolescent Health, 27*, 170-178.
- Steinberg, L., Elmen, J. D., & Mounts, N. S. (1989). Authoritative parenting, psychosocial maturity, and academic success among adolescents. *Child Development, 60*, 1424-1436.
- Steinberg, L., Dornbusch, S. M., & Brown, B. B. (1992). Ethnic differences in adolescent achievement. *American Psychologist, 47*, 723- 729.
- Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Over-time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development, 65*, 754-770.
- Steinberg, L., Mounts, N. S., Lamborn, S. D., & Dornbusch, S. M. (1991). Authoritative parenting and adolescent adjustment across varied ecological niches. *Journal of Research on Adolescence, 1*, 19-36.
- Steinberg, L., & Silverberg, S. B. (1986). The vicissitudes of autonomy in early adolescence. *Child Development, 57*, 841-851.

- Stevenson-Hinde, J. (1998). Parenting in different cultures: Time to focus. *Developmental Psychology, 34*, 698-700.
- Stockard, J., & Mcgee, J. (1990). Children's occupational preferences: The influence of sex and perceptions of occupational characteristics. *Journal of Vocational Behavior, 36*, 287-303.
- Strage, A., & Brandt, T. S. (1999). Authoritative parenting and college student's academic adjustment and success. *Journal of Educational Psychology, 91*, 146-156.
- Taylor, K. (1982). An investigation of vocational indecision in college students: Correlates and moderators. *Journal of Vocational Behavior, 21*, 318-329.
- Teixeira, M. A. P. (1998). *Mudança profissional: Uma abordagem fenomenológica*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Análise preliminar dos itens de uma escala para medir indecisão profissional. Manuscrito Não Publicado.
- Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (1999). Análise preliminar dos itens de uma escala para medir indecisão profissional. Manuscrito Não Publicado.
- Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Escala revisada para avaliar atitudes parentais. Manuscrito Não Publicado.
- Tubman, J. G., & Lerner, R. M. (1994). Affective experiences of parents and their children from adolescence to young adulthood: Stability of affective experiences. *Journal of Adolescence, 17*, 81-98.
- Uehara, T., Sakado, K., Sato, T., & Someya, T. (1999). Do perceived parenting styles influence stress coping in patients with major depressive disorders? *Stress Medicine, 15*, 197-200.
- Vondracek, F. W. (1998). Career development: A lifespan perspective. *International Journal of Behavioral Development, 22*, 1-6.
- Vondracek, F. W., Hostetler, M., Schulenberg, J. E., & Shimizu, K. (1990). Dimensions of career indecision. *Journal of Counseling Psychology, 37*, 98-106.
- Vondracek, F. W., Schulenberg, J., Skorikov, V., Gillespie, L. K., & Wahlleim, C. (1995). The relationship of identity status to career indecision during adolescence. *Journal of Adolescence, 18*, 17-29.
- Vondracek, F. W., & Schulemberg, J. E. (1986). Career development in adolescence: Some conceptual and intervention issues. *The Vocational Guidance Quarterly, 34*, 247-254.

- Young, R. A., Antal, S., Bassett, M. E., Post, N. D., & Valach, L. (1999). The joint actions of adolescents in peer conversations about career. *Journal of Adolescence*, 22, 527-538.
- Young, R. A., Paselvikho, M. A., & Valach, L. (1997). The role of emotion in the construction of career in parent-adolescent conversations. *Journal of Counseling and Development*, 76, 36-44.
- Waller, G. & Hartley, P. (1994). Perceived parent style and eating psychopathology. *European Eating Disorders Review*, 2, 76-92.
- Way, W.L., & Rossmann, M. M. (1996). *Learning to work: How parents nurture the transition from school to work. Family matters...in school to work transition*. Berkeley, CA: National Center for Research in Vocational Educational.
- Webster's New World Editors. (1997). *Webster's new world college dictionary*. Londres: MacMillan Reference.
- Zagury, T. (1996). *O adolescente por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Record.
- Zagury, T. (2000). *Limites sem trauma*. Rio de Janeiro: Record.

## ANEXO A:

## Tabela das Profissões citadas pelos Adolescentes

Tabela 8. Profissões Citadas pelos Adolescentes.

Profissão	n	%
Administração	21	7,1%
Arquitetura	8	2,7%
Artes Cênicas	4	1,4%
Artes Plásticas	1	0,3%
Biologia	7	2,4%
Biomédicas	1	0,3%
C. Aeronáuticas	2	0,7%
C. Atuariais	1	0,3%
C. Contábeis	1	0,3%
C. Políticas	1	0,3%
Com. Exterior	6	2,0%
Computação	20	6,8%
Design	1	0,3%
Direito	32	10,9%
Economia	6	2,0%
Ed. Física	16	5,4%
Enfermagem	4	1,4%
Eng. Aeronáutica	2	0,7%
Eng. Alimentos	1	0,3%
Eng. Ambiental	2	0,7%
Eng. Civil	4	1,4%
Eng. Computação	3	1,0%
Eng. Elétrica	11	3,7%
Eng. Mecânica	6	2,0%
Eng. Plásticos	1	0,3%
Eng. Química	1	0,3%

---

Farmácia	4	1,4%
Filosofia	1	0,3%
Física	1	0,3%
Fisioterapia	9	3,1%
Fonoaudiologia	1	0,3%
Geologia	1	0,3%
História	1	0,3%
Jornalismo	15	5,1%
Letras	5	1,7%
Medicina	30	10,1%
Música	3	1,0%
Nutrição	7	2,4%
Odontologia	8	2,7%
Outra	8	2,7%
Pedagogia	3	1,0%
Psicologia	9	3,1%
Publicidade	8	2,7%
Química	1	0,3%
Relações Públicas	4	1,4%
Sociologia	1	0,3%
Veterinária	10	3,4%
Total	294	100%

---

As outras profissões citadas (que não eram relativas a curso universitário) foram policial militar (3), mecânico (1), vendedora (2), dona de casa (2). Todas estas opções foram citadas por alunos de escolas públicas.

**ANEXO B****Questionário Sócio-Demográfico**

Prezado participante,  
antes de responder aos instrumentos que se seguem, por favor preencha o questionário abaixo. Ele fornece informações importantes para a realização do estudo. Após responder a estas questões, não é necessário preencher mais nenhuma solicitação de informações pessoais nos outros instrumentos.

Desde já agradecemos sua colaboração.

Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Renda Familiar: \_\_\_\_\_

Estado Civil dos Pais: ( ) casados ( ) separados ( ) viúvo(a) ( ) solteiro(a)

Profissão do pai: \_\_\_\_\_

Profissão da mãe: \_\_\_\_\_

Número de irmãos: \_\_\_\_\_

Posição entre os irmãos: \_\_\_\_\_

Está respondendo ao questionário familiar sobre o \_\_\_\_\_ e a \_\_\_\_\_

Se você já tem uma escolha profissional definida, cite sua opção: \_\_\_\_\_

## ANEXO C

**Escala de Estilos Parentais**

Abaixo há uma série de frases sobre atitudes de pais e mães. Para cada uma delas marque, à direita, a resposta que melhor se aproxima à sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Você pode usar os números 0, 1, 2, 3 e 4 dependendo da frequência ou intensidade com que ocorrem as situações descritas nas frases (quanto maior o número, mais frequente ou intensa é a situação). Não esqueça que você pode usar os números intermediários (1, 2, 3) para expressar níveis intermediários de frequência ou intensidade das situações, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 0 e 4. Assinale apenas uma resposta por frase e não deixe nenhuma sem resposta.

0 ----- 1 ----- 2 ----- 3 ----- 4

quase nunca ou geralmente ou  
bem pouco bastante

<b>A respeito de seus pais considera as seguintes frases</b>	<b>Mãe</b>	<b>Pai</b>
1. Sabe aonde vou quando saio de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
2. Controla as minhas notas no colégio.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
3. Sabe quem são as pessoas com quem eu ando.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
4. Sabe o que eu faço com o meu tempo livre.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
5. Exige que eu vá bem na escola.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
6. Impõe limites para as minhas saídas de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
7. Me cobra quando faço algo errado.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
8. Tem a última palavra quando discordamos sobre um assunto importante a meu respeito.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
9. Controla os horários de quando eu estou em casa e na rua.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
10. Faz valer as suas opiniões sem muita discussão	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
11. Faz questão de me levar e trazer em festas ou casas de amigos(as).	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
12. Exige que eu colabore nas tarefas de casa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
13. Cobra que eu seja organizado(a) com as minhas coisas.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
14. É firme quando me impõe alguma coisa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
15. Me pune de algum modo se desobedeço uma orientação sua.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4



16. Posso contar com a sua ajuda caso eu tenha algum tipo de problema.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
17. Me elogia quando eu tiro uma nota boa na escola.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
18. Procura conversar comigo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
19. Me incentiva a que eu tenha minhas próprias opiniões sobre as coisas.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
20. Encontra um tempo para estar comigo e fazermos juntos algo agradável.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
21. Me explica os motivos quando me pede para fazer alguma coisa.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
22. Procura entender os meus pontos-de-vista.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
23. Me encoraja para que eu melhore se não vou bem na escola.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
24. Me incentiva a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
25. Se interessa em saber como eu ando me sentindo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
26. Ouve o que eu tenho para dizer mesmo quando não concorda.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
27. Demonstra carinho comigo.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
28. Me dá força quando eu enfrento alguma dificuldade ou decepção.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
29. Mostra interesse pelas coisas que eu faço.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
30. Está atento(a) às minhas necessidades mesmo que eu não diga nada.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
31. Me ajuda quando eu preciso tomar uma decisão e tenho alguma dúvida.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
32. Deixa eu organizar as minhas coisas do jeito que eu gosto.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
33. Me dá liberdade para tomar decisões importantes desde que antes eu discuta o assunto com ele(a)	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
34. Quer saber tudo sobre mim.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
35. Dá palpite em tudo o que eu faço.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
36. Mexe nas minhas coisas sem pedir permissão.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
37. Se intromete em assuntos meus mesmo quando não peço.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
38. Me critica na frente de outras pessoas de um modo que eu me sinto mal.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
39. Não me deixa em paz nas horas em que quero ficar sozinho.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4
40. Faz brincadeiras sobre assuntos meus de um jeito que eu não gosto.	0 1 2 3 4	0 1 2 3 4

## ANEXO D

**Análise Fatorial da Escala de Estilos Parentais**

A escala de estilos parentais apresentava-se apropriada a uma análise fatorial (KMO= 0.91; esfericidade =  $p < 0,001$ ), e a avaliação dos componentes principais mostrou a existência de três fatores principais, na direção das dimensões descritas teoricamente: exigência, responsividade e intrusividade. Para uma melhor representação destas dimensões a partir dos itens existentes, foram excluídos alguns itens em cada sub-escala. Na sub-escala de exigência foram excluídos os itens 1, 3 e 4; na sub-escala de responsividade foi excluído o item 32; e na sub-escala de intrusividade foi excluído o item 34. Os resultados da análise fatorial estão apresentados na Tabela 8 .

Tabela 9.

## Análise Fatorial da Escala de Estilos Parentais

	Componentes		
	1	2	3
ECOMB1	,399	,485	
ECOMB2		,586	
ECOMB3	,394	,396	
ECOMB4	,461	,359	
ECOMB5		,491	
ECOMB6		,667	
ECOMB7		,615	
ECOMB8		,613	
ECOMB9		,690	
ECOMB10		,479	
ECOMB11		,407	
ECOMB12		,445	
ECOMB13		,434	
ECOMB14		,608	
ECOMB15		,422	
ECOMB16	,742		
ECOMB17	,570		
ECOMB18	,770		
ECOMB19	,628		
ECOMB20	,673		
ECOMB21	,621		
ECOMB22	,739		
ECOMB23	,614		
ECOMB24	,646		
ECOMB25	,816		
ECOMB26	,722		
ECOMB27	,743		
ECOMB28	,804		
ECOMB29	,730		

ECOMB30	,738		
ECOMB31	,706		
ECOMB32			-,350
ECOMB33	,411		
ECOMB34	,504		,458
ECOMB35		,337	,661
ECOMB36			,649
ECOMB37			,785
ECOMB38			,599
ECOMB39			,565
ECOMB40			,599

---

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser normalization.

Após a retirada dos itens, a escala ficou com a seguinte configuração: 12 itens (2; 5-15) na sub-escala de exigência, 17 itens (16-31; 33) na sub-escala de responsividade, e 6 itens (35-40) na sub-escala de intrusividade.

## ANEXO E

### Escala de Indecisão Profissional

Abaixo há uma série de frases relacionadas a escolhas profissionais. Para cada uma delas marque, à direita, a resposta que melhor se aproxima da sua opinião de acordo com a chave de respostas abaixo. Você pode usar os números 5, 4, 3, 2 e 1, dependendo do quanto você acha que a frase se aplica a você (quanto maior o número, mais você concorda com a frase). Não esqueça que você pode usar os números intermediários (4, 3 e 2) para expressar níveis intermediários de concordância com as sentenças, e não apenas as opções extremas representadas pelos números 5 e 1. Assinale apenas uma resposta por frase, e não deixe nenhum item sem resposta.

Chave de respostas:	5	-----	4	-----	3	-----	2	-----	1
	↓								↓
	A frase é totalmente verdadeira respeito (corresponde perfeitamente ao como você se sente, pensa ou age)				A frase é totalmente falsa a meu a meu respeito (não corresponde modo de maneira alguma à forma como você se sente, pensa ou age)				

1. Eu me decidi por uma profissão e me sinto confortável com esta escolha.	5	4	3	2	1
2. Eu preciso de mais informações sobre como são as diferentes profissões antes de tomar uma decisão.	5	4	3	2	1
3. Eu não sei como obter informações suficientes para tomar uma decisão profissional.	5	4	3	2	1
4. Eu percebo que eu levo mais jeito para certos tipos de profissões do que para outros.	5	4	3	2	1
5. Eu preferiria não ter que escolher uma profissão para mim agora, eu gostaria de adiar esta decisão por enquanto.	5	4	3	2	1
6. Quando me decido por uma profissão eu logo depois fico pensando se outras opções não me fariam mais feliz.	5	4	3	2	1
7. Eu sei quais são as minhas preferências profissionais, mas elas não seriam aprovadas por meus amigos, e isso me deixa inseguro.	5	4	3	2	1
8. Eu acho difícil escolher uma profissão porque várias profissões me parecem semelhantes.	5	4	3	2	1
9. Eu não consigo identificar os meus interesses profissionais. Algumas coisas me chamam a atenção, mas eu não estou certo se estão relacionadas de alguma forma com determinadas profissões.	5	4	3	2	1
10. Eu sinto que preciso de alguma espécie de ajuda para confirmar minha escolha profissional.	5	4	3	2	1

11. Eu queria encontrar a profissão 'certa' para mim, mas nenhuma delas me parece ideal.	5	4	3	2	1
12. Eu facilmente me deixo levar pela opinião dos outros quando o assunto é minha escolha profissional.	5	4	3	2	1
13. Eu me sinto inseguro(a) para decidir sobre minha carreira profissional.	5	4	3	2	1
14. Eu acho que me conheço o suficiente para poder escolher uma profissão com segurança.	5	4	3	2	1
15. Eu consigo me imaginar no futuro, trabalhando na profissão de minha preferência.	5	4	3	2	1
16. Sinto dificuldade em escolher pois existem profissões que eu gostaria de seguir que são inacessíveis para mim.	5	4	3	2	1
17. Eu tenho uma preferência definida, mas estaria indo contra os desejos de pessoas importantes para mim. Eu espero encontrar um caminho para agradá-los e também a mim, por isso é difícil escolher.	5	4	3	2	1
18. Eu tenho medo de escolher uma profissão e depois não gostar dela.	5	4	3	2	1
19. Eu me sinto atraído(a) por várias profissões e por isso tenho dificuldade em me decidir entre elas.	5	4	3	2	1
20. Eu tenho dúvidas se sou capaz de fazer uma boa escolha profissional para mim.	5	4	3	2	1
21. Eu me sinto perdido quando penso na minha escolha profissional.	5	4	3	2	1
22. Eu tenho muito claro para mim as coisas que considero importantes em uma profissão.	5	4	3	2	1
23. Eu não me sinto entusiasmado por nenhuma das profissões que conheço.	5	4	3	2	1
24. Eu não me importo muito com o tipo de trabalho que eu vou ter no futuro.	5	4	3	2	1
25. Eu fico angustiado(a) quando paro para pensar sobre minha escolha profissional.	5	4	3	2	1
26. Uma hora eu penso em ter uma profissão e logo depois imagino outra bem diferente.	5	4	3	2	1
27. Eu não conheço o suficiente as várias profissões existentes para fazer uma escolha profissional com tranquilidade.	5	4	3	2	1
28. Para mim é difícil escolher uma profissão porque eu não tenho uma imagem muito clara de quem eu sou.	5	4	3	2	1
29. Tudo o que se refere a escolher uma profissão me parece confuso e incerto, acabo ficando desanimado.	5	4	3	2	1
30. Eu conheço bem como é o cotidiano das profissões que me interessam.	5	4	3	2	1

## ANEXO F

## Inventário Beck de Depressão

## BDI

Nome: \_\_\_\_\_ Estado civil: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Ocupação: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Este questionário consiste em 21 grupos de afirmações. Depois de ler cuidadosamente cada grupo, faça um círculo em torno do número (0, 1, 2 ou 3) próximo à afirmação, em cada grupo, que descreve melhor a maneira que você tem se sentido na última semana, incluindo hoje. Se várias afirmações num grupo parecem se aplicar igualmente bem, faça um círculo em cada uma. Tome o cuidado de ler todas as afirmações, em cada grupo, antes de fazer sua escolha.

<p>1. 0 Não me sinto triste.  1 Eu me sinto triste.  2 Estou sempre triste e não consigo sair disto.  3 Estou tão triste ou infeliz que não consigo suportar.</p> <p>2. 0 Não estou especialmente desanimado quanto ao futuro.  1 Eu me sinto desanimado quanto ao futuro.  2 Acho que nada tenho a esperar.  3 Acho o futuro sem esperança e tenho a impressão de que as coisas não podem melhorar.</p> <p>3. 0 Não me sinto um fracasso.  1 Acho que fracassei mais do que uma pessoa comum.  2 Quando olho para trás, na minha vida, tudo o que posso ver é um monte de fracassos.  3 Acho que, como pessoa, sou um completo fracasso.</p> <p>4. 0 Tenho tanto prazer em tudo como antes.  1 Não sinto mais prazer nas coisas como antes.  2 Não encontro um prazer real em mais nada.  3 Estou insatisfeito ou aborrecido com tudo.</p>	<p>5. 0 Não me sinto especialmente culpado.  1 Eu me sinto culpado grande parte do tempo.  2 Eu me sinto culpado na maior parte do tempo.  3 Eu me sinto sempre culpado.</p> <p>6. 0 Não acho que esteja sendo punido.  1 Acho que posso ser punido.  2 Creio que vou ser punido.  3 Acho que estou sendo punido.</p> <p>7. 0 Não me sinto decepcionado comigo mesmo.  1 Estou decepcionado comigo mesmo.  2 Estou enjoado de mim.  3 Eu me odeio.</p> <p>8. 0 Não me sinto de qualquer modo pior que os outros.  1 Sou crítico em relação a mim por minhas fraquezas ou erros.  2 Eu me culpo sempre por minhas falhas.  3 Eu me culpo por tudo de mal que acontece.</p>
---	---

<p><b>9.</b> 0 Não tenho quaisquer idéias de me matar. 1 Tenho idéias de me matar, mas não as executaria. 2 Gostaria de me matar. 3 Eu me mataria se tivesse oportunidade.</p> <p><b>10.</b> 0 Não choro mais que o habitual. 1 Choro mais agora do que costumava. 2 Agora, choro o tempo todo. 3 Costumava ser capaz de chorar, mas agora não consigo, mesmo que eu queira.</p> <p><b>11.</b> 0 Não sou mais irritado agora do que já fui. 1 Fico aborrecido ou irritado mais facilmente do que costumava. 2 Agora, eu me sinto irritado o tempo todo. 3 Não me irrita mais com coisas que costumavam me irritar.</p> <p><b>12.</b> 0 Não perdi o interesse pelas outras pessoas. 1 Estou menos interessado pelas outras pessoas do que costumava estar. 2 Perdi a maior parte do meu interesse pelas outras pessoas. 3 Perdi todo o interesse pelas outras pessoas.</p> <p><b>13.</b> 0 Tomo decisões tão bem quanto antes. 1 Adio as tomadas de decisões mais do que costumava. 2 Tenho mais dificuldade de tomar decisões do que antes. 3 Absolutamente não consigo mais tomar decisões.</p> <p><b>14.</b> 0 Não acho que de qualquer modo pareço pior do que antes. 1 Estou preocupado em estar parecendo velho ou sem atrativo. 2 Acho que há mudanças permanentes na minha aparência, que me fazem parecer sem atrativo. 3 Acredito que pareço feio.</p> <p><b>15.</b> 0 Posso trabalhar tão bem quanto antes. 1 É preciso algum esforço extra para fazer alguma coisa. 2 Tenho que me esforçar muito para fazer alguma coisa. 3 Não consigo mais fazer qualquer trabalho.</p>	<p><b>16.</b> 0 Consigo dormir tão bem quanto o habitual. 1 Não durmo tão bem como costumava. 2 Acordo 1 a 2 horas mais cedo do que habitualmente e acho difícil voltar a dormir. 3 Acordo várias horas mais cedo do que costumava e não consigo voltar a dormir.</p> <p><b>17.</b> 0 Não fico mais cansado do que o habitual. 1 Fico cansado mais facilmente do que costumava. 2 Fico cansado em fazer qualquer coisa. 3 Estou cansado demais para fazer qualquer coisa.</p> <p><b>18.</b> 0 O meu apetite não está pior do que o habitual. 1 Meu apetite não é tão bom como costumava ser. 2 Meu apetite é muito pior agora. 3 Absolutamente não tenho mais apetite.</p> <p><b>19.</b> 0 Não tenho perdido muito peso se é que perdi algum recentemente. 1 Perdi mais do que dois quilos e meio. 2 Perdi mais do que cinco quilos. 3 Perdi mais do que sete quilos.</p> <p><b>20.</b> 0 Não estou mais preocupado com a minha saúde do que o habitual. 1 Estou preocupado com problemas físicos, tais como dores, indisposição no estômago ou constipação. 2 Estou muito preocupado com problemas físicos e é difícil pensar em outra coisa. 3 Estou tão preocupado com meus problemas físicos que não consigo pensar em qualquer outra coisa.</p> <p><b>21.</b> 0 Não notei qualquer mudança recente no meu interesse por sexo. 1 Estou menos interessado por sexo do que costumava. 2 Estou muito menos interessado por sexo agora. 3 Perdi completamente o interesse por sexo.</p>
---	---

## ANEXO G

## Inventário Beck de Ansiedade

BAI \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Ocupação: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Abaixo está uma lista de sintomas comuns de ansiedade. Por favor, leia cuidadosamente cada item da lista. Identifique o quanto você tem sido incomodado por cada sintoma durante a última semana, incluindo hoje, colocando um "x" no espaço correspondente, na coluna próxima a cada sintoma.

	<b>Absolutamen te não</b>	<b>Levemente</b> (Não me incomodou muito)	<b>Moderada mente</b> (Foi muito desagradável mas pode suportar)	<b>Gravemente</b> (Difícilmente pode suportar)
1. Dormência ou formigamento.				
2. Sensação de calor.				
3. Tremores nas pernas.				
4. Incapaz de relaxar.				
5. Medo que aconteça o pior.				
6. Atordoado ou tonto.				
7. Palpitação ou aceleração do coração.				



<b>8.</b> Sem equilíbrio.				
<b>9.</b> Aterrorizado.				
<b>10.</b> Nervoso.				
<b>11.</b> Sensação de sufocação.				
<b>12.</b> Tremores nas mãos.				
<b>13.</b> Trêmulo.				
<b>14.</b> Medo de perder o controle.				
<b>15.</b> Dificuldade de respirar.				
<b>16.</b> Medo de morrer.				
<b>17.</b> Assustado.				
<b>18.</b> Indigestão ou desconforto no abdômen.				
<b>19.</b> Sensação de desmaio.				
<b>20.</b> Rosto afogueado.				
<b>21.</b> Suor (não devido ao calor).				

**ANEXO H****Termo de Consentimento Informado**

Senhores Pais,

A Escola ..... estará colaborando, nos próximos dias, com a realização de um estudo desenvolvido pelo Instituto de Psicologia da UFRGS (de autoria da psicóloga Marúcia Bardagi) que busca investigar aspectos relacionados à escolha profissional dos adolescentes. O momento da escolha profissional constitui-se em um momento importante do final da adolescência, e pode envolver graus diferentes de indecisão e ansiedade. O estudo em questão propõe-se a analisar estes aspectos, e também descrever as interações familiares nesse momento. Para a coleta de dados (na qual os participantes responderão a quatro questionários) será solicitada a participação dos alunos do terceiro ano da escola. Dessa forma, solicitamos sua autorização para a participação de seu (sua) filho(a) como um dos voluntários do estudo.

A participação não acarreta riscos para as atividades escolares dos alunos. Os alunos responderão aos questionários em sala de aula, durante espaço cedido pela escola, que está ciente dos objetivos e procedimentos do estudo. Os resultados da pesquisa serão repassados à escola assim que o trabalho de Mestrado a que se destinam estiver concluído. Este estudo observará todas as recomendações éticas de manutenção do sigilo e da confidencialidade dos dados, que serão utilizados para fins científicos e conhecidos apenas pelos pesquisadores envolvidos. Os pesquisadores responsáveis pelo estudo são a psicóloga mestranda Marúcia Bardagi e o professor doutor Cláudio S. Hutz. Qualquer esclarecimento ou informação adicional pode ser obtido pelo telefone 316 5446.

Agradecemos sua colaboração.

Autorizo a participação do(a) aluno(a) \_\_\_\_\_ no estudo acima descrito.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do(a) Responsável: \_\_\_\_\_

**ANEXO I****Parecer da Comissão de Pesquisa do IPSI/UFRGS**

COMISSÃO DE PESQUISA

Dispositivo de reconhecimento  
de pesquisas psicológica e psicanalítica em andamento

Parecer 007

"Que la luz de una lámpara se encienda, aunque ningún hombre la vea. Dios la verá." (Fragmento de **Fragmentos de um Evangelio Apócrifo** de Jorge Luis Borges)

"É muito pouco ser conhecido pelo nome da chamada. É preciso fazer-se conhecer pela Comunidade dos Pesquisadores" (Caon/2000).

A COMISSÃO DE PESQUISA DO IPSI/UFRGS reconhece o projeto de dissertação de mestrado de MARÚCIA BARDAGI, "Os Estilos Parentais e sua Relação com a Indecisão Profissional, Ansiedade e Depressão dos Filhos Adolescentes", sob a direção do Prof. Dr. Claudio Simon HUTZ e da Banca Examinadora, composta pelos seguintes doutores: Prof. Dr. Jorge SARRIERA, (PUCRS); Prof. Dr. William B. GOMES (UFRGS); relatora Profa. Dra. Tânia M. SPERB (UFRGS).

A COMISSÃO ainda refere que o dito projeto (ver notícia abaixo) recebe o "DECET" e que se encontra apto para prosseguir em sua realização.

Porto Alegre, 23 de julho do ano da graça de 2001.